

NONO
O DIZER

ELVIRA
VIGNA



COMPANHIA DAS LETRAS

ELVIRA VIGNA

Nada a dizer



NADA A DIZER

O dia 16 de novembro

No dia 16 de novembro, Paulo abriu os olhos e voltou-se para a nesga de luz que passava pelas duas cortinas — a mais pesada, de um plástico cinza, e a mais leve, de um tecido branco transparente que ficava por cima da outra. Permaneceu assim por alguns momentos, antes de iniciar o preparo para que o resto todo de seu corpo pudesse acompanhar os olhos e sair do quarto escuro, pequeno e já cheio de ruídos: alguém que ligava a televisão no quarto ao lado; o carrinho da arrumadeira, ameaçador, no hall; o tlim do elevador. Primeiro, fez uma inspeção mental básica no estômago e na boca. Não, nenhum vestígio do mal-estar da noite anterior, em que, depois de comer um x-tudo no bar da esquina, vomitou e cagou a alma. E, ao falar para si mesmo essa frase, poderia ter achado engraçado: a alma. Seria oportuno, rá, rá, se livrar da alma na véspera. Mas Paulo não era uma pessoa de muitas reflexões. Isso normalmente. Naquela hora, então, é que não havia de fato lugar para elas. Depois do estômago foi a vez do joelho, e, nesse, a inspeção não poderia ser apenas mental. Então Paulo esticou a perna, dobrou e tornou a esticar. Nada de muito ruim. A dor nas costas, com a hérnia de disco, estava como sempre quando ele acordava: existente. Mas, no decorrer do dia, com os movimentos, tendia a se estabilizar. E, depois disso, como se já se sentisse cansado — e o motivo do cansaço seria, então, o simples fato de ter joelhos, estômago e costas —, ele ainda ficou, os olhos agora mirando a escuridão, a ouvir o tique-taque do relógio grande, feio, da mesinha de cabeceira. Ficou ouvindo o tique e o taque e o tique e o taque, em sua previsibilidade, enquanto dava um tempo para que a arritmia se manifestasse. Esse era o único sintoma de sua cardiopatia, para a qual tomava quilos de remédios cotidianamente.

O dia começava.

Depois, já andando na praia em direção ao Posto Seis, seu corpo e seus mais de sessenta anos ficaram esquecidos. Andar sozinho por cidades

desconhecidas era sempre um imenso prazer. Andar de ônibus ou de carro por estradas que o levassem a lugares desconhecidos, mais ainda. O Rio de Janeiro não era desconhecido até bem pouco tempo. Tinha ficado. Paulo saíra de lá, com toda a família, não fazia um mês. Mas, se a cidade continuava a mesma, ele já era outro. E, entre seus pés e as calçadas, agora surgia uma distância alegre de quem não tem mais nada a ver com aquilo.

Isso, devagar porque tinha tempo, para a casa de um ex-colega de um de seus inúmeros trabalhos. Melhor dizendo, profissões. Não que tivesse buscado isso. Não que em algum momento de sua infância tivesse se dito Vou ser o que pintar, fazer o que me der na telha. Simplesmente aconteceu assim. A vida volta e meia o tirando de uma trilha e o pondo em outra. Nesse caso, a trilha, ou, melhor dizendo, a avenida Atlântica, o levava para a casa de um cara chamado Pedro Correa, mais conhecido por Pecê, seu fornecedor de maconha. Entre o Pedro e o Correa, e mesmo depois do Correa, havia mais nomes. Mas Pecê era uma palavra engraçada de ser dita nas salas de mobiliário com design ergonômico e tapetes grossos da empresa de marketing onde ambos trabalhavam. E Pecê ficou. Era um sujeito baixo e gordinho, que morava num grande apartamento de frente para o mar, com a mulher e, de vez em quando, com um de seus filhos já adultos e independentes mas que, por um motivo ou outro, pernoitavam com frequência na casa do pai. Era ele o correspondente atual e possível das figuras da juventude de Paulo, todas muito mais fascinantes e românticas, com uma maconha também muito mais divertida e grupal. E, se Paulo fosse dado a pensamentos, aqui também haveria um. Pois o PC, Partido Comunista, no qual Paulo militara em sua juventude, se via assim transformado num aposentado rico, que curtia maconha menos do que dizia curtir, e que o fazia porque sentar-se na sala com um ou outro filho e oferecer um cigarrinho era sua maior possibilidade de se sentir próximo.

Não havia muito papo entre Paulo e esse seu ex-colega. Tinham trabalhado juntos — não há muito que falar sobre isso, além de um Você tem visto o fulano? Você soube que o sicrano. Quem? O sicrano, aquele do departamento tal. Ah. Pois ele, não sei se você soube. O que tem duração pequena por mais que se esprema. Até que Pecê se levante do sofá, diga o aguardado Vou pegar, e volte logo depois com um pacotinho e um cigarro já preparado na mão, para que fumem um pouco, os dois, conformados ambos com o fato de que a proximidade geográfica e aleatória é tudo o que há. Ficarão por um tempo encostados no peitoril da janela enorme, vendo o horizonte, ali, imutável, do jeito mesmo que era quando ambos, ainda jovens, levavam, lá embaixo, na calçada, vidas muito diferentes uma da outra. E, diante desse horizonte imutável, ambos fumarão essa maconha esforçando-se para que ela também fosse imutável. Mais do que o horizonte, a maconha ajudava-os a pensar que o tempo não havia passado e ainda havia muita vida pela frente.

Mas Paulo pousava o peso do corpo ora em uma perna ora em outra. Para obter a maconha de Pecê, ele precisava compartilhar o clima de Pecê — a janela, os móveis pesados, o apartamento antigo e caro —, e Paulo não era essa pessoa.

(Muito do que aqui se está a falar é sobre que pessoa é Paulo.)

Mas Paulo, indo de uma perna à outra sem sair do lugar, falou afinal o que ele tinha para falar, a frase-troféu, a apoteose, o segundo motivo de sua visita.

“Tem uma mulher aí me enchendo o saco, querendo dar para mim.”

Pecê foi mais bem-sucedido que Paulo no emprego que compartilharam por alguns anos na multinacional. Nela, qualquer que fosse o cargo, o importante era ostentar perfil adequado à venda. Marketing. Com seu anelão, conversa mole e profundamente *mainstream*, Pecê e, aliás, todos os seus colegas eram melhores no papo com os clientes, nas risadas e nos tapinhas nas costas do que Paulo jamais seria.

Rá, rá, riu Pecê. E deu um tapinha nas costas de Paulo.

E depois, sério:

“Ah, quando elas se tornam muito insistentes, é muito chato mesmo.”

Acabaram de fumar a maconha, agora Paulo se sentindo melhor, os cotovelos encontrando um nicho na madeira do peitoril, um pouco carcomida pela maresia. Paulo sempre tinha querido dizer o que acabara de dizer — e ele virava e revirava a frase na sua cabeça, gostosamente. Nos almoços das quintas-feiras que o grupo organizava no restaurante ali embaixo, havia sempre um ou outro colega que falava de seus casos com mulheres. Rara a semana em que não havia casos novos a serem aludidos, e que eram comentados apenas com frases curtas, jamais perguntas, e sem detalhes concretos, substituídos por risadas, muxoxos e o alcear de sobrancelhas. Paulo nunca tinha tido amantes. Algumas garotas de programa sim, quando viajara, havia muito tempo, com esse mesmo grupo para outras cidades, Brasília, Recife e principalmente São Paulo. São Paulo, para onde agora tinha se mudado. Estar morando em São Paulo excluía até mesmo de sua imaginação — já que na prática garotas de programa não eram mais uma presença real em sua vida — o rico plantel de boates e putas da rua Augusta, a uma quadra de sua nova casa. Pois era importante para Paulo que seus escapes, como denominava trepadas ocasionais, se dessem em cidades diferentes daquela em que morava. Sentia-se mais seguro assim. Era mais fácil de compartmentar, de escondê-las até de si mesmo.

Amante, ia ser a primeira.

O mal-estar da noite anterior, inclusive (ele aventaria depois), bem poderia ter sido um ataque de pânico sem participação de um afinal inocente x-tudo. Pois na noite anterior, ao meter a chave na porta do quarto do hotel e se jogar na cama, enfim sozinho, ele já sabia que no dia seguinte iria trepar com N.

“Vamos almoçar juntos amanhã?” E os peitos, quase totalmente fora do

decote, roçavam seu antebraço no quiosque deserto da praia. Os peitos sem ter nenhuma dúvida quanto à resposta.

“Vambora.”

“Onde você quer?” E os ouvidos de Paulo escutavam essa pergunta em outro contexto, onde ele ia querer? Ah, ele ia querer em tudo.

“No Mario’s?”

A mulher endureceu. Apagou o cigarro no cinzeiro da mesa, num gesto decidido. O Mario’s, ela explicou, era onde ela levava clientes da firma de importações-exportações que mantinha com o marido, para almoços de negócios.

“O nosso almoço vai ser de negócios?” E riu os dentinhos de rato.

Combinaram então o restaurante do Posto Seis, embaixo da casa do Pecê, que era o primeiro e urgente destino a ser alcançado, *first thing in the morning*. *First thing in the morning* porque Paulo pensava com palavras que eram as suas, uma mistura bem particular de inglês e português. Era a mistura que ele começara a incorporar desde a época em que cantava com voz nasalada e olhos fechados, dobrado em cima de seu violão, músicas de Bob Marley. E que continuaram, essas palavras misturadas, em suas várias vidas, sedimentando-se numa tonalidade diferente, tipo business, na sua estada na multinacional. No tempo presente, elas vinham com um tom irônico, pois Paulo, no momento, era tradutor.

Aguardando a futura amante no restaurante quase vazio, Paulo escolheu a mesa que costumava usar nas dezenas de vezes em que lá estivera com seus ex-colegas. Ouviu com prazer o barulho da cadeira de metal arrastando em cima das pedras portuguesas do chão. Pareceu-lhe um olá de conhecidos. Sentou, disse ao garçom que esperava alguém, pôs a mochila com seu pacotinho de maconha na cadeira ao lado.

Depois mudou a mochila. Era melhor deixá-la na cadeira na sua frente, para que a cadeira ao lado ficasse vaga.

N. saltou do táxi com suas coxas roliças e caminhou até ele. Essa caminhada, passo por passo, não era uma caminhada. Era a implementação de uma imagem. Era uma ação estudada, matemática, calculada. A imagem que N. estabelecia com essas suas saídas de dentro de táxis era a de uma mulher segura, que sabe o que está fazendo. Nesse caso, N. o sabia duplamente. Ela era uma mulher que sabia estar indo ao encontro daquele que ela havia escolhido para amante e ela era uma mulher que sabia que andar com a aparência de segurança era excitante. Paulo hesitou e se levantou para beijá-la.

Pediram frango à passarinho e cerveja.

Ficaram em amassos entre um alho e outro.

Mais amassos.

Num amasso, Paulo, desajeitado, derrubou cerveja. Riram. Enxugaram-se com guardanapinhos de papel que grudavam não só na cerveja como no suor que

estava por baixo da cerveja. Pois suavam. Paulo riu mais, mais do que gostaria.

Não é fácil o caminho até o sexo.

Principalmente quando se imagina um sexo desavergonhado, bruto, sem prolegômenos, e o que se tem em frente é a cara bem conhecida de uma velha amiga e colega de profissão. Pois Paulo e N. se conheciam havia cinco anos.

Não é fácil. A que horas daria para dizer Agora vira e abre bem as pernas. A que horas daria para dizer Então vamos.

“Então vamos.”

E a realidade nunca está à altura.

Depois do Então vamos — que deveria encerrar uma cena e, corte, ação, grudar em outra, eles já nus, gritos, pernas abertas —, ainda houve todo o intermediário, o mingau que a tudo arrefece. Pois não foi possível levantar e sair aos pulos de canguru até o horizonte, logo ali.

Não.

Foi preciso esperar garçom, conta, maquininha de cartão de crédito e recibo de cartão de crédito.

Mas foram.

No táxi, a ordem saiu automaticamente, afinal era o único motel que Paulo conhecia.

“Vamos para o Sândalo, na São Clemente.”

Desses momentos — há um motorista de táxi esperando para saber aonde ir — de definição impostergável sobre quem é o macho, quem é a fêmea. Era Paulo quem tinha de dizer para qual motel iriam. Uma pergunta do tipo Você conhece aí um motel legal, benhê?, e nem seria o caso de continuar o caminho.

Esse era um motel velho conhecido de Paulo, o único conhecido.

Foram.

Treparam.

N. com mais desenvoltura que Paulo. Luz acesa, cortina semiaberta, uma nudez sem problemas, peitos, bunda, boceta, ali, às claras. Prometia. Mas Paulo iniciava com beijinhos, carinhos, palavras de afeto. Odiando-se por isso, sem saber como sair disso. N. também maneirava nesse primeiro dia, sem querer parecer puta, sempre um risco em situações como a sua.

Fizeram um papai e mamãe e depois ficaram por ali, nus, fumando o mesmo cigarro, retomando as conversas que tinham havia tanto tempo, nos almoços e cafés marcados, sempre a sós, quando falavam sobre programas de tradução, tradutores amigos, novos clientes etc.

Ficaram trepando, sempre numa tentativa de sair de um limite que, justamente por existir, era o que criara o encontro.

E depois foram embora, pedindo dois táxis. N. foi para a casa dela, Paulo para o hotel.

No hotel, o telefonema habitual, feito sempre, em todas as viagens, desde

que o mundo é mundo:

“Oi, querida, tudo bem por aí?”

E que ele ainda ia sair para comer alguma coisa e depois ia dormir cedo porque estava cansado.

Foi esse o dia 16 de novembro.

O dia 16 de novembro, na verdade, havia começado no dia 15. Que foi quando Paulo chegou à rodoviária do Rio e encontrou N. lá para buscá-lo. N. o beijou e disse que só ele mesmo para fazê-la ir a um lugar tão brega quanto uma rodoviária. Paulo não explicou como era bom estar numa janela que lhe mostrava, por cinco horas, coisas que ficavam para trás. Entraram no carro caro dela, e de lá foram ao hotel de Paulo, largar a mala. Naquele fim de dia andaram pelo calçadão, num preparo desajeitado, de esbarrões, olhares significativos, apertos de braço, chupões em quiosques vazios, mãos chegando perto de peitos e pau, num cerca-lourenço para o que só iria acontecer no dia seguinte.

Então, quando Paulo disse no telefone que ia dormir cedo porque estava cansado, ele se referia ao cansaço da passagem, entre sua vida anterior e a nova, e que era uma passagem que tinha durado dois dias.

E o Vou dormir cedo tinha outra utilidade, além de denotar essa passagem. Queria dizer Não me ligue de volta.

Bobagem. Mesmo sem isso não haveria ligações de volta. Nunca havia.

Era o motivo da viagem ao Rio, o churrasco com direito a futebol do dia 17 de novembro. Tratava-se de uma comemoração de fim de ano que reunia, há muito tempo, um grupo de ex-funcionários da multinacional onde Paulo trabalhara. Paulo não se ligava em futebol, não conhecia o nome de um jogador sequer, não acompanhou, nunca em sua vida, partidas e campeonatos. E, uma vez convocado a compartilhar o lameiro retangular onde maltratavam a bola, Paulo era um desastre. Não que ele não apreciasse o ritual masculino de se pegarem uns aos outros, rolarem um em cima do outro. Não que ele não achasse ótimo berrar, exprimir uma emoção que em outros momentos consideraria inapropriada. Não, ele achava bom. Mas, talvez até porque achasse tão bom, esquecia-se da bola e nela chegava sempre atrasado.

Mas esse era o grupo possível, o que existia, o único que restara desse seu emprego. E ele ia ao churrasco todo ano.

Chegava cedo e era um dos últimos a sair. Perguntava-se às vezes, ao vê-los de longe, se aqueles homens poderiam ser de algum modo parecidos, se seria possível considerá-los de algum modo parecidos com os que, havia muito tempo, formavam outro grupo. O grupo em que, mesmo sendo um rapazinho recém-chegado de Minas, ele se sentia de fato à vontade. Mas essas pessoas, desse grupo distante, tinham sumido, junto com toda uma maneira de viver. Havia muito tempo.

No fim desses programas anuais, bêbado e sem ter chegado perto da bola, ele desabava no carro de alguém que o levava para casa.

Não seria assim dessa vez.

Nesse 17 de novembro, Paulo chegou, cumprimentou e ficou num canto, olhando o relógio. Obrigou-se a comer pouco e beber menos ainda. Fumou mais da maconha do Pecê.

E viu, pela primeira vez em todos esses anos, formar-se em volta dele um

grupo mais íntimo, que, com poucas palavras e algum balançar de cabeça, compartilhou, mais no silêncio que na informação, a entrada, afinal, de Paulo na irmandade.

“E aí, foi bom?”

Uns tapinhas nas costas.

Paulo puxou a fumaça e, no bico da boca, expelindo-a, expeliu também a confirmação de que tinha sido muito bom.

Mais tapinhas nas costas.

O primeiro a sair deixou-o no Leblon. Antes, ainda com o grupinho por perto, Paulo pegou o celular, ao saber que um carro já ia descer. Avisava N. que estava saindo. Nessa hora, ele andou uns passos, discreto, para uma direção, e os outros, também discretos, companheiros, deram outros passos, na direção oposta. Paulo desceu, no banco do carona, as curvas da avenida Niemeyer, como quem desce o caminho para uma riviera francesa, uma ilha grega, um país estrangeiro, ele estava indo para o país dos homens felizes, os que nascem de novo a cada dia.

O carro do colega que lhe dava carona era um modelo que Paulo pensava em comprar. Tinha tomado a decisão de afinal trocar o seu. Velho, com a pintura manchada, o carro se tornara um motivo de constrangimento. Seus colegas tinham todos carros melhores que o dele.

Desceu a Niemeyer, então, fazendo perguntas sobre a potência de um motor que antecipava como sendo seu, sobre a maciez de uma embreagem que já imaginava pisar e ela, maleável, obedecer. E, no eco interno das perguntas que fazia — Mas dá quanto na reta? —, outras potências e maciezas que estariam ao seu alcance bem antes que as do carro.

O café do Leblon, local marcado para o encontro com N., seria necessariamente um cenário de bons modos, contenção, civilidade. Afinal, era um café e era no Leblon. E era sábado, início da tarde. Muitas pessoas na rua.

N. cruzou as pernas, fumou o cigarro olhando para tudo e para todos. Uma mulher que toma um café com um amigo numa mesa do Leblon. Qual o problema?

De lá, café tomado, voltaram ao Sândalo. Ficaram muito tempo no Sândalo nesse dia. Em dado momento, Paulo quis ir embora. N. reclamou.

Por que a pressa?

Ficaram mais, treparam mais. Algumas das vezes, ele em cima dela, entrando e saindo sem gozo a se anunciar para nenhum dos dois, Paulo pensava em como fazer para terminar com aquilo, caso nenhum dos dois gozasse. Como seria:

Escute, vamos combinar, mais dez entradas e saídas do meu pau na sua boceta, e a gente interrompe para um cigarro, está bem?

Mas o que seria um constrangimento, uma falta de jeito entre eles, nunca chegou a se instalar, nem nesse dia nem em nenhum outro. N. é uma pessoa que

pode falar muito, emendando assuntos e brincadeiras. E esse outro silêncio, o formado por palavras e risos esquecíveis, encobria aquele que poderia mais constrangê-los. Quando se avizinhava um momento em que seria necessário olhar um para a cara do outro, havia sempre qualquer coisa para falar. Ou fazer. Com mãos, bocas, pau e boceta.

N. falava, eles trepavam, e Paulo sonhava. Ele se sentia, ainda com certeza nesse segundo dia do seu caso com N., mas talvez até o final do seu relacionamento, como alguém cheio de possibilidades a serem vividas. Sem pesos, podendo falar e rir à vontade. N. não tinha crítica alguma a respeito dele. Ele podia dizer que, no dia seguinte, iria virar camelô, e ela diria Ahn, ahn. Tudo o que viesse dele era ali aceito na lata, sem conotações, passados, lembranças, ilações, sinapses e julgamentos. Ele podia falar e fazer, e ninguém diria nada ou faria cara de quem tivesse uma opinião a dar, opinião que podia ou não ser favorável.

N. manteve isso para Paulo. Essa acolhida. Quase sempre. Por raras vezes, e logo se apercebendo e voltando atrás, ela reclamou de algo. Era em geral porque ele queria ir embora, sair do quarto fechado onde ficavam horas a fio.

Para Paulo, nascer de novo e ter tudo pela frente combina mal com ficar em quartos fechados.

Nesse dia 17 de novembro, quando eles enfim foram embora, já era muito tarde.

Paulo, que tirara o relógio para trepar, pensara já por diversas vezes em olhar as horas, mas não o fizera, com medo de parecer indelicado. Esperava uma oportunidade. Um momento em que N. fechasse os olhos ou se virasse ou fosse ao banheiro. Mas nada disso aconteceu. Então, em dado momento, virou-se ele. Pegou o relógio e olhou as horas. Eram três e meia da manhã.

“Nossa! São três e meia!”

E olhou para ela, perplexo.

“Você vai ter problemas?”

N. também se assustou. Não tinham noção de que pudesse ser tão tarde. Ela vestiu a roupa correndo, passou a mão pelos longos cabelos cacheados, num gesto muito dela, sacudindo-os um pouco. Pronto, estava pronta.

“Não sei o que vou dizer em casa.”

Mas falou isso rindo.

Chamaram o garçom. Havia consumido algumas coisas do frigobar. E queriam dois táxis.

Paulo nunca chegou a saber o que N. arranjou como desculpa para o marido, por estar fora de casa até essa hora.

No dia seguinte, quando combinavam pelo telefone mais uma rapidinha pela manhã, antes de Paulo pegar o ônibus de volta para São Paulo, o assunto não rendeu.

“Você teve problema aí?”

“Não, dei um jeito.”

Depois do telefonema para N., Paulo deu o telefonema para a casa dele, o que não havia podido dar na noite anterior.

“Oi, querida, tudo bem?”

Ele disse que no dia anterior tinha desmaiado na cama depois do exaustivo futebol.

Que ainda daria uma andada naquela manhã, antes da viagem, pois era cedo.

E que iria pegar um ônibus de volta no começo da tarde.

“Está tudo bem por aí? Que bom. Beijo.”

Nem quando chegou em São Paulo e me viu, nem nessa hora eu voltei a existir para ele.

A casa ainda estava com os caixotes da mudança no meio da sala, porque havíamos chegado a São Paulo no dia 20 de outubro. Nem um mês antes dessa viagem de Paulo ao Rio. Além de não ter se passado nem um mês, o pouco tempo para arrumações havia sido agravado por outra viagem dele, anterior, no dia 19 de novembro.

Tínhamos decidido nos mudar para São Paulo de repente, que era como decidíamos as coisas. Vontade, desde sempre. Até que um dia dissemos Vamos?

“Vamos.”

E fomos (vimos), com todos os filhos, bichos e plantas.

E até mesmo com tijolos, que guardávamos por ali, para alguma necessidade que poderia ser a de fazer uma estante urgente, armar uma churrasqueira para alguém que chegava na hora do almoço, ou construir um murinho para prender um cachorro visitante em local separado dos gatos da casa. Nosso apartamento no Rio era uma cobertura, com um terraço enorme, de cimento. Um quintal.

O argumento para trazer tudo isso era: se precisarmos de tijolos, é melhor tê-los à mão do que catar um lugar que venda tijolos numa cidade que não conhecemos bem.

Os tijolos, então, estavam num dos caixotes ali na sala.

Tinham sido embrulhados um a um, com cuidado, por um funcionário da transportadora que, em dado momento, sem entender nada, não se conteve e perguntou:

“São tijolos estrangeiros, esses? Assim, do tipo valioso?”

Como estava, também num canto ali da sala, grande quantidade de madeira — tábuas velhas, pedaços que poderiam servir de alavanca, tarugos para apoiar ferramentas.

E também as ferramentas, potes com pregos velhos. Tudo isso por ali.

Porque, nós chegando no dia 20 de outubro, dia 19 de novembro Paulo mantinha uma promessa feita ao neto. Iria levá-lo, e à minha filha, para visitar aquela que chamamos de priminha, que é a sobrinha de Paulo, moradora de Belo Horizonte e com a mesma idade do menino. Paulo e a irmã, pela primeira vez em muitos anos, em telefonemas frequentes e nessa viagem, ensaiavam uma aproximação. Pois as ideias e o estilo de vida de um e outra os haviam separado ainda na juventude. A viagem a Belo Horizonte estava marcada desde o início do ano. Era o aniversário da garotinha, e, mesmo com nossa decisão de afinal fazer a mudança para São Paulo tantas vezes aventada, ele não quis desmarcar.

Foi para Belo Horizonte no dia 19 de novembro, voltou no dia 9.

E no dia 15 de novembro ia para o Rio de Janeiro.

Para o churrasco de seus ex-colegas da multinacional e para a boceta de N., de onde voltou no domingo dia 18, achando que havia descoberto o segredo da felicidade.

Enquanto isso, eu.

Eu estava lá, normal, sendo eu.

Paulo no Rio, se tornando amante de N., eu procurando trabalhos novos em São Paulo. Que foi o que fiz minha vida inteira: ou eu trabalho ou procuro trabalho.

Nesses dias, visitei uma ONG que organizava oficinas com jovens carentes. Marquei um encontro com uma editora que conhecia desde uma das minhas profissões anteriores, na área de livros esotéricos.

E chamei uma antiga amiga para me visitar, sem me lembrar de algo que sempre esqueço, que o mundo tinha mudado e as pessoas mais ainda. Essa ex-amiga veio, com seu novo marido de nome estrangeiro, trazendo duas garrafas de Mumm já geladas, e um buldogue francês educadíssimo que não saía do seu colo. Bebemos em copo de geleia. Falei que os copos verdadeiros estavam numa daquelas caixas, o que era mentira. Não existiam. Eu e Paulo bebíamos nos mesmos copos de vidro pesado fosse o que fosse, nosso vinho de todos os dias, água, uísque ou champanhe. Essa minha ex-amiga, que se mudara para São Paulo havia anos, e que tinha um importante cargo de consultora jurídica em não sei o quê, não mais voltaria à minha casa. Chorava copiosamente, no final do terceiro ou quarto copo grande de geleia cheio de Mumm, ao ver as capas feitas por mim nos poucos livros já na estante. Chorava dizendo que ainda fazia uns esboços de tempos em tempos. Foi levada embora, carregada pelo marido, enquanto berrava, no elevador, que ainda ia voltar a fazer o que gostava. No seu colo, apertado até os olhos saltarem mais ainda do que já eram saltados, o buldogue francês não dava um pio. Parecia acostumado com a cena.

Eles saíram, fui lavar os copos e sentei num dos caixotes, um onde estava escrito Suíte e que muito me intrigava. Nunca soube que eu tinha uma suíte. Havia outro caixote chamado Copa, que também era um mistério. Sentei ali, no meio

dos caixotes e madeiras que virariam móveis. Pois parte substancial dos nossos móveis, e isso desde a primeira casa que tivemos juntos, era construída por Paulo, um marceneiro amador bastante razoável.

Houve mais uma visita nesse período inicial de nossa chegada em São Paulo. Não lembro se foi durante essa viagem do dia 15, ou numa segunda, que Paulo fez logo depois, também para estar com N., e que também tinha uma desculpa parecida: outra festa de fim de ano de outro grupo de amigos.

Essa visita era de uma pessoa da minha família, uma mulher da minha idade, que foi logo sentando nas caixas e falando sem parar. Falava de uma situação difícil que estava vivendo. Seu marido de longa data tinha saído de casa por conta de uma jovem aluna do curso de filosofia em que era professor. Cheia de raiva, minha parenta relatava que seu psicanalista a havia informado sobre uma tal idade do lobo, quando homens saem de casa em busca de sua virilidade em vias de desaparecer. Entre uma bufada que eu não sabia se era para expelir a fumaça do cigarro ou a da raiva, ela andava por entre as caixas, que chutava, e repetia irritadíssima o que o psicanalista dissera:

“Todos fazem isso, todos.”

Retruqueei que Paulo não o faria.

Ela riu, cheia de escárnio.

Depois fui fazer as contas.

No momento mesmo em que eu dizia que Paulo não era homem de ter amante — e minha parenta ria —, Paulo metia seu pau na boceta de N., com todos os Ahn, Ai, Tesuda, correspondentes. Eram as minhas palavras a negar os Ais dele a se somarem aos Ais dele. Um simétrico pentagrama dodecafônico para Stockhausen nenhum botar defeito. Apesar de hoje eu saber dos Ais emitidos por Paulo naquele exato momento, continuo achando que entre o marido de minha parenta e Paulo há uma diferença grande e que é a seguinte: ou Paulo está na idade do lobo desde que nasceu, quer dizer, ou desde que nasceu ele busca sua virilidade evanescente em casamentos consecutivos e variadas atividades profissionais. Ou, mais provável, idade do lobo é coisa que só dá em quem nunca pegou uma estrada, nunca saiu largando tudo para trás, várias vezes. E que, aí, chega aos sessenta querendo, desesperado, fazer alguma coisa.

Minha parenta foi outra que nunca mais voltou à minha casa, ofendida pela desproporção entre o que ela contava sobre o marido e o que eu não contava — porque achava que nada havia para contar — sobre o meu.

Nesse período da nossa chegada em São Paulo, de visitas sem diálogo e caixotes fechados, o que menos me incomodava eram os caixotes. Achava-os divertidos. E a seu empilhamento acabamos dando uma certa lógica: os mais perto de uma determinada parede era onde deveríamos procurar por sapatos e roupas; os que ficavam embaixo da futura estante, claro, estavam com nossos livros. Os caixotes, na verdade, combinavam com o resto — o resto no tempo

presente, o tempo já paulista, a casa como ela era, e o resto no tempo passado de nossas vidas, como éramos, desde sempre. Afinal nunca tínhamos, em nenhuma de nossas casas anteriores, nos dado ao trabalho de organizar um índice único, uma única aparência a um todo que pudesse ser chamado de A Casa. Não havia aparências unificadas, que dessem um sentido nítido e imediato ao ambiente. Cada um de nós sempre teve seu armário, sua estante com seus próprios livros. Até mesmo nossos filhos, quando se mudavam para seus próprios apartamentos, ainda mantinham, na nossa casa, cantos em que deixavam coisas como papéis, tênis ou escovas de dentes. E até mesmo na geladeira costumávamos estabelecer que tal gaveta era para os chocolates de fulano, tal prateleira para o queijo de sicrano. E até mesmo os pães de fôrma, que cada um gostava de determinado tipo ou marca, coexistiam sem outra lógica a não ser a da própria coexistência, três, quatro pães diferentes, em cima de uma pia sempre cheia de coisas.

Quanto às visitas, a falta de diálogo nas minhas tentativas de me socializar com os da terra também tinha seu lado divertido, embora menos.

Quer dizer, eu achava que estava tudo bem entre mim e Paulo. Nossos filhos também estavam bem. Tínhamos vindo para São Paulo, o que me parecia ótimo. Eu só precisava arranjar trabalho. Quanto aos caixotes e visitas, fechados uns e outras de forma até parecida, bem, isso me parecia divertido.

Mas, por uma questão de praticidade, estava ansiosa para que as viagens já programadas e mantidas por Paulo terminassem. Que ele afinal acabasse de montar e arrumar as coisas que dependiam dele. Nos mudamos com dois de nossos filhos adultos acampados conosco, pois o apartamento deles ainda não havia ficado pronto. Outros filhos já tinham vindo poucas semanas antes e estavam instalados. Minha filha, a primeira a chegar, era a mais organizada de todos, com o menino dela já matriculado na escola e o marido com emprego já em rotina diária.

Trabalhávamos todos juntos, e esse era o motivo a ser dito de termos vindo para São Paulo todos juntos. O motivo de termos vindo, juntos ou não, era mais difícil de explicar.

Vimos porque deu vontade, como às vezes nos dava, de simplesmente ir embora, sair, fazer outra coisa, em outra cidade. E isso desde a época em que Paulo morava numa república com mais umas dez ou doze pessoas, e eu num apartamento que era o meu, com mais outras tantas. Ele sócio num grupo de teatro, eu sócia numa editora — grupo de teatro e editora juntando pessoas com os mesmos modelos de roupa rasgada, o mesmo hábito de beijar na boca e ir para a cama em novas paixões que pipocavam todos os dias. De lá para cá, ficaram para trás algumas décadas e algumas cidades: Petrópolis, Rio, Vassouras, Nova York, Rio outra vez. Agora estávamos em São Paulo. Mudar era bom.

Então eu entendi o surgimento de N. Não é que não tivesse entendido, não era esse o problema. Porque eu entendi Paulo e sua busca. A vontade do tudo

novo, eu também tinha.

Entendi.

Ou melhor, entenderia ao saber, porque demorei a saber.

Porque no dia 18 de novembro Paulo chegou como sempre chegou, de todas as viagens que fez em toda a sua vida, por conta de trabalhos pessoais ou como funcionário de empresas, tendo sido ele técnico de computação, professor secundário, professor universitário, ator, músico, professor de cursinho profissionalizante, militante clandestino de grupos contrários à ditadura e tradutor. No dia 18 de novembro, vindo do Rio, e da boceta de N., Paulo chegou bem.

E mentiu por três meses.

O que ele não disse nesses três meses, e depois disse, foi o seguinte:

Que, ao pisar na rua no dia 15 de novembro, indo em direção ao Terminal Tietê com sua mochila nas costas, telefonou para N. do celular com linha do Rio, que ainda mantinha e manteve por muito tempo. Telefonou para avisar a que horas pretendia pegar o ônibus, porque ela iria buscá-lo na rodoviária.

Que, antes disso, desde sua viagem a Belo Horizonte, telefonava com frequência maior que a habitual para ela, num papo que saía significativamente do padrão que mantinham até então, de amigos próximos. Que, em Belo Horizonte, ele esperava a irmã e a sobrinha saírem de casa, com minha filha e o filho dela, para poder ligar para N. com privacidade. Nesses telefonemas, já um pouco da malícia que havia desde sempre — mas que permanecia encoberta, não direta — era explicitado na alegria manifestada por ela a cada ligação dele.

Que, ao chegar a São Paulo vindo de Belo Horizonte, Paulo sistematicamente, todas as noites, depois que eu ia para o quarto em meu velho hábito de ler antes de dormir, ligava o Skype para trocar mensagens de mais de uma hora com N. E que nessas mensagens o tom já subia de temperatura em frases como:

(Ela) “Ainda te dou uns amassos, hein!”

(Ele) “Pode vir que tem.”

O que era uma resposta de Paulo ainda na margem da dubiedade entre o que havia para ser falado — afinal, o que há para se responder a uma proposta de amasso — e já o início de fantasias mais concretas, de bunda, peitos, boceta, tudo muito grande e muito escancarado.

Paulo também não me disse, nesses três meses em que tentou encobrir seu caso com N., que tinha visitado nosso velho motel Sândalo, que tantas boas lembranças havia me proporcionado.

Pois era no Sândalo que eu e ele costumávamos ir.

Nosso apartamento do Rio era perto desse motel, também em Botafogo. E sempre moramos, desde que nos conhecemos, com algum filho — ou meu, ou dele, ou nosso. E mais: sempre trabalhamos, ou um ou outro ou ambos, em casa, com tudo o que isso acarreta de gente que entra e sai a qualquer momento,

parceiros de trabalho, mensageiros com papéis para pegar ou entregar. Enfim. Então, desde sempre foi isso, mesmo em outras casas: tínhamos os nossos esquemas para quando quiséssemos trepar no meio do dia, ou mesmo à noite, pois nossas casas sempre foram uma zorra — não só a atual.

O Sândalo tinha sido o local adotado por nós durante o período em que moramos na cobertura de Botafogo, antes de irmos para São Paulo. Minhas lembranças do local eram das mais alegres. No meio do dia, em algum canto da casa, a bolinada e a proposta de Topas um Sandalinho? E lá íamos, com a roupa de ficar em casa, chinelo de dedo, e o carro, nos últimos tempos, já com a cadeirinha de bebê de meu neto. Avisávamos para quem lá estava Vamos dar uma saída, e saíamos, rindo, brincando, em direção aos quartos com seu falso luxo, seus pernilongos, seu cheiro de mofo. E os cacarequinhos de brinde de qualquer motel: xampus, sabonetinhos, camisinhas. E o secador de cabelo que merecia sempre uma brincadeira nossa a respeito de amantes escusos que precisavam secar o cabelo antes de voltar para casa, para seus esposos e esposas.

Numa das vezes que lá estivemos, pagamos no guichê de saída, e a moça da guarita, de brinde, me deu uns bombons, junto com o recibo. Voltei comendo os bombons com grande prazer e pressa, para que acabassem antes de vencermos os poucos quarteirões que separavam o motel de nossa casa. Os bombons eram embrulhados num papel que dizia Motel Sândalo. E, com a boca cheia e às gargalhadas, comíamos para não ter de explicar a nossos filhos adultos o que um bombom onde estava escrito Motel Sândalo estava fazendo lá em casa.

Depois, quando todo o trauma que foi o caso de Paulo com N. acabou — se é que dá para falar que um trauma acaba —, essa foi uma das questões que não acabaram.

Perguntei e perguntei muitas vezes:

“Você não lembrou de mim, ao entrar no Sândalo com N.?”

A resposta sempre foi não.

E isso eu nunca pude entender.

O dia 29 de novembro

Naquele fim de ano havia outra festividade que Paulo não queria perder no Rio.

Outro grupo, dos muitos.

Era o almoço anual da sua turma de formandos de engenharia. Paulo não havia propriamente se formado. Final da década de 60, ele, afundado na luta política, ficou devendo uma matéria — e não se formou. Não era esse o único motivo para a ausência do diploma. Ele dava aulas para se manter, o que o obrigava a matar outras aulas. E também tinha um violão e muita preguiça. Por tudo isso, então, e porque um de seus primeiros empregos demonstrou uma tolerância característica da época para situações pouco definidas, ele assumiu um cargo de engenheiro numa firma, sem na verdade poder. Depois de alguns anos começaram a cobrar. E ele precisou catar o professor da matéria que faltava. Combinou uma formalidade em que entrava um teste escrito a ser feito na casa do próprio professor, e foi assim que Paulo conseguiu seu diploma.

Eu nunca chegaria a obter o meu.

Mesmo quando ainda morávamos no Rio, Paulo ia sozinho a esses almoços.

Ja já há alguns anos, desde que tinha sido pinçado, pela internet, pelo organizador do encontro — um desses muitos indivíduos com um dom especial para a sociabilidade, coisa totalmente ausente em Paulo. Que, por isso mesmo, sempre estava disposto a vencer esse seu limite, levando sua presença e suas frases-coringa para todos os grupos que o chamassem.

O almoço ia ser no dia 30 de novembro.

No dia 29 cedo, Paulo saiu de casa com sua mochila e seu telefone do Rio.

Da rua, ligou para N. para avisar do seu horário de chegada na rodoviária carioca. Ela foi buscá-lo outra vez. Mas, nessa segunda chegada ao Rio, constrangimentos iniciais já vencidos, foram direto para o Sândalo. O hotel dele,

em Copacabana, estava pago pela internet, o que garantia a reserva a qualquer hora da noite.

Foram. Treparam.

Pediram, de jantar, o menu do dia, que era um ninho de tiras de batata com camarão. Não estava bom. O sexo também não. Mas a promessa de viver algo sem compromisso, aberto a qualquer possibilidade, continuava viva e muito forte. Paulo se via sozinho em outra cidade. Ainda havia um tudo que poderia acontecer. Ele mencionou que gostaria de uma chupada. Houve uma tentativa da parte dela, sem entusiasmo. Ele tentou algo parecido, sem que ela pedisse. Mas a prática não engrenou do jeito que ele esperava. Ele ofereceu um cigarro de maconha. Ela deu umas baforadas poucas e falou que já estava bom. E, para Paulo, havia ainda a questão de ficar horas e horas dentro de um quarto fechado. Mesmo depois de ter trepado e trepado, o que para ele meio que terminava o programa. Pois, se já tinha trepado, agora ele queria sair.

A proposta estabelecida entre eles era que o caso que iniciavam não iria interferir de modo algum na vida e no casamento de ambos. N. tinha um casamento de quase vinte anos e dois filhos adolescentes. Segundo ela, seu marido era o homem da vida dela, e ela demonstrava não estar disposta a abrir mão de seu status de esposa e mãe, abrir mão de sua casa, de seus amigos e de sua participação como sócia da empresa do marido. Abrir mão, enfim, de sua vida montada e funcionando.

Depois disso iria mudar, com ela confessando ter sempre pretendido um relacionamento estável com Paulo, ele substituindo o marido.

Mas acho que primeiro ela precisava ter certeza de que Paulo estava apaixonado e querendo a mesma coisa. E, nas conversas com ele, falava já dos filhos e do esporte que os filhos praticavam. Citava conversas com seus familiares, punha-o a par de doenças de irmãos e irmãs e de fatos que aconteceram com eles, numa prévia do que poderia vir a ser um futuro companheiro, um Esse é o Paulo de quem eu já falei.

O novo homem, a ser apresentado a todos.

Para isso, ela aguardava o momento em que Paulo ficasse apaixonado.

N. vem de família de médicos ortopedistas, com uma grande e famosa clínica voltada para a medicina esportiva em Copacabana. A firma dela com o marido tinha, como principal atividade nessa época, a importação de material cirúrgico — usado inclusive na clínica familiar. Afastada havia muito das atividades diárias no escritório da empresa, ela ocupava o tempo vago fazendo traduções médicas para editoras especializadas — um ramo do qual Paulo nada conhecia. Mas havia coisas em comum entre eles, claro. Discutiam ferramentas computadorizadas de tratamento de texto que Paulo utilizava e poderia explicar a fundo, trocavam fofocas sobre outros tradutores que faziam parte, como eles, de grupos de discussão pela internet. Era esse o estofó dos cinco anos que se

conheciam, a facilitar algumas coisas, dificultar outras.

De suas traduções propriamente ditas, N. costumava falar também comigo. Sou tradutora, entre outras atividades, e faço textos bissexto para uma farmácia de manipulação que exporta extratos da flora brasileira para a Europa. Para essa mesma farmácia também faço o desenho de seus rótulos enfeitadinhos, com arabescos que ressaltam nomes num latim fajuto, do tipo SNS *Floralis*, *Expectorum Suabilis*.

Eu frequentava um dos grupos de tradutores no qual N. e Paulo eram bem assíduos. O grupo se chamava Caça-Palavras, o que nos primeiros encontros me parecia um nome bobinho, infantil mesmo. Até que descobri que, depois de algumas horas no bar onde se davam as reuniões, todos caçávamos não só palavras mas principalmente o sentido delas, em tentativas desconexas de perseguir algum pensamento mais reto, ou, na ausência de pensamento, uma linha reta que fosse, capaz de nos levar até a porta do estabelecimento e seu temível degrauzinho. Nessas reuniões, eu me encolhia à mesa, com a mediocridade de meus rótulos sempre iguais e seus nomes de plantas em latim. E N. discorria sobre sua familiaridade com diagnósticos e remédios para qualquer mal-estar, e com substâncias e injeções que, dizia, podiam matar qualquer um, e só quem procurasse pela substância específica e rara iria descobrir o crime. Ataque cardíaco instantâneo, dizia, rindo. Esse era um dos campos em que N. contava vantagens, como, aliás, é comum em quem é próximo desse culto secreto que é a medicina. Havia outros campos em que ela também contava vantagens.

Hoje eu não saberia dizer se N. falou de fato muitas vezes nessas facilidades de assassinato, ou se fui eu, depois de saber da morte do marido dela, que recuperei esses papos da memória, já inserindo neles o que talvez, na época, não estivesse lá.

Outro assunto constante de N., e que também denotava uma competição comigo, eram os filhos. Eu me dizia arrependida de, mãe adolescente que fui, não ter sabido cuidar melhor de bebês, deixando-os sempre um pouco largados pelas casas em que habitava, na maioria dessas casas já com a presença de Paulo e de mais crianças, essas dele.

N. sempre dizia como tinha sido excelente mãe e como seus filhos eram fantásticos e excelentes esportistas, os dois meninos se tornando homens com H maiúsculo. Era como dizia.

Nesse 29 de novembro, na segunda viagem de Paulo ao Rio, agora ele e N. definitivamente no papel de amantes, eles continuaram a falar, pela maior parte do tempo, do que já falavam havia cinco anos, desde que tinham se conhecido num curso avançado de tradução técnica. Falavam enrolados nos lençóis do quarto ou nus mesmo, andando de cá para lá, desenvoltos. Uma desenvoltura que me fascinava e fascina. Ou não é fascínio, é inveja mesmo. Em dado momento, por exemplo, N. ligou para casa, para falar com um dos filhos. Precisava dar

ordens para o jantar. Falava com o filho enrolada num lençol, em um motel, o Sândalo, com o amante ao lado. Nenhum problema.

Foi Paulo quem me contou isso, entre tantas coisas, porque eu pedia que contasse, e insistia, e ele não tinha outro jeito senão contar.

Nessa segunda viagem, que foi o segundo e último fim de semana que Paulo passou com N. no Rio, ele não ia poder ficar por lá até o domingo. Era aniversário de um de nossos genros, e ele havia combinado voltar no sábado. E N. se queixava, então, que tinham pouco tempo, que precisavam aproveitar. Mais horas no quarto do motel, para compensar.

Nessa viagem de Paulo — ao contrário do que ocorreu na primeira, em que visitou minha mãe, já muito idosa e morando perto do hotel onde ele ficava —, tínhamos combinado que ele não iria ver a sogra. Assim, no dia 29, Paulo chegou ao Rio, foi direto para o Sândalo com N., e lá permaneceu até tarde. Estava, então, frente a frente com sua nova definição: amante. Frente a frente com sua nova definição, mas não com N. Pois, recostados ambos na cabeceira da cama, um ao lado do outro, eles não se olhavam. Frente a frente estavam as palavras e os cigarros, que eram uma continuidade de outros cigarros e palavras. De anos.

Saíram.

Dois táxis.

E ele ainda passou, antes de chegar ao hotel, na casa de Pecê, a quem já havia encomendado uma grande quantidade de maconha, que pretendia trazer para São Paulo na mochila.

Paulo é um homem de aparência distinta, cabelos brancos. A possibilidade de ser parado e revistado é nenhuma. Ele tinha decidido arriscar. Em São Paulo, ainda sem conhecer muita gente, não conseguiria obter a droga facilmente.

Na casa de Pecê, seu ex-colega se mostrou gentil como sempre, mas fez algum comentário sobre Paulo só procurá-lo quando precisava de maconha. Paulo ainda ficou por lá um pouco, mas já era tarde e, na sala deserta e muito arrumada onde era recebido, chegava a seus ouvidos o ruído baixo de uma televisão ligada, o ruído de uma domesticidade que acontecia para lá do corredor — e Paulo se despediu.

Chegou afinal ao hotel. Ligou para casa.

“Tudo bem, querida? Desculpe ligar tão tarde.”

Estava tudo bem com ele. Um beijo e até amanhã.

E ficou ainda por um tempo fumando na janela aberta do quarto do hotel. Ouvia o barulho do ar-condicionado às suas costas. Debruçado no lado de fora, espalhava a fumaça da maconha com a mão, cuidadoso, embora as outras janelas do andar estivessem todas fechadas. E embora as luzes e o barulho abafado do ar-condicionado dos quartos vizinhos indicassem ser ele o único a tentar ficar do lado de lá desse vidro que mal se abria.

Ficou vendo a rua Barata Ribeiro, uma linha reta, iluminada, que sumia no morro, bem longe.

O dia 30 de novembro

Ao acordar, Paulo tomou uma decisão que o encheu de vitalidade.

Iria alugar um carro.

Tomou o café rápido, ansioso. Um carro! Sim, por que não havia pensado nisso antes. Ir, ir, ir.

Tentaria alugar aquele mesmo carro que pensava em comprar. O mesmo em que tinha vindo do churrasco, de carona, no fim de semana anterior. Mas não era conhecer melhor o novo carro o motivo de querer alugá-lo. Era tentar reviver o que já tinha vivido muitas vezes. Comigo às vezes, mas quase sempre sozinho, Paulo gostava de sentar em frente a um volante e seguir sem rumo por estradas desconhecidas, por ruas de cidades desconhecidas. Numa dessas vezes ele estava com uma máquina fotográfica que acabara de comprar, e tirou muitos rolos de filme que depois ficaram numa pasta, amarelando. Essas fotos eram todas iguais. Mostravam uma parte do vidro do para-brisa de um carro estrangeiro, alugado, e uma estrada reta, vazia, que se perdia numas montanhas ao longe. Eram muitas fotos. Todas iguais. Todas mostrando uma mesma coisa: o prazer dele de ir, ir, ir, fingindo que não precisava voltar.

No dia 30 de novembro, Paulo alugou um carro. Pegou N. perto da casa dela, numa rua das redondezas que ela considerava discreta.

Foram para o Sândalo.

Treparam a manhã inteira.

Saíram.

Ela disse que precisava passar num shopping para comprar um presente. Escolheu o shopping da praia de Botafogo, na esquina da nossa ex-casa. Paulo a deixou na porta e subiu a rampa do estacionamento, descobrindo pela primeira vez as curvas e a vista da garagem, deslumbrantes, dando para a praia de Botafogo. Morando perto, Paulo nunca tinha estado no shopping de carro. Nunca tinha visto aquela vista.

A vista também dava para a casa onde minha filha morou por muitos anos. Mas a lembrança dela, segundo Paulo, era como se não fosse real. Real era N.

O resto tinha virado uma névoa.

Pôs o carro no estacionamento. Foi ao almoço no Clube de Engenharia.

Depois do almoço pegou o carro. Foi buscar N. na mesma rua escondida. Voltaram para o Sândalo.

Já na cama, depois de treparem, N. deu a Paulo um iPod que tinha comprado no shopping de presente para ele. Costumavam, desde sempre, trocar músicas de que ambos gostavam, e o formato de arquivo do iPod facilitava a gravação, depois da transferência via computador.

Esse dia terminou mais cedo.

Era o aniversário de casamento de N.

No início da noite, ela se levantou, ajeitou o cabelão com a mão, disse Eu te amo, e foi festejar o aniversário de casamento com o marido. Para quem também tinha comprado um presente.

Por muito tempo fiquei com essa imagem. A de uma mulher que se levanta, a boceta pingando porra do amante, e vai festejar o aniversário de casamento com o marido.

Depois fiquei com outra imagem. A do carro alugado por Paulo. A de sua vontade, que reconheço como sendo a de uma vida inteira, e que também é a minha, de sair, de ir, do novo, do largar tudo para trás e sentir o tão batido mas sempre maravilhoso vento na cara.

E fico com a imagem desse carro e da frustração que ele representa. Pois foi um carro que saiu da garagem da locadora para outra garagem, e voltou para a garagem da locadora. Isso num dia inteiro. E que, no entanto, era um carro alugado com o intuito de cruzar bem mais do que quilômetros. Tinha sido alugado para cruzar anos-luz, continentes, encarnações.

Nessas festividades do Clube de Engenharia, Paulo se encontrava com pessoas que conhecia vagamente, de outras épocas e vidas. Pessoas que não tinham tentado, como ele, a arte de perseguir lutas e sonhos. E que, hoje, tinham a ostentar charutos e conhecimentos em vinhos que seduziam Paulo. Acho que para ele era como se fossem possibilidades de vida. Mais que charutos e adjetivos sobre o sabor e o cheiro dos vinhos, o que o seduzia era ver, na sua frente, aquelas pessoas que poderiam ter sido ele, e vice-versa. Ele não parava para pensar se de fato iria gostar da possibilidade ora personificada na sua frente. O que o encantava era a possibilidade em si.

O relacionamento de N. com o marido, que se chamava Antônio Carlos, era para Paulo uma parede sem brechas. N. e Antônio Carlos eram sócios havia muito tempo. Era Antônio Carlos quem estava à frente das transações. Mas nem sempre tinha sido assim. Quando Antônio Carlos e N. se conheceram, ela estava no terceiro ano de psicologia da PUC. Descobriram-se quase vizinhos, com vários

amigos e um vocabulário em comum. Nem namoravam ainda. Num amasso no banco de trás do carro dele, ela descobriu dois sacos plásticos. Um com várias amostras de extrato de barbatana de tubarão. Outro, com amostras de extrato de maracujá. Ele esticou seu braço forte e arrastou os sacos para o chão.

“Meu pai quer que eu venda isso. Vender! Como se eu fosse um vendedor!”

E, se não o fizesse, represálias financeiras estavam a caminho. N. pegou uma caixinha de barbatana de tubarão. Já tinha ouvido falar.

“Deixe algumas comigo.”

No dia seguinte, vendia entre as amigas as dez caixas que levava e, pouco depois, arranjava uma prateleira na loja de produtos naturais do pai de uma delas para o resto do estoque. Quanto ao extrato de maracujá, ela também podia ajudar. Em suas frequentes férias em Nova York com a família, conhecera o dono de um empório de produtos importados no SoHo. Mandou um vidrinho pelo correio.

(Depois, esses produtos iriam ser substituídos por outros, entre os quais os materiais cirúrgicos que faziam o movimento principal da firma deles, quando os conheci.)

Antônio Carlos, de família muito rica, era mais afeito a jantares e abraços largos do que a planilhas de contabilidade. Foi N. quem segurou esse início da firma, quem arranjou os primeiros contratos de venda. E quem também traduzia folhetos e bulas para os clientes de cá e de lá. O pai de Antônio Carlos, encantado com o que ele achava que era um súbito rompante de amadurecimento e responsabilidade do filho, logo depois montava para ele um escritório. E nesse escritório, encantado mas prudente, alocou alguns dos melhores funcionários de sua empresa de agrobusiness, uma fazenda exportadora de café especial no Cerrado Mineiro. Por coincidência, nem muito longe de onde Paulo passara a infância.

N. terminou o último ano de psicologia já casada, numa decisão — a de continuar os estudos — por todos considerada a única digna de uma mulher moderna e emancipada como ela era. Pois N., diziam, não é como qualquer maria vai com as outras. Ela valoriza seu diploma — e aqui sempre faziam a ressalva — mesmo que não precise exercer a profissão. Desse quase segredo — sobre quem de fato dera o primeiro empurrão na firma — nascia o que N. considerava a excepcional cumplicidade que a ligava a Antônio Carlos. E que se traduzia, em seu aspecto concreto, no fato de ela poder chegar a qualquer momento no escritório da empresa e se meter a discutir finanças e planos. Em seu aspecto menos concreto, era um exemplo da cumplicidade que ela considerava ser a ideal para qualquer relacionamento entre um homem e uma mulher. A cumplicidade, eis sua maneira de se aproximar dos homens. Ela se apresentava como a amigona, a companheirona, a que bebia, porra, ria alto, caralho, fumava, merda. A mulher com quem os homens poderiam se sentir

completamente à vontade, como se estivessem na frente de outro homem. Era assim que ela se apresentava. E foi assim que ela se apresentou a Paulo, desde o começo.

Sair mais cedo do motel para festejar o aniversário de casamento, porra, ora, coisas da vida, né, tesão.

Deve ter sido assim.

Isso, de fachada.

Porque N. queria, como eu também sempre quis, apenas chegar perto e se sentir amada. Seu método era o da inserção no ambiente masculino. O meu, eu não sei qual era, mas sei que também não funcionava. Acho mesmo que nunca tive método. Nem para isso nem para porra nenhuma.

Uma diferença. Mas havia outra.

Vinte anos mais moça do que eu e Paulo, N. se movia, muito segura de si, num ambiente de burguesia fechada, satisfeita consigo mesma, sem questionamentos políticos ou sociais de tipo algum. Acumulativa. N. queria a imobilidade, a permanência. Em seu mundo, por exemplo, papéis sexuais eram bem definidos na cama ou na mesa da sala de visitas. Não havia gays ou experimentos sem rótulos em seus relacionamentos. Era uma diferença entre ela e nós e, eu sei, também, por isso mesmo, um fascínio. Trepar com quem quiséssemos seria, para mim e para Paulo, sempre uma liberdade que nos orgulháramos de ter, por tê-la conquistado arduamente. Temos com o assunto a cerimônia que dedicamos às coisas que não vêm de graça. Apreciamos cada possibilidade como algo valioso. Construimo-nos assim. E nosso grande orgulho é ter conseguido fazer na vida o que tivemos vontade de fazer. Sempre. E sempre aguentamos as consequências de nossas escolhas. N. não tem nossa biografia. Trepar para ela é corriqueiro, não é coisa que mereça rituais ou excepcionalidades. Ela não assume os riscos, se protege, se pergunta O que tem aí para mim, que vantagem eu vou levar? Para nós — e continuei a falar “nós” porque, depois de tudo, ainda acho que é assim que Paulo pensa e é — trepar é uma escolha. Você pode fazer o que quiser. Mas tem de querer e escolher. Se relacionamentos longos e monogâmicos servirem para você, tenha-os. Se, ao contrário, o melhor para sua vida forem relacionamentos curtos ou concomitantes, por favor atire-se de cabeça. Se você se apaixonou, tem a obrigação de ir em frente. A única coisa que não dá para fazer é evitar os riscos que vêm com qualquer escolha — sejam eles relativos a trepadas ou ao que você vai comer no almoço. E também, sempre cercados de crianças, nunca tivemos paciência com o discurso da indecisão. Sempre, irritados, dizíamos que não se pode ter tudo, e o que se pode ter exigirá esforço.

No shopping onde comprou o iPod para o amante e um presentinho para o marido, dois pacotinhos quase iguais, N. sentaria, essa e outras vezes, no mesmo café em que Paulo sentava comigo quando, cansados de traduções ou querendo

arejar a cabeça, interrompíamos o trabalho e íamos para lá, com a roupa de casa, o chinelo de dedo. Paulo frequentou com N. não só o motel que fazia parte de sua vida comigo, não só o shopping e outros locais que eram nossos. Cafés, como um no Catete, aonde também costumávamos ir depois do almoço num restaurante a quilo no largo do Machado. Apesar dessa proximidade tão grande, Paulo agiu, ao se tornar amante de N., de um jeito que para mim — e, continuo acreditando, também para ele — era estrangeiro. Essa história com N., que não era ele quem escrevia, nascia com o título O que é que tem? Ou um cínico Por que não? Uma espécie de Tanto faz isso como o contrário disso — que nunca era nosso.

Tenho, até hoje, por conta da diferença tão grande entre esses dois tipos de pensamento, uma ambiguidade de julgamento em relação ao caso de Paulo com N. Lutamos pela liberdade em nossa juventude. Não posso criticá-lo por querer outra mulher. Mas vejo a desistência, o cinismo nesse achar que tudo bem manter amante e a mim, separadas uma da outra. Se Paulo fosse do tipo que pensa antes de agir, eu diria que ele pensou com cinismo. Mas acho que não pensou, nem com cinismo nem sem.

No dia 30 de novembro, esse clima familiar-estrangeiro já devia estar bem aparente para ele.

Era sua segunda viagem como amante e, portanto, era a segunda série de trepadas que dava com N. Haveria, já, uma familiaridade, uma quase rotina, já um jeito de fazer as coisas. E devia haver também essa dificuldade. Segundo ele, ainda não. Paulo só começaria a se sentir em falso no terceiro encontro, um pouco depois.

Nesse dia 30 de novembro, por exemplo, no caminho para o shopping, no final da manhã e depois, portanto, da primeira bateria de trepadas, ele parou no Pró-Cardíaco. Foi lá que fez sua ginástica especializada de recuperação cardíaca por vários anos, antes de se mudar para São Paulo. Parou para dar um abraço nas enfermeiras e nos médicos, nos ex-colegas. N. esperou no carro. Ele entrou, bateu um papinho.

“Paulo! Ei! E aí? Como vocês estão?”

“Ah, estamos muito bem em São Paulo.”

E, nesse Estamos, um nós que ele não via como excludente do pau recém-lavado que levava entre as pernas. Esse o meu espanto.

N. no carro, na vaga em frente, vendo e sendo vista por quem entrava e saía.

Paulo entrou no carro.

“Tudo bem? Encontrou quem você queria?”

E seguiram para o shopping.

E essa noite ele ligou para casa e deve ter contado longamente alguma coisa desinteressante que havia acontecido no Clube de Engenharia, a respeito de

pessoas que ele e eu mal conhecíamos.

E deve ter sido nesse telefonema ou noutro a seguir que ele disse ter comprado um iPod. Ele tinha um MP3, mas explicou que o iPod era muito melhor.

E acrescentou a justificativa: ele queria um iPod já fazia tempo.

Quando chegasse de volta a São Paulo, mostraria como era legal.

Nessa segunda viagem ao Rio, já não havia muito mais coisas, além do iPod, que Paulo precisava pôr na lista de situações novas sobre as quais seria preciso inventar mentiras. A viagem era uma repetição da primeira, as mentiras da primeira serviam. A viagem, acho, foi uma consolidação do que, da primeira vez, havia sido um ir em frente para o desconhecido. E, na cabeça dele, já estabelecida, estava a ideia de que o que havia entre ele e N. era o exercício de um direito que ele tinha, o de gerir a vida dele e o pau dele do jeito que lhe aprovesse. A ideia de que em nada ele estava prejudicando ninguém — já que ninguém (eu) ia ficar sabendo.

Esse pensamento não era novo.

Paulo sempre achou que, se ele não falasse a respeito de algum assunto e, principalmente, se ele não pensasse muito a respeito, o tal do assunto não existia. Além disso, ele achava que tudo no mundo sempre tendia a melhorar. Era só dar tempo ao tempo. Ele chegara ao Rio no dia 29 de novembro, iria embora no dia 19 de dezembro. Chegava e saía do jeito mesmo que já era desde a semana anterior: amante de N., sua velha amiga e colega. Nada com que se preocupar, nada a pensar, nada de novo, tudo ia melhorar.

E nada de novo mesmo. Gorda, espalhafatosa, autoritária e tendendo ao vulgar, N. só precisava do sotaque cantado de mineira de Patos de Minas para virar, tal e qual, a finada mãe de N. Até mesmo os dentinhos estragados pelo fumo intenso ambas tinham.

N. era fisicamente igualzinha à mãe de Paulo, mas isso ele só foi notar, com certo espanto, bem mais tarde.

O dia 19 de dezembro

Paulo fechou a conta do hotel de manhã cedo. Saiu, já com sua mochila nas costas, para catar alguma coisa para dar a N., retribuir a gentileza do iPod. Comprou um bloquinho e uma caneta. Não estava com muita ideia. Não podia ser nada muito pessoal, que desse problema em casa com o marido. Esse impedimento era um alívio. Porque na verdade ele não saberia dar nada muito pessoal.

Encontraram-se para mais uma rapidinha, que não foi tão rapidinha. Ele deu o presente. Acabou perdendo a hora de pegar o ônibus a tempo de chegar, ainda durante o dia, em São Paulo.

Foi então para o aeroporto, e em cinquenta minutos estava em Congonhas.

Telefonou, dizendo que estava chegando na rodoviária do Terminal Tietê. Se eu queria me encontrar com ele para um café quando saísse do metrô na esquina de casa.

Antes de subir?

É, acho que estou louco por um café.

Falei que não queria, que estava no meio de um trabalho, e que o veria em casa.

São coisas muito pequenas, essas, e que, quando contadas, são aumentadas indevidamente pelo simples fato de serem postas em palavras.

Por exemplo, a menção de N. a métodos de encurtar a vida de pacientes internados foi uma brincadeira, das muitas, de mesa de bar. Eu falar disso aumenta algo a que, na hora, ninguém deu importância.

Outro exemplo. Esse convite de Paulo para um café. Apenas um convite para um café.

Mas Paulo protagonizou, na nossa história, um episódio similar. Um dia em que ele tinha algo bem difícil para me contar, deu voltas e voltas com o carro, inventando cafés e lanches e passeios. E assuntos, como o cachorro peludo, tão

legal, do colega em cuja casa ele tinha estado; e regras de beisebol; e como fazer para curvar qualquer madeira sem quebrá-la. Antes de afinal chegar em casa, vencido, sem mais repertório para adiar um momento que ele preferia que nunca chegasse.

Era uma coisa dele, isso de inventar geograficamente cenários impossíveis, que não se adequariam a algo difícil de ser vivido. Em meio a um café animado, com papos entusiasmados sobre qualquer merda que fosse, o assunto difícil não poderia se estabelecer. Como se um cenário inadequado pudesse impedir a vivência do que havia a ser vivido. Esse truque geográfico era sua segunda melhor opção, logo depois da que ele considerava perfeita: nunca falar a respeito ou pensar a respeito das coisas difíceis, isso em qualquer cenário, adequado ou não, anulando assim a possibilidade da existência de coisas difíceis.

Não fui ao café.

E, quando ele chegou, perguntei o que havia. Por que ele hesitara em vir para casa.

Disse que não havia nada.

Perguntei outra vez, o que é uma maneira segura de irritá-lo.

Irritou-se.

Enfim eu disse:

“É a maconha, não é?”

Apesar de vir do mesmo passado que Paulo, um passado cheio de maconha, eu não gostava que ele fumasse. Ele já tinha tido problemas uma vez, havia muito tempo, com um chefe camarada lhe dizendo para dar um tempo, antes que perdesse o emprego. Eu sabia que Pecê fornecia a maconha dele. E sabia, sem que ele precisasse me dizer, que, indo ao Rio, Paulo iria comprar maconha de Pecê. Há quem fume pouco, há quem fume muito. Paulo costumava ser do segundo tipo. Por períodos, depois ficava um tempo sem fumar. E, eu sabia, ele estava fumando bastante, mesmo antes da nossa vinda para São Paulo.

Respondeu que sim, era a maconha. E acrescentou, desafiador, que a mochila estava pesada de tanta maconha que tinha dentro.

Disse mais.

Disse que eu não tinha nada a ver com isso, que, se eu não gostava que ele fumasse maconha, ele fumava na minha ausência, com os amigos dele, e que eu que não me metesse num assunto que só dizia respeito a ele.

Falou muito, irritado, batendo portas.

Nessas nossas discussões, nem um pouco raras, eu afirmava que meu problema com maconha, que vinha desde aquela época em que maconha era uma grande novidade, é que quem fuma maconha fica com cara de imbecil.

Com cara, não. Se torna um imbecil. Completo.

A pessoa ri por coisas que não têm graça, fala coisas que não têm sentido, e se impressiona com bobagens. E, eu completava, em minha vida não havia lugar

para adolescentes sessentões.

Paulo e eu terminamos esse dia como tantos outros, brigados.

Havia mais um bom motivo de tensão: durante a ausência de Paulo, eu e os meninos tínhamos recebido um telefonema de nosso principal cliente de traduções.

Estávamos com um problema. E era grande.

Na viagem de mudança para São Paulo, os computadores tinham vindo, embalados, no próprio caminhão de mudanças, o que foi um erro. O computador de Paulo quebrara. Chegamos aqui num sábado, na segunda já havia trabalho para entregar. Ao chegar, montamos imediatamente o escritório. Foi, por muito tempo, o único lugar que funcionava perfeitamente — o resto da casa aguardando a abertura dos caixotes, sempre adiada. Dormíamos em sacos de dormir. Comíamos fora.

O computador de Paulo foi rapidamente consertado, graças aos conhecimentos da minha filha, que estava instalada havia alguns meses na cidade e, previdente, já estabelecera contato com um bom técnico.

Mas, nesse curto período em que o computador de Paulo estava quebrado, um e-mail havia sido perdido, o desse cliente. Nesse e-mail, o cliente avisava ser necessário renovar a licitação para o fornecimento de traduções. Era um procedimento burocrático que tínhamos de fazer de três em três anos, por exigência deles. O prazo para apresentarmos a proposta para os três anos seguintes se esgotara, e nós não havíamos entrado na concorrência.

Esse cliente ainda se comunicava conosco através do e-mail do Paulo, apesar de a firma estar sendo passada para a gerência de um dos nossos filhos, que trabalhava conosco. Só soubemos do problema quando era tarde demais.

No dia 30 de novembro, sete dias depois do fechamento da concorrência, quando foram abrir as propostas, notaram que nossa firma não estava entre os participantes e ligaram para nós — em honra a nosso velho e bom relacionamento comercial. Tratava-se de um cliente grande, uma empresa muito grande, com auditorias e trâmites legais controlados. Sem esse cliente, eu e Paulo ainda conseguiríamos sobreviver, ainda que mal, até arranjarmos outro jeito — já que tanto eu como ele tínhamos nossas aposentadorias e outras atividades remuneradas. Esse nosso filho, que acabara de se mudar para um apartamento novo só dele, não.

Paulo, em meio à briga, falou que um jeito daríamos e que, se não déssemos, outros clientes apareceriam. Esse seu alheamento não mudou por todo o tempo que durou a crise com o cliente, o que muito magoou o filho.

Dormimos, pois, na noite da chegada de Paulo, o dia 10 de dezembro, imersos em problemas. A presença de grande quantidade de maconha na casa e a crise com o cliente eram mais que suficientes para que cada um de nós virasse para um canto da cama — o que não era nosso hábito. Sempre trepamos bem e

muito, e as chegadas de viagem, de um ou de outro, costumavam ser motivo de boas comemorações na cama.

Maconha e cliente fartamente explorados por Paulo, que se excedia em demonstrações de mau humor. Para ele tantos problemas eram um alívio. Encobriam, como uma bem-vinda luva, outra crise, pior.

Dia seguinte, o aniversário do genro, ainda estávamos num clima ruim. E depois também, por vários dias.

Os caixotes continuavam pela casa, agora em menor número. Havia lâmpadas a serem colocadas, fios a serem puxados, fechaduras a serem trocadas. Tentei uma reclamação que nem sequer foi revidada. Paulo fez tudo o que precisava fazer, sem dizer uma palavra, com raiva. Subia em escadas depois de escadas, pondo lâmpadas depois de lâmpadas, abria caixas, pregava estantes, montava o que faltava montar.

Eram férias escolares. Então, além do movimento normal de trabalho na casa e do trabalho de instalação que enfim era empreendido, havia a presença do meu neto, brincando e exigindo atenção durante as tardes.

E eu, afinal, arranjava um trabalho. Uns cartazes, cuja parte manual, a tinta, fiz na mesa da varandinha, apesar do calor, da poeira e do barulho, para não incomodar com cheiro de tinta o pessoal do escritório. Que continuava a ser o único lugar onde haveria outra mesa disponível para trabalhar.

E, em algum momento que não vou lembrar mais qual, a briga desanuviou, e voltamos a trepar e a brigar por pequenas coisas, como sempre fazíamos. Por exemplo, o varal. Eu queria de um jeito, ele de outro. Fez do jeito dele, o varal não aguentou a primeira leva de roupas e foi ao chão. O que o deixou puto como sempre ficava ao ser pego em alguma insuficiência, ao ser pego em alguma coisa que ele pudesse considerar como erro. Nunca dizia Eu fiz besteira, desculpe. Ou Estou errado, desculpe. Depois que terminou toda a crise causada pelo caso de Paulo com N., percebi que essa atitude dele havia mudado. Isso e várias coisas. Havíamos nos tornado, entre os choros, os berros e as discussões, de um certo modo melhores.

Mas, naquela segunda-feira, Paulo ainda saiu de manhã batendo porta. E comprou um violão novo.

Com ele embaixo do braço, disse que estava com vontade de voltar a tocar. Que iria catar alguém para ter aulas, desenferujar, arranjar umas partituras. Pôs o violão na sala, um troféu e uma ameaça. Nos dias que se seguiram, de vez em quando pegava, franzia a testa, fazia uns acordes. E largava.

E de noite, como vim a saber depois, quando eu ia para o quarto Paulo ficava no Skype com N., agora com uma troca de palavras mais clara, explícita. Ele pedia que ela escrevesse quais eram suas fantasias, e ela respondia com bobagzinhas, tolices prudentes que muito o decepcionavam.

Assim se passaram os dias, como num tango, até 6 de dezembro. Sentamos

num café, e ele mostrou mais uma vez que não estava dando importância alguma para a crise na nossa empresinha de traduções. Durante a semana, uma das hipóteses aventadas pelo cliente foi anular a concorrência de que não havíamos podido participar. Para isso eles usariam como desculpa algum detalhe técnico. E abririam outra concorrência imediata, da qual, sim, participaríamos. Faziam isso não só por amizade a nós, mas também porque nossa firma conhecia bem o trabalho, e para eles seria um aborrecimento procurar e formar outro fornecedor, habituá-lo ao jargão interno da empresa, aos termos técnicos dos documentos a serem traduzidos.

Durante esses dias, Paulo tinha avisado várias vezes que iria tirar o dia 7 para espalhar.

Era comum, isso, na nossa vida.

Tanto eu como ele costumamos fazer isso com frequência. Apenas saímos, de manhã, sem rumo determinado. Paramos em cafés, vamos até algum ponto bonito da cidade, andamos sozinhos até cansar. Às vezes paramos em algum shopping ou parque. Ficamos nisso o dia todo. É uma necessidade tanto minha como dele, esse sair para ver ruas e gente de forma diferente daquela como vemos, ou melhor, como não vemos habitualmente. Ficamos lá, só vendo. Às vezes levamos uma musiquinha, às vezes nem isso. Só o andar e o parar e o andar novamente, sem hora nem direção.

Pois ele avisava que pretendia fazer um desses programas na sexta-feira dia 7.

Não era um bom momento, pois a crise com o cliente ainda não estava resolvida. A previsão era que se resolvesse exatamente no dia 7, uma sexta-feira, com eles nos avisando que, tudo dando certo, teríamos apenas o fim de semana para preparar nossa proposta e apresentá-la na segunda-feira seguinte.

No dia 6, sentados num café, no final da tarde, estávamos, como era frequente, num próximo distante, um dividir de atividades mas não de emotividades. Seria bom dizer aqui Não mais. Como se já tivéssemos vivido um dividir de emotividades. Mas não era bem isso. Para dividir emoções com Paulo, nem profissionais como psicanalistas ou diretores de teatro. E, de qualquer modo, além disso havia a carga de toda uma vida passada juntos. A carga de um conhecimento profundo um do outro a impedir o frescor de uma risada inesperada, de uma aceitação sem comentários. Ou julgamentos. E também, lá atrás mas igualmente pesada, a noção de que tínhamos nos preparado para outro tipo de mundo, outras roupas, e as pessoas com quem gostaríamos de dividir isso não mais pareciam existir. Ou nós, momentaneamente, não parecíamos capazes de as encontrar.

Foi assim que chegamos ao dia 7 de dezembro.

I

O dia 7 de dezembro começou como todos os dias. A tensão com o cliente, que durara toda a semana, não provocava mais brigas entre nós. Apenas uma ansiedade geral que todos lidavam do jeito como lidavam sempre. Paulo, sem demonstrar ansiedade alguma; seus filhos, muito nervosos mas sem que isso explodisse de alguma forma sonora ou visível. E eu, roendo unhas e criticando tudo — a reação de Paulo, a situação em si e mais alguma coisa qualquer, que não tinha a ver com nada mas que eu aproveitava para incluir na crítica.

Paulo disse Tchau e saiu de casa, mochila nas costas, para flamar.

Supostamente.

Dentro da mochila, levava um abridor de garrafas. No bolso, seu celular do Rio. Como destino imediato, passível de ser comprovado e explicitado sem problemas, um pulo num cartório perto de casa, para resolver uma papelada ainda da compra do apartamento.

Depois do cartório, foi à padaria que fica na esquina, comprou duas garrafas de vinho tinto e alguns brioches. Essa padaria, aberta dia e noite, tinha sido um fator determinante na compra do apartamento, pois seu movimento, somado ao movimento de vários cinemas e teatros das redondezas, fazia a rua ficar cheia de gente dia e noite, o que era visto por nós como uma vantagem, uma atração.

Pelo celular, Paulo monitorava a chegada de N. no aeroporto.

Seu voo havia tido problemas. Ela tivera de pegar um avião no Galeão, o aeroporto mais distante do centro do Rio. Em vez de chegar de manhã, como pretendido, ia chegar a São Paulo no começo da tarde. Fazia pouco mais de uma semana que eles tinham estado juntos. Não havia propriamente uma urgência, um tesão irresistível, um bater de corações a sair pela boca. Embora, no Skype,

toda noite, as palavras de saudade e tédio se repetissem, agora quase uma obrigação, um ritual.

Mas é que, nesses dias, Antônio Carlos iria viajar com os dois filhos, para acompanhá-los numa competição esportiva no Nordeste. Além disso, no próprio dia 7 à noite, haveria um encontro comemorativo de fim de ano de um grupo de tradutores paulistas dos quais N. era amiga. Portanto, ela não só tinha uma boa desculpa para vir, como poderia até ficar alguns dias, pois seria fácil dizer que ficara para aproveitar os museus e os programas que a cidade oferecia de montão. Já que os meninos não iam mesmo estar lá.

Havia mais um motivo.

Logo depois, ela e a família iriam para mais uma competição esportiva, dessa vez no exterior. E ela queria, antes dessa ida, avaliar como Paulo estava em relação a ela. As coisas pareciam se precipitar. Ela não sabia por quanto tempo mais conseguiria prender o marido com as teias do companheirismo, amigona, vida junto, e a frase Tudo em favor dos filhos. Se fosse necessário fazer uma troca rápida de homem, era preciso que Paulo estivesse bem amarrado. Apaixonado, se desse, mas, de qualquer maneira, encrencado.

Uma previsível reação da minha parte à constatação de que meu marido estava tendo um caso seria exigir imediatamente a separação. Afinal, eu nunca perdi uma oportunidade de subir no banquinho e proferir algum discurso feminista, dedo em riste. Mulher enganada deve expulsar o calhorda de casa, e ponto final.

E depois de, presa pelas palavras, eu seguir minha trilha já traçada, N. seguiria a trilha dela. Ou melhor, a teia. E acabaria de prender Paulo. Deve ter sido um dos filminhos que ela fez na cabeça a respeito do futuro.

Paulo, dia 7, mochila preparada para seu piquenique *indoor*, foi para o aeroporto, onde ficou esperando o voo de N. chegar. Ficou no saguão, tomando café, vendo o movimento.

N. chegou, saindo pela porta que desova os passageiros, numa repetição de seu andar seguro, já desempenhado com igual eficiência na sua chegada ao restaurante do Posto Seis, tão pouco tempo antes e que, no entanto, parecia ter sido havia tanto tempo.

De lá, foram direto para o hotel.

Era um hotel na rua Vergueiro que N. tinha reservado.

Se no Rio Paulo conhecia o Sândalo, aqui em São Paulo ele não conhecia nada. Como já se tratava da terceira sessão de trepadas, não era mais tão essencial ele manter seu papel de macho alfa, aquele que decide aonde ir, o que dá o endereço para o motorista de táxi, o que paga a conta. E havia mais um nível na sua abdicação de macho alfa: o iPod. Achando, como de fato aconteceu, que iria ter uma espera longa no aeroporto, Paulo levou seu iPod para ouvir música. Foi, portanto, conduzido por uma coleira, e coleira enfeitada com *gadget*, que ele

entrou no hotel da rua Vergueiro e esperou N. tomar as providências.

Como era ela a titular da reserva, ele esperou que ela falasse com o recepcionista, desse o número da reserva feita em seu nome e recebesse a ficha de check-in. E a preenchesse. Enquanto isso, Paulo ficou lá, ao lado, esperando que ela acabasse de escrever, que o funcionário acabasse de batucar os dados no computador e procurasse a chave do apartamento. O funcionário e N. trocando palavras sem se olharem diretamente, e Paulo como que não existindo, também sem olhar para ninguém. Foi sem *eye contact*, essa chegada.

Paulo não ficou sabendo em quais circunstâncias N. conheceu esse hotel da Vergueiro. Isolado, longe de qualquer coisa, e em lugar desagradável, o hotel seria um fracasso exceto por um detalhe. Era completamente imperceptível, afastado da rua e sem letreiro na porta. Se houvesse de fato, como me pareceu depois haver, esse intuito dela de fazer com que o caso se tornasse o pivô de uma separação entre mim e Paulo, a escolha do hotel não fazia parte disso. A escolha da data, sim. Pois dias e dias em São Paulo, com sua exigência de que Paulo estivesse sempre com ela, isso sim, poderia despertar suspeitas, mesmo em quem era famosa por suas distrações e alheamentos. Eu.

Passaram a tarde nesse hotel, dentro do quarto, trepando.

Beberam nos copos do frigobar o vinho que Paulo comprara. Comeram os brioches e mais o que por lá encontraram. Nus ou quase, já tinham seus hábitos, suas rotinas. Um lençol mal enrolado para N., e nada para Paulo.

No final do dia, Paulo quis ir embora. Mais uma vez foi instado a ficar.

Mas de fato estava tarde, e ele, pela primeira vez desde que o caso começara, se preocupou com o que diria para mim se chegasse em casa mais tarde que de hábito. Já estava tarde, e ele, impaciente, estava vestido e pronto para sair, perto da porta. Mas N. tinha pegado o telefone, e falava longamente com uma de suas amigas paulistas, combinando um encontro para irem juntas ao tal jantar dos tradutores. Paulo esperava, ali de pé, porque achava que seria grosseiro, depois de comer a moça durante a tarde inteira, dizer um tchauzinho rápido já na porta, de longe. Esperou, portanto, que ela acabasse seu longo telefonema que parecia não acabar.

Quando acabou, refizeram mais uma vez a cena que já se tornava, tão rapidamente, uma rotina, a do Eu te amo.

Eu te amo.

Eu também te amo.

Até logo, meu tesão.

E, dessa vez, o ritual vinha acrescido de mais uma insistência, a de que Paulo chegasse bem cedo ao hotel na manhã seguinte.

Vim só para estar com você. Vê se dá um jeito e vem cedo amanhã. Não vá me deixar sozinha plantada aqui no hotel. Te espero então, hein? A gente toma

café da manhã juntos aqui no hotel mesmo.

E mais do Eu te amo. Eu também te amo.

Paulo saiu e andou, pela rua escura, até o metrô mais próximo, uma estação terminal, Ana Rosa.

Nesse caminho, imaginou me dizer que havia encontrado um amigo da multinacional onde trabalhou. A multinacional tinha sua sede paulista perto do aeroporto de Congonhas. É sempre bom ter algo que se aproxime, mesmo que metonimicamente, do que se está dizendo como mentira. Facilita a cara. A proximidade da multinacional, e isso ele não notou, era também a proximidade entre N. e seus ex-colegas. Ficariam bem, N. e eles, numa mesma sala. Pertenciam a um mesmo tipo de gente, os que sabiam vender.

Gosto de achar que já havia, em Paulo, uma insatisfação estabelecida claramente nesse dia. O sexo continuava bem-comportado, embora fosse uma fonte, ainda fortemente vigente, de fantasias para punhetas posteriores, solitárias. Havia mais um problema, agora. Paulo não esperava essa vinda de N. a São Paulo.

São Paulo era a cidade em que ele estava morando.

A vinda dela, decidida por ela, soava um pouco como uma invasão. E, mais perto de sua casa, a figura da amante, de tão próxima, tampava o horizonte longínquo, o país das maravilhas dos casos sem riscos ou consequências, que era para onde ele desejava ir com a ajuda dela.

Em São Paulo muitas vezes faz frio à noite, mesmo no verão.

O início da caminhada de Paulo, do hotel da Vergueiro até o metrô Ana Rosa, começou difícil. Era tarde, fazia frio.

E terminou mais difícil, porque, ao insistir e ao causar um problema — Paulo se via obrigado a arranjar uma desculpa para estar com N. no dia seguinte logo de manhã cedo —, N. ameaçava a integridade da bolha que ela mesma havia proposto. Uma névoa de dissabor começava a se acumular dentro do ambiente tão cuidadosamente proposto como fora do mundo, em que tudo de palpitante ainda poderia acontecer.

Paulo andava, o frio diminuía com o exercício da caminhada, mas a preocupação aumentava.

No vagão vazio da estação terminal, ele começou a desconfiar que havia um script onde não era para ter script algum. E que esse script não só existia, como não estava sendo escrito por ele.

Foram vinte minutos.

Paulo, de pé na porta do hotel da Vergueiro, esperou por uns dez minutos que o telefonema de N. terminasse. Mais dez minutos foram gastos com as despedidas e o diálogo da insistência para que ele chegasse cedo no dia seguinte. Ao todo, somam-se uns vinte minutos.

(O que ficou combinado foi que ele ligaria para ela assim que acordasse, e

então combinariam alguma coisa, o que desse, pois ele não estava com cabeça para saber o que iria dizer para mim, assim de pronto.)

Foram vinte minutos.

Paulo chegou em casa vinte minutos depois do que deveria ter chegado. Foram os vinte minutos em que eu descobri algo que não era para ter descoberto.

Um e-mail.

E deixei de descobrir algo que deveria ter descoberto de imediato. Que o caso de Paulo, mal iniciado, começava a ficar para trás nessa vinda dele para casa, de metrô.

II

No dia 7 de dezembro eu tinha, ao acordar, mais uma tensão, que era a visita de dois amigos meus, Saint Clair e seu companheiro, a quem eu convidara para ficar na minha casa durante sua estada em São Paulo. Dois de nossos filhos, contudo, continuavam acampados no que viria a ser o quarto de hóspedes, porque uma pequena obra no apartamento deles estava quase terminando mas ainda não terminara. E eu me incomodava em ter precisado desconvidar meus amigos. Ainda tentei, durante o dia, me comunicar com eles, ver se não podiam vir pelo menos jantar comigo. Mas na verdade eu sabia que não ia ter tempo ou cabeça para armar grandes coisas. Nosso cliente, aquele cujo prazo de concorrência perdemos, tinha previsto uma solução no decorrer do dia, e estávamos todos grudados no telefone, aguardando instruções.

Minha filha almoçou comigo e com os irmãos, no início da tarde desse dia.

Ela não faz assinatura de jornal em papel, nós sim.

Sentou-se numa das caixas ainda por abrir e procurou pela revistinha de programação de cultura e lazer. Não encontrou. Deu de ombros. Olharia depois pela internet o horário do cinema que pretendia pegar à noite com o marido. Mas eu estranhei. Ainda procurei pela casa toda. A revistinha sumira. Como Paulo havia dito que iria tirar o dia para espairar, todos deduzimos que ele havia posto a revistinha na mochila antes de sair. Mas estranhei. A revistinha seria, digamos, um patrimônio de todos, ele não tinha o direito de apossar-se dela, principalmente sem falar com alguém. Tentei ligar para ele, para perguntar sobre a revistinha, num ressurgimento da irritação que estávamos tendo um com o outro desde sua chegada da segunda viagem ao Rio. Irritação que era, eu achava, por conta de nossas diferenças em relação à crise com o cliente. Ou à maconha.

Foi o primeiro telefonema do dia que não deu resultado.

Segundo a mensagem gravada, o celular do assinante encontrava-se desligado ou fora da área de cobertura.

Depois, mais para o meio da tarde, o cliente afinal avisou que tinha

conseguido abrir nova concorrência, mas que o prazo seria de fato bem curto, e que deveríamos preparar nossa proposta segundo os complicados parâmetros que ele nos informava por e-mail. Teríamos o fim de semana. E a apresentaríamos na segunda-feira de manhã.

Dei o segundo telefonema para Paulo.

Com igual resultado.

O telefone não estava operacional.

Já escurecia quando nossos filhos saíram. Expediente terminado, iam ao apartamento novo resolver coisas, guardar outras, tentar comprar com o comércio ainda aberto material de obra que faltava. Se ficasse tarde, me avisaram, dormiriam por lá — o que queria dizer que, sim, dormiriam por lá e só não queriam escutar o que eu sempre falava: Mas para que vocês vão dormir no meio de uma obra. E o cheiro de tinta. E a impossibilidade de fazer café da manhã.

Mas saíram.

Gosto desses momentos sozinha. São raros.

Apesar de gostar da solidão, armei minha vida, desde sempre, de modo a não ficar sozinha. Filhos, companheiros, trabalhos que requerem colegas em escritórios armados quase sempre dentro da minha própria casa, em cantos de sala, finais de varanda, puxadinhos em quintais. E mais os gatos, jabutis, aquários com o barulhinho de água constante a me seduzir tanto quanto os peixes lerdos. Passarinhos e cachorros, os primeiros sempre soltos, apenas atraídos por comida, água e ninhos. Os segundos mais raros, pois nem tão lerdos, com aquele ritmo deles que une vacuidade e intensidade, e que me desagradava.

Não acendi a luz nesse final de tarde.

Sentei numa das caixas da sala — a que tínhamos elegido como a mais confortável e que, por isso, e em que pese o abaulado que já apresentava na tampa, estava destinada a ser aberta por último.

Fiquei lá.

O apartamento é num quarto andar e está na altura da copa das árvores da rua em frente. O janelão da sala, portanto, mostra uma árvore, e só atrás outros edifícios. A trilha sonora é a do tráfego insano desta cidade.

Fiquei lá não sei por quanto tempo, a olhar a árvore que dançava acompanhando um vento que nada tinha a ver com o compasso das buzinas. Buzinas que eram um solo de bateria toda vez que o sinal abria. O movimento da árvore se dava concomitantemente às buzinas, mas em ritmo diferente. Sem combinar uma coisa com outra. Devia ter sido um aviso. Eu é que não percebi. O que eu via e ouvia eram reflexos de duas realidades diferentes.

Peguei meu celular e liguei outra vez para Paulo.

O resultado foi o mesmo. O celular do assinante encontrava-se desligado ou fora da área de cobertura.

Fui para o escritório e sentei na mesa dele.

Enquanto esperava o computador dele ligar, fiquei olhando alternadamente para a árvore e para a tela — essa também com movimentos sem sentido, sem um som que correspondesse à fulgurosa apresentação, em palco iluminado de luz verde, de seus personagens surpreendentes. Apesar de trabalhar com Paulo minha vida inteira, não costumava mexer em seu computador.

Antes, ainda sentada na caixa, havia feito o que eu considerava um plano B. Aliás, Z, o último plano: telefonei para um amigo dele. Era, eu achava, minha derradeira tentativa de descobrir onde ele tinha se enfiado — e esse enfiado tinha uma literalidade que na hora eu ainda não sabia. O amigo dele era a única pessoa que Paulo conhecia em São Paulo.

Era um amigo de longa data, vindo desde a época em que ambos lutavam, clandestinos, contra a ditadura brasileira. Esse cara chegou a um alto posto do MR-8, e eu e ele tínhamos um jogo de irritações mútuas. Fui mãe quase adolescente e definitivamente solteira. Larguei a faculdade para trabalhar e sustentar minha filha. Minha raiva de maconha vem dessa época e acompanha outra raiva: a dos jovens universitários que se achavam o ó do bobó com suas palavras de ordem, suas reuniões teóricas e uma hierarquia rígida em que não havia lugar para mulheres nos postos mais altos. Faziam suas faculdades, ainda que públicas, graças ao auxílio da, eis a palavra, mesada — quando não mesada mais casa e comida — de seus pais ou demais parentes. Eu não tinha isso. Iam discutir a pureza ideológica de Bukharin? Eu ia dormir cedo para acordar às quinze para as seis, pegar um ônibus que me deixaria na Central, outro, a seguir, que me deixaria em Bonsucesso, onde eu esperava uma Kombi que entrava na então aprazível favela do Jacarezinho para que eu saltasse na porta de uma gráfica — onde trabalhava em algo que depois viria a desaparecer, como tantas coisas daquele tempo: arte-final.

A babá que eu deixava para trás, ainda dormindo, era uma das minhas maiores despesas.

Eu era o assunto-alvo que os universitários de esquerda discutiam — o proletariado. É claro que panfletava em fins de semana. É claro que na minha casa pernoitavam um que outro, cujo nome eu não devia saber. E é claro que eu estava presente em todas as passeatas que conseguiram ser organizadas. E também é claro que era a política que tornava palatável o conteúdo da minha marmita e da de meus colegas, nos almoços que tirávamos sentados numa beirada de muro. Ficávamos lá, comendo e cochichando, e olhando os grandes caminhões transportadores de livros e bobinas de papel. Nosso lugar de almoço era o pátio de manobras dos caminhões.

E eu parava por aí em termos de luta política.

Paulo e seu grupo não. Então, nas raras vezes em que nos encontrávamos, esse amigo dele dissertava longamente sobre sua indiscutível importância

histórica. E eu revidava com minha biografia, que, se não tinha prisões ou fugas pela Dutra durante a madrugada, também não tinha, para me ajudar, pai de classe média ou sequer de boa vontade.

Mas discutíamos com um meio sorriso. Irritávamo-nos mutuamente, mas nos divertíamos com isso.

Telefonei.

Foi bastante afetuoso, precisávamos nos ver, estava com saudade de brigar comigo. Mas não, não sabia de Paulo.

Foi depois desse telefonema que sentei na mesa de Paulo. Quem sabe algum e-mail não me dava uma pista dele.

No seu computador, descobri uma organização que eu não via nem em seu guarda-roupa, nem em seu quartinho de ferramentas, e muito menos em sua gaveta de papéis e documentos, onde um milagre por dia impedia de sairmos da legalidade.

Nos e-mails, separados por pastas — trabalhos já entregues, trabalhos por entregar, pepinos & contratos —, havia outra pasta. Chamava-se “turma”.

Paulo, em que pese a quantidade de turmas que frequenta, não se considera, não se define, ele para si mesmo, como uma pessoa que pertença a turmas. Não hoje, não mais.

E, dentro dessa pasta “turma”, um único e-mail.

De N. para Paulo, datado do dia anterior, o dia 6 de dezembro.

Tentei abrir. Tinha senha.

Em estado de idiotice galopante, fiz o que já havia feito em relação aos telefonemas. Repeti a ação para ver se a consequência mudava. Tentei abrir esse e-mail várias vezes. Em todas as vezes, como sempre acontece em repetições, aqui também o resultado foi sempre igual: o computador queria a senha.

Até que parei e voltei a olhar, perplexa, minha árvore que dançava uma música de vento, diferente da que eu escutava, a de um tráfego cada vez mais ralo. Ficava tarde.

Foi quando Paulo chegou.

Fossem vinte minutos a menos, eu ainda não teria substituído caixa da sala por cadeira do escritório. Sentada na cadeira dele do escritório, escutei quando abriu a porta.

Me disse Olá.

Na mochila às suas costas, dois erros. Um deles era a ausência do celular paulista — o único do qual eu tinha conhecimento como estando em vigência. O celular, que ele disse ter esquecido, e que na verdade não quis levar. Com razão, um telefonema meu poderia estragar seu clima com N.

Seria assim:

Musiquinha de celular em *impromptu* na harmonia dos Ahn, Ai, Tesuda.

Paulo no celular:

“Oi, querida.”

O pau do Paulo entre as pernas:

“Tchau, querida.”

Outra querida, evidentemente.

Esse, seu medo.

Daí o celular desligado e no fundo de uma gaveta do escritório que ninguém teve a ideia de abrir. A ausência do celular na mochila era o primeiro erro.

Tivesse levado, respondido a alguma de minhas chamadas com uma mentira qualquer de seu recém-inaugurado poço inesgotável delas, eu o esperaria chegar, sentadinha diante da televisão.

O segundo erro nada tinha a ver comigo. Era um erro dele com ele mesmo. E se tratava da presença da revistinha de programação na mochila. Substituta menos ambiciosa do carro alugado para viagens interplanetárias, a revistinha também ficaria sem uso, estacionada em sua garagem de pano. Como Paulo iria me confirmar dessa vez também, embora sem usar essas minhas palavras, N. era estática. Entrava em quartos e lá ficava, trancando a porta para abrir a boceta. Nunca pretendeu sair do lugar. Nem do motel, nem de sua classe social. Paulo, depois, me contaria que tinha levado a revistinha à toa.

III

“Por que tem senha num e-mail da N. para você?”

Paulo, na noite do dia 7 de dezembro, negou-se a responder a minha pergunta, invocando seu direito à privacidade e o direito de N. à privacidade dela.

Eu insisti, melosa, pedinte, que havia passado o dia preocupada com ele, e listei os motivos. Seu celular não respondia; ele tinha dito que ia passear por aí, e podia ter levado junto a maconha trazida do Rio; portanto, até onde dava para saber, ele a essas horas tardias estaria ou debaixo de algum ônibus ou numa delegacia. E mais um motivo para ele sanar sem tardar minhas preocupações: e se, com a descoberta de um e-mail com senha, eu comesse a desconfiar que ele e N. tinham mais do que uma amizade, rá, rá?

E completei: até mesmo para o amigo dele do MR-8 eu havia ligado.

Em vista desse leque de motivos, ele tinha de me dizer por que o e-mail estava com senha.

“Não vou dizer.”

Ele tinha de abrir o e-mail para que eu o lesse.

“Não vou abrir.”

Paulo chegou em casa deviam ser umas dez horas. Variações dessas frases, ditas de forma cada vez mais áspera e em voz cada vez mais alta, nos

ocuparam até meia-noite. Aos poucos, foram pipocando algumas respostas, todas mentirosas.

Basicamente, N. usaria senha em sua comunicação com ele para evitar justamente o que tinha acabado de acontecer, de eu xeretar os e-mails na caixa de entrada dele.

Falei que essa suposição não podia existir de antemão, já que eu (1) nunca havia xeretado antes a caixa de entrada dele; (2) nunca havia demonstrado interesse especial na amizade entre eles, pelo menos nada a ponto de infringir a cláusula 1.

Em vista disso, a história mudou.

N. estaria com problemas com o marido (o que era uma informação já conhecida por mim). E que esses problemas incluíam atualmente um caso de Antônio Carlos com a melhor amiga de N. N. estava muito abalada com isso e trocava confidências com Paulo, seu melhor e mais antigo amigo. E ela não gostaria que outra pessoa lesse o que escrevia. Sendo que essa outra pessoa, a se considerar a formulação dada à frase por Paulo, já não tinha a mim como referente exclusivo. Incluía nossos filhos que, eles sim, volta e meia abriam o computador do pai para pegar algum arquivo de trabalho.

Daí, inclusive, os e-mails não baterem na caixa de entrada mas irem, através de um filtro programado por Paulo, aparecer direto na pasta “turma”. Para que não ficassem lá, na caixa de entrada, à vista de todos, dezenas deles a cada dia, a chamar atenção para uma coisa que só dizia respeito à privacidade de N. e de Paulo.

“Abre para eu ver.”

“Não vou abrir.”

Fiz o que já havia feito muitas vezes antes em nossa vida. Ameacei ir embora. Minha mãe, no Rio, morava num apartamento que era de Paulo, um quarto e sala atulhado.

Falei que ia para lá naquela hora mesmo. E completei:

“E aposto que, se eu procurar uma das amigas de N. do grupo de tradutores, a Ana, por exemplo, ela vai me dizer o que rola entre vocês.”

Foi a primeira vez, na noite, que Paulo perdeu sua tão treinada impassibilidade. Adquirida desde que enfrentava um pai bronco, português — que cortava seu rabo de cavalo com a faca de açougueiro, só para vê-lo deixar os cabelos crescerem outra vez. E testada nos dias e dias que ficou numa cela, para uma averiguação sempre adiada, no jogo de quebra de resistência bem conhecido de quem acabava de entrar, na década de 60, no edifício cinza da rua Evaristo da Veiga. O quartel-general da Polícia Militar do Rio de Janeiro.

Pois, agora, com o dedo na minha cara, um Paulo nem um pouco impassível berrava que eu tomasse cuidado com o que fosse fazer. N. era casada, dizia, histérico. N. tinha filhos, e uma fofoca iniciada por mim poderia arruinar a

vida dela.

E nem uma palavra sobre minha ameaça de ir embora.

E isso também eu não consegui entender, de tudo o que me esforcei tanto para entender, e que, pelo visto, até consegui. A entrada no motel Sândalo sem nem lembrar da minha existência. E essa reação dele, de preocupação com a amante e não comigo.

Nunca pude entender.

E, por não ter conseguido, passo a pensar que, de tudo o que, sim, achei ter entendido, na verdade não entendi nada. Nem era para entender. Ou, pelo contrário, era tudo, Sândalo e preocupação com a estabilidade de N. incluídos, muito fácil de entender. Eu é que não queria. Ou não quero. Paulo nunca se apaixonou, nem por mim, nem por N. ou por qualquer outra. É isso, é esse existir estranho. Fico sempre achando que não é possível.

Mas, sim, no dia 7 de dezembro, já madrugada, Paulo disse, conciliatório, que inclusive nem tinha aberto aquele e-mail de N., o da senha.

“Nem abri.”

O e-mail havia chegado no dia anterior. Com trabalho urgente para entregar, mais a crise com o cliente, ele deixara para ler o e-mail depois. E esquecera. E que, inclusive, os e-mails de N. eram chatos, muito longos, que ela era tão verborrágica por escrito quanto era ao vivo.

E que ele nem tinha lido.

OK, eu disse.

“Então abre e lê.”

E acrescentei:

E, para mostrar como não estou interessada em me imiscuir na vida pessoal dela, eu fico aqui, sentada na caixa. Você vai lá, no escritório, abre o e-mail, lê. Se tiver algo muito íntimo, você tira. E me mostra o resto.

Não falei essa frase assim inteira, com toda essa racionalidade calma. Não conseguiria. Mas falei.

Eram cerca de duas da manhã.

E o que se seguiu foi o primeiro silêncio daquela noite.

Fiquei na sala. Paulo foi para sua mesa do escritório, sentou-se onde eu tinha estado. E batucou, batucou no teclado por um tempo que me pareceu similar ao infinito. E aí me chamou:

“Pronto. Pode vir.”

Fui.

O e-mail começava com um Meu amor.

“Ela te chama de meu amor?”

“Chama todo mundo de meu amor, então não conhece a peça?”

E o resto do e-mail era uma peroração de dois parágrafos curtos sobre como tudo estava muito bem com ela, e com você, tudo bem?

Era pouca letra para muito batuque.

Mas exaustão também existe.

Falei mais um OK, e fomos dormir.

Acordei como sempre antes dele. Em geral, gasto esse tempo de início de dia na rememoração de minhas perplexidades do dia anterior, e na tentativa de previsão das que o novo dia me reserva. Dessa vez acordei com uma frase escrita na testa.

O e-mail não estava em negrito.

No nosso programa de e-mails, os ainda não lidos estão sempre em negrito.

Aquele não estava.

Paulo já tinha lido o e-mail. Ele havia mentido.

Ou melhor, não é bem que eu descobrisse, naquele momento, que ele havia mentido. Naquele momento, eu ficava sem meios de me enganar e me dizer que ele não havia mentido.

Acordei-o com um cutucão.

Custou a me entender.

O sono, ou seu inabalável otimismo masculino — a crença de que as merdas que faz não terão consequências desde que ele não pense e fale a respeito —, havia embotado ainda mais seu já normalmente restrito entendimento das minhas palavras.

“O negrito. O e-mail. N.? Lembra da N.? Pois é, ontem? O e-mail da N.? Então, estava sem negrito. Você já tinha aberto.”

“Se abri, não prestei atenção. Não lembro se abri ou não.”

Ele mentia agora sem nem se preocupar de que a mentira parecesse mentira. Ele mentira antes e mentia, do jeito que dava, para manter a mentira anterior. Não eram as únicas mentiras da noite que acabara, longe disso. Eu é que não queria fazer, naquele momento, a lista que agora faço:

- Se a pasta “turma” era para onde iam todos os e-mails de N., que, segundo o próprio Paulo, eram muitos e vastos, por que havia só um?
- Por que pôr o nome genérico de “turma” numa pasta destinada apenas aos e-mails de N.? Por que não pôr “N.”?
- Por que mesmo havia um e-mail com senha?

E havia outras perguntas que eu também não fiz, nem nesse dia nem nunca antes, e que se resumiam em saber quem exatamente eu era para Paulo. Nunca casamos. Não falo dos papéis legais em cartório. Esses não os tivemos por opção. Não gostávamos de exprimir, num contrato exigido pela sociedade, esse outro contrato de cunho estritamente pessoal que tínhamos. Víamos como uma imposição, e sempre nos negamos a participar do ritual, mesmo com filho atrás de filho. E mesmo com todo o resto de nossas vidas sendo um casamento completo, de cama, mesa e finanças, as três coisas entusiasticamente compartilhadas. Então, minha dúvida, que era antiga, a respeito de quem eu era

para Paulo, não dependia de cartório, inexistente.

Paulo passava por uma data, também inexistente.

Paulo havia se mudado para meu apartamento aos poucos.

Um dia levava uma coisa, outra noutro. Não tínhamos data de junção, como não a tínhamos de casamento. Foi acontecendo.

E Paulo não declarara seu amor por mim por muitos anos no início do nosso relacionamento. Eu, manifestamente apaixonada. Ele, curtindo, segundo suas próprias palavras, uma presença agradável.

Durante todos esses anos, tivemos, tanto eu como ele, apartamentos alternativos. Ele, mesmo indo morar comigo, manteve por algum tempo o aluguel do seu apartamento anterior, montado e mobiliado, onde pernoitavam amigos momentaneamente sem teto, uma categoria sempre numerosa. E onde ele também pernoitava, de vez em quando, por um motivo ou outro. Eu, durante um período em que nossa casa estava cheia de crianças, tive um estúdio, alugado e montado por ele, onde eu conseguia trabalhar e, eventualmente, quando ficava tarde para voltar para casa, pernoitar. Esses apartamentos, sempre os considerei como substitutos confortáveis para os dias de chuva, quando andar a esmo pelas ruas, ou pegar uma estrada para lugar nenhum, provocaria gripes, sinusites, labirintites. Nas paredes em branco desses nossos vários apartamentos alternativos projetávamos as cenas e cores de nossas vidas, e as que gostaríamos de que a elas pertencessem. Além de projetos, mais para o delirante, de trabalhos criativos.

Lá, escutávamos a nós mesmos, em solidão. E talvez não ao outro.

A resposta a essa pergunta, o que eu era para ele — e que acarretou de lambuja um questionamento sobre o que eu considerava até então uma verdade absoluta sobre o que ele era para mim (meu maior amor) —, nós levaríamos cerca de um ano para obter. E se trata de resposta temporária. E é essa a maior e mais certa e definitiva resposta. Não o que ela contém. Mas o fato de ser temporária.

I

Então, resumindo. No dia 8 de dezembro, o sábado em que tínhamos de iniciar a elaboração da proposta para a nova concorrência de nosso cliente, acordei, pois, de repente, com uma frase na cabeça: o e-mail não estava em negrito. Em nosso programa de e-mails, os que não foram abertos permanecem em negrito. O e-mail de N., que Paulo dissera não ter ainda aberto, não estava em negrito. Portanto, Paulo já tinha aberto o e-mail antes. Ele havia mentido. Acordei-o. Custou a me entender. Ou procurou aparentar que não me entendia, num processo que iria se repetir *ad nauseam* e que se iniciava sempre com ele dizendo que não estava entendendo.

“Não estou entendendo.”

Ou dizia que não sabia responder o que eu estava perguntando.

“Não sei.”

Esse se tornou seu mais comum início de frase: Não sei.

Naquele dia repeti, até que ele não pudesse dizer que não sabia ou não estava entendendo:

“O negrito. O e-mail. Você já tinha aberto.”

E foi aí que veio a resposta, tão ruim quanto os Não sei, cuja temporada de sucesso então se iniciava.

“Não lembro se abri ou não.”

Até hoje fico em dúvida se essa batatada foi o pânico ou, pelo contrário, sua absoluta segurança de que, se ele mentisse até morrer, se não conversasse ou pensasse a respeito de N., o assunto iria simplesmente sumir.

Não sumiu.

E ele aos poucos foi falando. Mas levaria três meses até começar.

Durante esse período brigamos uma falsa briga. Eu achava, é claro, que

Paulo mentia. Só não sabia quanto.

E aqui preciso fazer uma pausa para explicar algo a meu respeito. A tantas coisas que Paulo fez, dentro desse episódio de seu relacionamento com N., e que não entendi como era possível que ele tivesse feito, contraponho uma, a meu respeito. Fui uma completa, absoluta, sideral imbecil. Não sei como, e me envergonho. Então é isso. Não entendo o motel Sândalo. Não entendo a preocupação imediata, não comigo, mas com a amante que ele, conforme ele mesmo disse depois, já percebia naquele momento que iria largar. E não entendo minha hiperbólica imbecilidade.

Brigávamos.

Mas brigávamos a briga do e-mail com senha.

E o problema, é claro, não era o e-mail com senha.

Mas para mim era.

Eu achava, e era até onde eu ia, que havia acontecido algo entre Paulo e N.

Eu achava que talvez eles tivessem se beijado. Ou mesmo trepada. Uma única trepada.

Uma dessas coisas — e eu dizia e me repetia, arredondando o som da frase a cada vez — que podem acontecer entre colegas de trabalho. Claro, uma sessão mais tardia de trabalho, um almoço com mais bebida que de hábito, uma troca de confidências que propiciasse uma reação afetiva. Enfim. Eu fazia essas frases sem parar na minha cabeça, como se fosse eu a dizê-las para outrem. E era de fato. Era eu a dizer para uma mim mesma irreconhecível. Era eu a me convencer — logo eu! — que não havia mudanças, e que isso era bom. Que não havia necessidade de mudanças, que ótimo.

Um beijo ou uma trepada podem ser chamados de besteira. Algo que se faz e a que se seguem arrependimentos imediatos. Eu achava que eles tinham feito uma besteira. E que os e-mails com senha vinham nesse comboio. Um e outra, Paulo e N., deliciados com certeza, mas plenamente convencidos de que se tratava de uma besteira, trocavam calor e palavras doloridas com que procuravam se dar força, um ao outro, para pôr o beijo, ou a trepada ocasional, para trás. Afinal, N. dizia que Antônio Carlos era, para ela, o homem da vida dela. E Paulo, bem, Paulo.

E eu fazer esse quadro, de Paulo e N. se consolando mutuamente por terem decidido não ir em frente após um beijo ou uma trepada dessas que acontecem, esse quadro já era, para mim, de uma dor quase insuportável.

Mas, dentro da dor, ficava a frase, lá no fundo, a frase inacabada.

E Paulo, o que eu seria para Paulo?

Mas era isso que eu achava que tinha acontecido, nesses três meses.

Uma besteira qualquer, só isso. Ou tudo isso.

E a discussão entre nós continuava, sempre no âmbito da falta de confiança dele em mim. Se havia acontecido algo nesse gênero, por que não me dizer?

Irámos nos engalfinhar, isso era certo. Nunca fui adepta de relacionamentos abertos. Mas conversaríamos e resolveríamos.

Discutíamos a falta de intimidade dele comigo. Não era eu a pessoa mais próxima que ele tinha no mundo?

Brigávamos porque ele não me defendia. Eu jamais permitiria que um amigo meu enviasse e-mails com senha, porque isso poderia magoar a ele, Paulo, e eu não permitiria que um amigo meu se achasse no direito de magoá-lo.

Não quero repetir tudo o que dissemos — me deixa muito mal. Quando eu penso em mim chorando, ofendida e magoada porque ele tinha recebido um e-mail com senha!

Às minhas perguntas, feitas várias vezes por dia, todos os dias, durante esses três meses, Paulo respondia sempre que jamais havia trepado com N. Que jamais houvera nada entre eles que eu já não soubesse. Não, também não haviam se beijado. E, até onde ele sabia, ela não viera a São Paulo no dia 7 de dezembro.

Que, uma vez, numa de suas duas viagens recentes ao Rio, ele até tinha telefonado para ela. Mas não puderam se ver.

E outras frases.

E mais e mais mentiras.

E mais silêncios, porque havia também a saída fácil de que ele não tinha mais nada a me dizer e não gostava de ficar se repetindo. E o que ele pretendia com isso era que o assunto acabasse por sumir, assim como havia sumido o motivo de o assunto existir. Nesse período terminava de vez a possibilidade, na cabeça dele, de manter a ideia de uma bolha, um mundo paralelo em que tudo podia acontecer. No que se refere a esse “tudo”, por algum tempo ele ainda manteve vivas as fantasias sexuais não atendidas. Por algum tempo ainda achou que, em outra circunstância, quem sabe, deixando passar um tempo, eles ainda poderiam se encontrar e ele enfim poderia ser o neandertal que tanto ansiava. Mas, até mesmo para que esse neandertal pudesse aparecer, era necessário não haver muita comunicação com N., talvez com menos pontos em comum, menos assuntos banais do dia a dia, a coisa se resolvesse.

Depois de muito tempo, Paulo me contou, a meu pedido, qual era a senha utilizada por N. em seus e-mails: abxztal. Foi engraçado, pois, numa das minhas raras traduções técnicas, eu havia topado com o nome de uma fibra ótica chamada abxztal, e não havia como Paulo ou N. saberem disso. Era uma proximidade, comigo, com meus ambientes e meus hábitos, que acontecia até mesmo através do acaso mais fortuito. De todo modo não aproveitei esse conhecimento sobre a senha. Primeiro porque, quando Paulo me falou dela, não havia mais e-mails com senha. E, segundo, porque, mesmo se houvesse, o que eu buscava, e buscava obsessivamente, o que vinha de N. não poderia atender.

Eu queria saber o que eu era para Paulo.

Então, tudo o que se referisse ao caso deles, ou a N. em particular, só me

serviria se viesse transformado por uma passagem através dele, do que ele pensava ou sentia.

Era ele que eu precisava conhecer, porque, eu descobria, não o conhecia.

Enquanto isso, Paulo e N. se afastavam, malgrado ainda algumas tentativas de contato.

Depois do dia 7 de dezembro e de sua vinda malsucedida a São Paulo, N. viajou para o exterior com o marido e os dois filhos. Uma semana antes do Natal, precisamente. Foram por conta de uma das competições esportivas dos meninos. Foi nessa viagem ao exterior, numa noite em que os meninos já dormiam no quarto ao lado, que N. e Antônio Carlos bateram o papo que estava para ser batido havia tanto tempo. Verbalizaram a constatação do que estava havendo entre eles. Resolveram se separar. Ou, no vocabulário adequado ao teatro de grandes amigos e irmãos para sempre, se declararam prontos a seguir, de mãos dadas, para mais essa etapa da vida, na qual o relacionamento deles iria mudar. Acabar, jamais.

A intensidade emocional que N. deve ter emprestado a esse papo com Antônio Carlos é um dos motivos que me levaram a escrever este relato. A intensidade emocional que N. tinha com o assunto, sua necessidade de se sentir sempre companheirona, irmã, a melhor amiga de seus homens, me leva a pensar que a quebra desse clima, inevitável, com Antônio Carlos poderia servir perfeitamente como causa de sua morte. Essa não foi a primeira hipótese que me ocorreu quando soube, com atraso, que afinal morreria. Só disse Puxa, para mim mesma. O cara era um touro. Mas existe outra hipótese. É, até hoje, uma história que ainda não estou pronta para formular e muito menos defender. Me constrange até, tanto pela sua possibilidade real de ser mera fantasia da minha parte como pela possibilidade, também real, de não ser.

II

Janeiro veio nos encontrar afundados em choros meus e negativas de Paulo.

E eu caía numa compulsão que se tornava cada dia pior. Vigia o computador de Paulo em todas as oportunidades. Buscava e-mails antigos na falta de novos. Buscava traços de arquivos já deletados, rastros de qualquer coisa que tivesse o nome de N.

Toda vez que ele saía, era isso que eu fazia.

Ele sabia disso.

Eu voltava e voltava a seus arquivos, sem saber se o não encontrar se devia a nada haver para ser encontrado ou se se tratava de falta de habilidade da minha parte com os programas e sistemas digitais que ele usava.

Paulo, por seu lado, passava e repassava seus arquivos, sem nunca ter

certeza de que de fato nada haveria para ser encontrado por mim.

Entre uma sessão e outra, minha de espionagem e dele de encobrimento, trocávamos olhares de pôquer. E muitas vezes, quando sentávamos um ou outro na cadeira diante do computador dele, podíamos sentir o assento ainda quente de quem de lá havia acabado de se levantar em segredo.

Como em todo jogo, aqui também uma parte de fruição. Para me divertir, armei uma pegadinha.

Um sábado em que ele saiu para ir ao cinema, já atrasado, nos despedimos com beijos e sorrisos.

Porque tinha isso. Entre os choros e as negativas, havia sempre esse impulso de chegar perto. Chegar perto, eu. E deixar tudo para trás esquecido, ele. Não era bem a mesma coisa, só parecido. Mas, bem, então nos beijamos.

Tchau.

Tchau, bom filme.

Eu estava dentro, personagem que me fizera, de impecável quadro pastoril. Sentada numa banquetta de vime com estofamento de flores, me inclinava sobre um pedaço de madeira, uma trave grande de telhado que tinha ficado exposta ao tempo por muitos anos na nossa antiga casa. Essa velha trave, já carcomida em alguns pontos, me parecera excelente suporte para orquídeas e outras plantas aéreas. E, no apartamento novo, eu havia amarrado algumas mudas que vieram com a mudança, e outras, encontradas no apartamento novo, abandonadas. As mudas tinham sobrevivido, umas ao abandono, outras à viagem, em que pese a companhia dos bichos, tralhas e as cinco pessoas no amontoamento do carro velho. E as mudas estavam, como eu esperava, lindas, na madeira velha. Então, sentada num banquinho de vime de estofamento floral, com minha saia também floral — que era meu uniforme de bonitinha —, eu me inclinava sobre mudas de orquídea em velha madeira.

E sorria para Paulo, angelical.

Ele saiu, mas eu sabia. Continuei ali.

Não deu dez minutos, ele voltava. Escutei, sorriso interno, a chave rápida na fechadura, a entrada atenta, para me surpreender no computador dele. Que era exatamente onde eu estaria, se não tivesse senso de humor. Recebeu mais um sorriso meu e uma expressão de surpresa.

“O que houve?”

“Ah, esqueci o casaco.”

E foi para o escritório, onde casaco não havia.

Não me virei, mas sabia o que ele estava vendo: o computador com a tela no screen saver, a indicar que ninguém por lá tinha estado. Pegou o casaco no quarto e saiu.

E nem fui para o computador dele, mesmo estando naquele momento perfeitamente a salvo, porque minha vitória tinha me deixado triste.

Poucos dias depois, Paulo me disse que havia instalado outro filtro em seu computador. Que agora os e-mails que N. porventura insistisse em mandar continuariam não batendo na caixa de entrada. Iriam direto, não mais para a pasta “turma”, que, aliás, ele deletou, mas para o setor de lixo de e-mails, que era para onde ele direcionava os spams.

E que ele tinha feito isso porque não queria mais ler e-mails de N.

E que eu estava convidada a ver o setor de lixo-spams sempre que quisesse.

Depois vim a saber uma coisa que então eu não sabia. Mais uma fonte de dor.

Pois nessa ocasião ele já havia combinado com N. que o e-mail a ser usado entre eles seria o do Gmail, que eu nem sequer sabia que existia. Gmails não necessitam de senha especial porque só abrem com a senha de usuário. Não ficam em caixa de entrada. E, uma vez deletados, não são recuperáveis.

Não sei por que não pensaram nisso antes.

E eles combinaram mais uma coisa.

N. mandaria um e-mail falso, sem senha, comum, para Paulo. Um e-mail especialmente feito para que eu o lesse escondido. Porque, é preciso não esquecer, embora bem que eu gostaria que isso ficasse esquecido: eu, naqueles dias, continuava acreditando que tudo o que havia entre Paulo e N. era algum episódio em que tinha havido uma proximidade afetiva maior. Episódio esse que Paulo mantinha em segredo e com o qual tentava lidar através de uma troca de e-mails que, por serem muito íntimos, precisavam ter senha.

Esse e-mail falso, sem senha, é um dos aspectos do caso de Paulo com N. que ficaram, duros, com uma única explicação possível, que até hoje reluto em aceitar — a do meu total engano a respeito da minha própria vida. Paulo nunca foi Paulo.

Ele encomendou o e-mail sem senha.

O e-mail dizia como tudo estava tão bem, e perguntava como ele estava passando.

Eu, sim, o abri escondido.

Sozinha, em frente ao computador de Paulo, não tive dúvidas sobre sua finalidade e sobre seu processo de fabricação.

Deve ter sido assim:

Paulo: Manda aí um e-mail bem babaca para ela sair do meu pé.

N.: Falando o quê?

Paulo: Qualquer coisa bem babaca, porque ela acha que o problema é a gente trocar e-mail com senha, rá, rá.

N.: Rá, rá.

Paulo: Então, se ela achar que o e-mail com senha não tem nada de mais, ela sai do meu pé.

N.: *Tea with me.*

Paulo: Rá, rá.

N.: Rá, rá.

Diálogo esse que incluí, claro, alguns Eu te amo. Eu também te amo. Tesuda. Tesão. Que saudade.

Espalhados por entre as frases.

É um dos pontos que me doem até hoje. E é outro da lista do não entendimento.

Eu e Paulo nos conhecemos há muito tempo. Mas não é nem isso. É que nos formamos com uma identidade que é, não digo contrária a pessoas como N., mas muito diferente delas. Fomos nós, os que fizeram sessenta anos no início do século XXI, os que lutaram e enfrentaram hostilidades de todo tipo para que pudéssemos viver, todos, do jeito que quiséssemos, trepando com quem quiséssemos, sem que as peias e o jugo de uma estrutura burguesa conservadora tivesse algo a ver com as decisões pessoais de cada um. Eu, com a filha que decidi ter. Paulo, experimentando sexualidades e estilos de vida em grupo. Eu, à la Leila Diniz — que inclusive conheci bastante bem —, levando minha barriga alegre e solta, ao sol. Paulo com suas letras de música proibidas, com seu carrinho velho, enfrentando o perigo, para levar amigos clandestinos de um lugar para outro.

N. tinha recebido essa liberdade, que ora usufruía no motel com Paulo, de graça, já pronta, graças a nós. Ela não pensava no assunto. Eram favas contadas. Não lutara por isso. Não tinha a cerimônia que eu, por exemplo, tinha e tenho com o que me custou, com o que me foi difícil obter. É claro que acho que qualquer um pode e deve trepar com quem bem entender, fazer de sua vida o que quiser ou puder. Mas trato o assunto com um cuidado, uma delicadeza de quem pagou caro por um objeto raro, difícil, precioso. Para mim, poder trepar com qualquer um é uma coisa que me encanta, uma possibilidade valiosa. Que exerci com parcimônia maior do que gostaria. Houve tentativas de mudar de companheiro, inclusive em minha vida com Paulo, que simplesmente não deram certo. Os alvos de meus desejos não me quiseram. Ou eu, depois de uma semana, olhava espantada para o homem a quem, poucos dias antes, estava pronta a jurar amor eterno e me perguntava Mas o que eu vi nesse cara? E eu e Paulo voltávamos a viver juntos, voltávamos a nos aproximar. Gostávamos de dizer, eu e ele, que havíamos tido vários casamentos, pois a cada reunião éramos outras pessoas. Não éramos. Não em comparação com o que nos tornamos hoje.

Mas não se trata só disso.

N., com sua atitude de que pivete tem mais é que morrer, que dinheiro tem mais é que se gastar, N., pelo seu perfil familiar e de classe social, pela sua biografia de garota rica do Leblon, seria o inimigo, fosse ela vinte anos mais velha.

Falei a Paulo que havia lido o e-mail sem senha. E o quanto me doía.

Ele não disse nada.

Precisei lhe pedir que tirasse aquilo da máquina dele, pois me humilhava a existência física daquelas palavras escritas pela amante com a cumplicidade dele, para me enganar.

Ele deletou.

III

Fevereiro chegava, e eu continuava minha carreira de imbecil olímpica que, temo, se iniciou desde meu nascimento mas que só agora obtinha seu mais que merecido reconhecimento público.

Em paralelo a nossos embates, em que eu perdia todas já que Paulo parecia um gravador com poucas frases gravadas (não tenho e nunca tive nada com N.; até onde sei, N. não esteve em São Paulo no dia 7 de dezembro; não tenho mais contato com N. há meses), a vida, dentro e fora da minha casa, continuava.

Com a crise financeira internacional, perdíamos um dinheiro que aplicáramos, desde o período em que moramos nos Estados Unidos, num fundo em dólares de um banco estrangeiro. Nosso vizinho de cima se negava a consertar um vazamento na área do tanque, apesar de ameaças cada vez mais frenéticas da minha parte. Como se a mancha escura de umidade fosse a presença nojenta e pouco salubre que eu tinha de combater — essa, e nenhuma outra. Com a resolução de nosso problema com o cliente da firma, e tendo outros clientes que apareceram depois de nossa chegada a São Paulo, trabalhávamos bem mais do que gostaríamos, sem tempo nem de sair para tomar nosso café e olhar o nada, coisas de que tanto gostávamos.

E aí lembrei do registro de chamadas do celular do Rio.

No meio da noite. Como é meu hábito.

Acordei Paulo.

Se, como ele dizia, N. não tinha estado em São Paulo no dia 7 de dezembro. Se, como ele dizia, ele havia passado aquele dia flinando pela cidade, sem nenhum celular — nem o do Rio nem o de São Paulo. Se, como ele dizia, o celular do Rio só servia, naquele momento, para que nossos hóspedes do Rio tivessem a comodidade de usar um telefone quando viessem nos visitar. E, se em dezembro passado, o celular só servira para que nossos clientes cariocas não perdessem contato conosco. Então, nesse caso, o registro de chamadas do celular do Rio não teria chamada alguma, dada ou recebida, na data do dia 7. Pois teria estado, junto com o celular de São Paulo, no fundo de uma gaveta pelo dia inteiro.

Pedi para ver o registro de chamadas.

Paulo levantou da cama, pegou o celular e abriu o registro de chamadas.

Não havia chamadas. Nenhuma. De nenhum dia.

Perguntei por quê.

Ele disse um de seus famosos Não sei.

E que talvez os telefones celulares, depois de algum tempo sem uso, limpassem, eles mesmos, automaticamente, o registro de chamadas.

Eram umas quatro da manhã. Não que, com nossos problemas pessoais e os outros, objetivos, dormíssemos bem. Não havia sono profundo a ser interrompido, nem nessa noite, nem nas anteriores.

Depois que o acordei, ele e eu nos sentamos na cama, a luz acesa.

Quando ele respondeu, me deu um cansaço que torno a sentir, agora, ao lembrar aquele momento e que acho que tornarei a sentir sempre, toda vez que lembrar. Eu com minha camiseta velha e um short também velho, no raro silêncio da cidade, do bairro barulhento e movimentado que escolhemos para morar. Paulo segurando o celular, passando-o de uma das mãos para a outra, sem me olhar, sem nada para dizer. Os dois num quarto que ainda não era muito nosso, novo que era, mas num mundo velho, distante, indiferente.

Pus uma roupa. Saí.

Antes disse como eu precisava tanto que ele me provasse não ter nada com N., não ter tido nada com N. Disse que eu precisava tanto disso. E que ele, com sua obsessão de privacidade, com sua insistência em manter um espaço só dele, em que minha entrada era negada, ele, ao limpar o histórico de chamadas, simplesmente tinha perdido a oportunidade. Uma oportunidade tão boa, chorava eu, para que ele me provasse que nada havia entre ele e N.

Pois, se eu pudesse ver que não havia chamadas dela — nem dele para ela — no dia 7, então o que ele me dizia era verdade.

Era tudo o que eu queria.

N. não viera a São Paulo. Ele não tinha esquecido de propósito o celular paulista em casa, levando apenas o celular do Rio na mochila para poder combinar a hora exata do encontro e saber qual voo era o dela.

Mais uma vez eu me provei o alcance inaudito da minha imbecilidade. Achava que Paulo, na sua rigidez em defender sua privacidade, tinha estragado uma prova de que não me traía, não me mentia. Eu buscava provas de que Paulo não me traía. Eu não buscava provas de que Paulo me traía.

Saímos, eu e minha imbecilidade, de braço dado.

Estava escuro.

Fui até a esquina.

Entreí na padaria vinte e quatro horas. Peguei uma mesa da janela. Para poder ver Paulo na rua, olhos aflitos, me procurando no meio da noite. Pedi um café duplo e um pão de queijo. O pão de queijo era grande e estava duro, massudo. Tomei o café aos golinhos. Comi um pedaço do pão de queijo. Era uma bola de canhão a ser disparada contra meu estômago. Ficou lá, no prato.

Quando clareou, voltei, vencida.

O Paulo que não vi na rua escura, fazia seu café na cozinha.

Mais um pouco, e nossos filhos chegavam. O trabalho. O vizinho e o vazamento. As notícias das falências de bancos e empresas. A possibilidade de corte de verbas corporativas em comunicação — a área que nos pagava dentro da multinacional e das outras empresas-clientes. As notícias todas más.

Nesse período, junto com a leitura obsessiva dos jornais on-line, eu também lia o blog de N. de forma igualmente obsessiva.

E conversava com minha filha, a única pessoa com quem falava de meus problemas.

Ela dizia que Paulo jamais seria capaz de fazer algo ruim. Que ele, simplesmente, não era esse tipo de pessoa. E que eu devia parar de ser tão chata. Um e-mail com senha, ela concordava, não era coisa que ela consideraria normal, se a situação fosse com o marido dela. Mas alguma explicação haveria, e legítima. No máximo distração da parte dele, em permitir que uma amiga agisse dessa forma.

Batíamos esses papos em salas de desenho a que íamos juntas, fazer exercícios e traçar esboços de modelos nus. O ambiente era silencioso e respeitoso, com cadeiras dispostas em círculo, acomodando em geral mais de trinta pessoas que, em silêncio, desenhavam. Nossos cochichos, sabíamos, incomodavam. Então o assunto não rendia. E também não rendia porque minha filha e Paulo sempre foram próximos, e o assunto, por mais baixo que fosse o tom com que o tratássemos, incomodava também a ela.

Ela também tentava me consolar do fato de eu ter tido um projeto meu, pessoal, de um livro, recusado pela editora. Dizia que a era da palavra impressa acabara. Que eu devia pegar o projeto e adaptá-lo para meu site.

No meu site, eu punha citações de livros que falavam da crise do capitalismo atual e de sua ideologia do cinismo, em que indivíduos e nações eram levados a adotar uma linha de pensamento e seu contrário, a depender de interesses imediatos, sem que isso fosse percebido como uma impossibilidade ética e política.

No seu blog, N. falava, com seu usual estilo dúbio, oblíquo e prolixo, de paixões avassaladoras.

iv

Parte disso soube pelo blog de N. E a outra parte adivinhei:

Antônio Carlos marcou uma ida ao apartamento que N. alugara na Gávea, para que ela assinasse os papéis da separação judicial. Continuavam muito amigos, e os filhos, decidiram, não ficariam com um ou outro, mas com os dois, dormindo na casa de um ou outro quando assim decidissem, quando fosse

melhor. A escolha da Gávea, aliás, tinha a ver com isso, pois ficava perto do clube onde os meninos desenvolviam suas atividades esportivas. N. esperava que essa proximidade fosse mais um fator a incliná-los para a escolha de sua casa como local de pernoites e estadas.

Antônio Carlos apareceu com uma camisa nova, que N. não conhecia.

Depois de assinados os papéis, os dois desceram juntos, para que N. visse o carro novo dele, que ela também não conhecia.

E Antônio Carlos contava para ela sobre uma namorada nova. Suas novas conquistas eram assunto frequente entre eles. Era N. quem puxava o assunto. Dava conselhos, ria junto, caçoava quando achava que Antônio Carlos fazia algo inapropriado para a conquista de mulheres. E, quando ia à praia, no Leblon ou em Ipanema, N. ainda podia ir à casa de Antônio Carlos. Chegava sem avisar, tocava a campainha para tomar um bom banho, comia alguma coisa que por milagre estivesse na geladeira, descansava um pouco, fumava um cigarro na sala, e ia para a sua casa com suas inseguranças aplacadas. Ainda era bem-vinda a qualquer momento. Ou pelo menos era isso que o Ooii dele, no interfone, poderia conotar. Poderia ser outra coisa mais difícil para N. escutar. Poderia ser o som espichado de quem precisa de um tempo maior do que o oferecido por um simples Oi curto. Um tempo maior, para Antônio Carlos conseguir montar o teatro do Amigos para sempre, para assimilar a interrupção que tal visita significaria em termos de coisas a fazer, pensamentos a pensar — coisas e pensamentos que nada tinham mais a ver com N. Mas o Ooii longo poderia ser ouvido como um Ooii de contentamento. E N. escolhia ouvi-lo assim. E, de noite, telefonava para ele, e a primeira frase, cúmplice, em voz baixa, era:

“Está podendo falar?”

E, quando Antônio Carlos dizia Não, depois te ligo — isso era assunto para excitadas perguntas posteriores sobre quem era a acompanhante, e se o encontro tinha sido legal.

Vi Antônio Carlos apenas duas vezes na minha vida. Em público.

Na primeira, ele foi à minha casa com N., numa visita social que não fazia parte de nossos hábitos e para a qual estávamos pouco preparados. As pessoas que iam, ou vêm, à nossa casa não vêm quase nunca aos casais, sentam-se em qualquer lugar e vão pegar mais gelo direto na geladeira.

Paulo estava preocupado, e catava recipientes de isopor de antigos sorvetes em seu quartinho de ferramentas para que tivéssemos algum lugar onde pôr o gelo do uísque que nunca bebíamos mas que, pelo menos, tinha a cor considerada correta, preta, no rótulo. Comprado que fora um dia antes especialmente para a ocasião.

Antônio Carlos escolheu ficar na rede, numa decisão que significava o seguinte: eu sou um cara ultralegal, que me adapto a qualquer ambiente, e me sinto bem mesmo na presença de gente simples como vocês, que tem rede na

sala.

N. sentou-se na única poltrona. Eu e Paulo no sofá. N. cruzou as pernas em seu vestido brilhoso, curto e justo, mostrando para Paulo, que estava sentado exatamente na sua frente, as duas coxas roliças e sua hipotenusa, a terminar no negrume do infinito.

Bebemos uísque.

Antônio Carlos falou, com a facilidade que homens de marketing têm, sobre tudo e nada. Seu novo barco com cabine para quatro pessoas. Seus contratos internacionais. Não lembro do que mais.

À saída, dei para N. uma pequena concha, das muitas que ficam, junto com pedras e madeiras, pelos móveis e pelo chão das minhas casas. Essa continha uma superfície nacarada. Ela havia achado bonita. Falei para levar para os meninos dela.

Pouco antes, no seu aniversário, me ofereci para comprar o presente, pois Paulo se declarou sem saber o que dar. Fui a uma loja e escolhi uma miniatura de caravela antiga. E o presente foi dado numa das reuniões do Caça-Palavras, na qual eu também estava presente. N. agradeceu, dirigindo-se principalmente a Paulo, origem presumida do objeto.

Naquele dia em minha casa, quando eles saíram, comentei com Paulo sobre triângulos e circunferências.

Riu. Disse que não tinha notado.

Não acreditei. Mas ambos sabíamos, e ríamos disso, que N. dava em cima dele. Antônio Carlos, com toda a sua desenvoltura social, não tinha acompanhado a situação, da rede em que estava. Mas, com seu porte atlético, sua voz alta e sua cabeça que estreitava no cume, não me parecia uma pessoa tolerante, reflexiva — que pudesse questionar a si mesmo e aos motivos de sua esposa, N., estar querendo dar para Paulo.

Sensível não o era, decerto. Lembro outro episódio. Na saída de uma de nossas noitadas do Caça-Palavras, lá estava Antônio Carlos na porta do bar. N. se afastou, não os ouvimos, mas a gesticulação e as expressões dele não deixavam dúvidas sobre uma manifestação de ciúme. E a gesticulação e as expressões dela não deixavam dúvidas sobre seu tom conciliatório, que chegava às raiais da caricatura. A ponto de eu me perguntar se a ida de Antônio Carlos àquele fim de noite não se devia a uma necessidade periódica de receber palavras conciliatórias, sendo o ciúme apenas o preâmbulo para o real motivo da cena.

Como tudo isso se passava antes que N. e Paulo iniciassem seu caso, o motivo para a atitude de Antônio Carlos devia ser uma desconfiança a respeito de outro amante de N. Real ou não.

Era essa a minha imagem dela.

Uma pessoa divertida, muito diferente de mim — e de Paulo —, mas com quem passar algumas horas num bar significava um bom programa. Tento usar

isso como desculpa para minha imbecilidade, para o fato de eu não ter aventado de cara o caso possível, o possível envolvimento sexual de N. e Paulo. Mas não se sustenta. Sei eu, por experiência própria, que não tem nada a ver. Que tanto faz se a pessoa é feia ou bonita, culta ou boçal. Se o perfume do outro é insuportável ou uma grata surpresa que o nariz descobre, sutil, em cantinhos úmidos da pele. Tanto faz. Você trepa com as pessoas mais absurdas. Eu sei disso.

A diferença que eu sabia existir entre N. e Paulo não significava nada. Inclusive ia falar, agora há pouco, sobre o possível envolvimento sexual e afetivo. E hesitei no afetivo. No entanto, afeto houve. E intimidade. Não era coisa que me incomodasse. Melhor dizendo, nem me ocorria que eu estivesse em posição de me incomodar com isso. Afeto? Intimidade? Pois se eram amigos. E amigos eu também os tinha. Ou tinha tido. Por circunstâncias que às vezes ocorrem, naqueles cinco anos em que Paulo e N. foram amigos, eu me distanciava, um por um, dos meus. Uma delas se mudava para Saquarema. Outro para a Barra da Tijuca, o que, no nosso entender, era tão longe quanto Saquarema. E a amizade de Paulo e N. me atraía até por isso: momentaneamente sem amigos, eu achava que podia ganhar umas migalhinhas.

O dia 8 de março

Não consigo recuperar o dia 8 de março a não ser por cenas esparsas.

Sei que de manhã obriguei Paulo a me mostrar o histórico do Skype, de cuja existência eu, completamente aérea, imbecil, pouco versada em atentar para rastros e encobrimentos de rastros, até então não me lembrara.

No histórico, dezenas de chamadas de uma BrandBrasil, que eu desconhecia, e que Paulo me informou, depois de alguns minutos mudo, que se tratava da empresa que N. mantinha com o marido. As chamadas se interrompiam em janeiro. Duravam todas mais de uma hora. E se iniciavam, todas, tarde da noite. Ele deu explicações para isso. Mas as próprias explicações, agora, vinham com a voz cansada. Era como se ele me pedisse que eu parasse de precisar de explicações, que eu, por favor, enfrentasse a realidade, porque dar as explicações, todas falsas, estava ficando quase tão penoso quanto não dá-las.

Lembro de um café que tomamos nesse dia, à porta do supermercado que então frequentávamos.

Eu falava alguma coisa sobre como me sentia — meu único assunto.

E ele ficava calado.

Depois lembro do início da noite, em que fui deitar, como sempre mais cedo que ele, e me levantei — porque não quis dormir. Não quis que o dia seguinte chegasse, tão igual aos que se passavam. Não queria mais as mesmas palavras, iguais entre elas e ao silêncio que as pontuava. Não sei o que Paulo fazia nem como acabamos na sala, sentados ambos no sofá que herdamos de nossa filha — cujo apartamento, menor do que o que tinha no Rio, não comportava o enorme sofá de troncos de madeira, sem acabamento, e muito bonito.

Não era um lugar em que sentávamos normalmente à noite.

Mas, não sei como, foi lá que se deu a conversa.

Falei que ele tinha de me contar.

Ele disse que nada havia para me contar.

Insisti.

Ele se irritou e pegou a chave para sair.

Eu disse:

“Você pretende voltar?”

Parou, aturdido.

Eu continuei:

“Porque, se pretende, é bobagem sair. Porque, quando você voltar, a hora que for, eu vou estar aqui, esperando você e querendo saber o que eu quero saber, igual.”

O sofá fica ao lado da porta. Ele parou, a porta já aberta.

Continuei:

“Você acha que você é o único cara que fez uma besteira na vida?”

Ele voltou. Sentou.

E disse.

Não sei como exprimir o que vivi. Eu teria de falar em frases lentas, muito suaves, uma música de câmara dessas que nos embalam e se preocupam em nos avisar quando terminam graças aos compassos em tom menor, mais curtos. Quando então saímos da nossa letargia para bater palmas discretamente e nos dirigir educadamente à pessoa ao lado, com acenos de cabeça, sim, a execução foi exatamente como esperávamos, sim, muito satisfatório esse sentimento de realização que nos fica quando acompanhamos até o fim uma melodia.

Quando ele terminou, ficamos ainda alguns minutos lá, na mesma posição, em silêncio. Tínhamos uma gata preta, muito mansa e calma, com o hábito de sempre ficar perto de um ou outro. Não no colo, não impondo de qualquer maneira sua presença. Apenas lá, por perto, deitada no chão, a nos olhar por fímbrias de olho verde ou nem isso. Eu a havia pegado do chão, e ela estava no meu colo. Eu a alisava enquanto Paulo falava.

Continuei a alisá-la.

Por um momento, tanto fazia se fosse ela, a nossa gata preta, ou qualquer dos nossos outros gatos anteriores, ou um gato de pelúcia que eu alisasse, em meu pijaminha de flanela, antes de me declarar vencida, sim, o dia acabara — e eu teria de dormir. E, terror dos terrores, viria outro dia, que seria igual, em sua sequência de coisas falsas, artificiais, das quais eu nada entendia. As coisas falsas que os dias sempre produzem, e que os ocupam, os dias, que estão lá, essas coisas falsas, só para que os dias possam passar — refeições, pessoas que falam sem que você escute, barulhos, pianos, cheiros, ventos frios, lugares de sol. Ou que seria diferente, esse outro dia. Com coisas tão novas que eu nem perceberia que eram novas assim de pronto. E que me pareceriam, essas coisas novas, num primeiro momento, apenas uma versão inadequada das coisas iguais. Uma versão inadequada ou fora de hora ou de tom — dos sons, presenças, algum móvel que tivesse mudado de lugar sem que eu, distraída, me apercebesse. Só ficando com a

sensação difusa de que havia algo de diferente no ambiente de todos os dias.

E que, diferente, seria o terror dos terrores, porque era diferente. Assim como o dia igual o era, por ser igual.

Larguei a gata com cuidado para que ela fizesse seu pouso suave, no chão.

Dei um beijo casto em Paulo, na face. E disse a única coisa que disse:

“Agora eu vou dormir.”

E fui.

Virei para a parede, para poder fingir mais facilmente um sono, quando Paulo entrasse no quarto. Ao contrário de seus hábitos, dessa vez não demorou. Ajeitou-se ao meu lado, e, como sempre, ouvi sua respiração, que se tornava pesada, o sono o tomando, sempre, apenas alguns minutos depois de ele deitar.

Levantei.

Ele acordou.

Entreolhamo-nos, e saí do quarto.

Voltei para o sofá, onde sentei sem acender a luz. Fiquei olhando a árvore que balançava seus movimentos indiferentes, iguais nessa noite aos de três meses antes, quando num dia 7 de dezembro também fiquei a olhar para eles, tentando entender o que não era possível entender — o descompasso.

Achei que Paulo ia se levantar atrás de mim, sentar a meu lado. Que iria me beijar, e que então eu iria chorar, e que o novo dia começaria nessa hora. E que, ao contrário de tantos outros dias, eu iria conseguir notar, eu saberia exatamente o que acontecia, eu conseguiria notar, entender, escutar, as palavras ditas perto de mim, os sons e os gestos, eu saberia exatamente a função e a importância de cada novidade ou cada coisa já antiga que desse dia fizesse parte.

Paulo não veio.

Depois de um tempo, com as pernas mordidas por pernilongos, a bunda doída de ficar na mesma posição, e achando mais uma vez que o mundo me vencia em sua existência que independia de mim, levantei.

Voltei para a cama. Paulo não demonstrou acordar. Chamei-o.

Disse que tinha esperado que ele fosse falar comigo.

Respondeu que tinha pensado em ir mas desistido, que achara que eu queria ficar sozinha, pensando.

Ou seja, segundo ele, eu tinha de pensar.

Passei o resto da noite me esforçando em descobrir em que eu deveria pensar.

Minha primeira hipótese foi pessimista, confirmando uma velha queixa dele, de que eu o via sob o pior dos olhares, e com a qual nunca concordei. Não concordava, e, depois do caso dele com N. e de minha imbecilidade-cegueira correspondente, passei a achar, pelo contrário, que sou de um otimismo constrangedor.

Essa primeira hipótese aventada, a pessimista, era a de que ele queria que

o dia seguinte fosse um dia do tipo dia diferente. E que eu devia pensar nessa diferença. Ou seja, na nossa separação. A separação sempre proposta por mim a cada briga mais séria. A separação, portanto, que seria o desvio que mal se notaria no início, o desvio não perceptível de pronto, em relação ao que havia de igual a tantos outros dias, o móvel lá desde sempre. A voz de alguém que de tão igual nem mais se escuta, em sua modulação que se incorpora, gruda, segue a luz também sempre igual que passa pela cortina, sem que se possa distinguir mais, de tão igual que foi desde sempre, aquilo que muda, nessa luz e nessa voz, porque apenas obedece às horas do dia. A separação entre isso e o que não mais obedeceria às horas do dia. Sons e luzes, iguais, mas que, dessa vez, incorporariam uma diferença, a diferença que seria eu a responsável por notar. Notar é fazer existir.

Algo como a minha velha frase Assim não dá, vou embora — que se escuta e não se escuta. Seria essa a diferença.

E um cachorro se levantaria do tapete, alguém bateria uma panela na cozinha. E ninguém em volta, os da casa, teria sequer notado o que provocou o movimento do cachorro, o desajeito na cozinha, só o notando, *a posteriori*, a partir da consequência no cachorro, na panela. Um hiato. Um espanto que não seria sequer um espanto, que não seria sequer perceptível, só depois, pouco ou muito tempo depois. E seria essa a diferença.

Assim não dá, vou embora.

Como fazemos com o dinheiro?

Metade-metade, isso nunca será um problema entre nós.

Então eu vou.

Vai, porra.

E, nesse dia seguinte, então, pela primeira vez, eu iria.

Nessa primeira hipótese, então, sobre o que Paulo achava que eu deveria pensar, o pensamento necessário seria o de descobrir a diferença na repetição. Com uma traição, um caso com N., uma hecatombe maior do que todas as outras, e as houve, grandes, dessa vez então, eu de fato arrumaria sacolas, documentos, eu de fato iria. E seria essa diferença, a de um dia completamente novo, então, que eu estava sendo convocada a preparar.

A segunda hipótese, que decidi que seria a verdadeira, era o contrário da primeira. O caso deles havia acabado. Eu tinha de pensar em como orquestrar a harmonia de vozes, barulhos, telefones, dedos no teclado, os sons familiares, mesmo se sem sentido ou com um sentido que não nos detemos para averiguar — os sons e movimentos artificiais e sem sentido e repetidos que são o que forma o dia, o preenche, o que lhe dá a aparência de que existe. Eu teria de orquestrá-los para que o dia seguinte fosse um dia igual aos outros. Pois se o caso deles havia acabado e Paulo estava lá, mudo, nu, as mãos ao lado do corpo, me olhando, mudo. Era isso que ele estava me dizendo.

Que era eu quem tinha de pensar esse dia que se seguiria, o dia da sequência. Ele não tinha mais voz ou pensamento. Ele era o que tinha sobrado dele. Não havia mais histórias que lhe servissem de base para que pudesse formar outras — quê, histórias! Nem mesmo frases. E nem mesmo frases dos outros, nas letras de música, essas frases de outrem que tão facilmente parecem nos emprestar um sentido profundo sobre nós mesmos, ainda que momentaneamente. Nem essas ele tinha mais.

E, no seu despojamento voluntário, saiu da mudez para aumentar a mudez, para ampliá-la de vez. E me contou um segredo muito antigo.

O dia 9 de março

Afinal não houve dia seguinte. O dia 9 de março, um domingo, nunca existiu. A noite do dia 8 se estendeu por bem mais que vinte e quatro horas. E nessas horas que excederam, que transbordaram, depois que a pedra do caso com N. foi jogada no poço do tempo, nessas horas vomitadas para fora daquela noite, Paulo me falou, afinal, trinta anos depois do ocorrido, a verdade sobre um famoso episódio de nossas vidas: o chato nordestino.

Tínhamos um sítio.

Antes do sítio:

Morávamos no Rio, e Paulo trabalhava numa multinacional. Era técnico de computação. Um bom técnico. Viajava o Brasil inteiro e também para o exterior com um terno que se tornava mais sua pele a cada dia. Ele punha colônia atrás do pescoço e punha dúvidas em opiniões que sempre tinham sido as nossas, e sobre as quais não havia como ter dúvidas. Frases do tipo Mas a situação é muito complexa. Ou Não vejo assim, é uma questão de maturidade política. E, por vezes, eu, andando ao lado dele, me virava para olhá-lo porque, não, ele só podia estar falando aquilo para me provocar. E, se eu me irritasse ou ficasse, como ficava, gaga de indignação, ele explodiria numa gargalhada e eu riria também. Mas não.

Nessa época, nessas viagens, com seus colegas de trabalho e, achava eu, também por causa de nossas constantes e perenes brigas, ele saiu, me disse ele algum tempo depois, por duas ou três vezes com garotas de programa. Era algo perfeitamente assimilável — e até esperável — no meio em que trabalhava, defendeu-se. No *big deal*. Hein? Tínhamos feito, a vida inteira, coisas não assimiláveis. Era como se, de repente, ele homem-padrão, eu virava mulher-padrão, e assim devêssemos viver, adotando os critérios de gênero da maioria. Eu o olhava, perplexa, insegura, perdida.

Tínhamos, na nossa história e na dos nossos filhos, a negação desses papéis

predeterminados.

Mas Paulo podia trepar com todas as garotas de programa que quisesse que não enganava ninguém. Ele não era um deles. E foi isso que ele próprio acabou constatando ao ser passado para trás, repetidamente, em cargos de salário mais alto, e que exigiam um perfil de marketing que ele jamais conseguiria ter. Largou então o terno, a colônia e, achava eu, as garotas de programa, e fomos criar galinha. E vender queijo, ovos de pata, geleia de amora e as próprias galinhas — numa reencenação, em que não acreditávamos, do velho sonho riponga de paz, amor, viver da terra. A pureza da natureza. E revirávamos os olhos. Desde o começo, para nós, o sítio era uma coisa mais ou menos. Fazíamos o papel, mas caçoávamos de nós mesmos, arranjando um para outro chapéus de palha ou pondo quadrados de papel-jornal no banheiro, à guisa de papel higiênico. Ou imitando, no encostar numa parede, com uma das pernas descansando na outra, uma atitude parada, de aceitação inerme do passar do tempo.

Mas vendíamos o que tínhamos de vender. E a isso se somavam as aulas na faculdade de Vassouras, ali pertinho, que Paulo começou a dar. E mais: num esquema remanescente do seu ex-emprego, e que durou pouco, havia uma terceira fonte de renda. Por uma semana a cada mês, Paulo e dois ex-colegas iam para o Recife dar aulas intensivas num cursinho pré-vestibular.

Na ocasião do episódio do chato nordestino não estávamos bem. As garotas de programa eram uma lembrança recente e dolorida, e eu entendi o que vivia como uma continuação do mesmo clima ruim.

Paulo pegava um fusquinha velho que compramos especialmente para dirigir pelas estradas de terra e ia, todos os dias, a Vassouras — aproveitando para deixar as crianças mais velhas na escola. E, uma vez por mês, ia ao Rio com o carro melhor, pegar o avião para o Recife. Eram as últimas viagens dele ao Recife. Ele já tinha avisado que não iria continuar com a atividade. Nessa semana em que estava fora, era eu a levar as crianças para a escola. E lá ficava, fazendo hora, numa cidade que parecia me olhar, me observar a cada gesto meu. Era a cidade inteira me olhando, em todos os lugares aonde eu ia, todos os bancos de praça em que sentava. O que me impedia de fazer o que para mim era vital: ficar, anônima, num café, na sarjeta ou dentro do carro, lá, só lá, olhando o nada. Eu também não conseguia fazer isso no sítio, perseguida por outros olhares, esses dos trabalhadores que ceifavam, consertavam a cerca, matavam o porco, colhiam a laranja, ordenhavam a vaca. Ou que simplesmente passavam, a cavalo em trote escandido, vindo de uma direção para outra, a de origem e de destino igualmente sem sentido.

Eu, com ou sem as crianças mais velhas em volta de mim, me resignava então ao que deveria ser nossa principal atividade econômica, e que não era — os doces, os queijos. Eu achava aquilo de uma pobreza sem sentido. Tudo sujo, com

moscas, e para que mesmo? Eu podia discutir com Paulo sobre suas novas e, ainda bem, logo abortadas reacionárias opiniões políticas. Mas um bom agrotóxico, bastante alumínio na pia e um ar-condicionado para afastar insetos era tudo o que eu queria.

Ficamos por lá, respirando ar puro, por três anos.

Depois mergulhamos outra vez, e com enorme alegria, no óleo diesel e na gasolina, isso sim, uma colônia que combinava com nossa pele.

E, não sei dizer quando, mas foi logo depois de Paulo ter desistido de suas viagens ao Recife. Nosso filho mais novo apareceu com umas bolinhas pretas nos cílios. Era uma criança muito bonita, de olhos grandes e cílios longos. Fui ao pediatra, e ele passou um algodão com alguma substância nos olhos do garoto. E depois, muito constrangido e de costas para mim, disse:

“Isso é chato.”

“Hein?”

“Chato. O parasita de pelos pubianos.”

Eu não conhecia.

Nunca tinha visto.

E estava cheia deles.

Quando voltei ao sítio, pedi que Paulo se examinasse, e ele também estava cheio de chatos. O nosso filho, quase um bebê, às vezes dormia em nossa cama. Pegou de nós. Restava saber como havíamos pegado, e aí não havia mais “nós”. Eu tinha pegado de Paulo. E ele, eu disse, só podia ter pegado de alguma trepada no Recife.

Sempre negou.

Chegou a dizer que, até onde ele poderia saber, quem tinha pegado primeiro o chato fora eu. De vez em quando, nos trinta anos que se seguiram a esses dias, eu me referia, durante nossas discussões, ao chato com sotaque nordestino. Sem que eu nunca tivesse entendido por quê, depois de ter me dito das garotas de programa de São Paulo, Brasília, com seus colegas de trabalho, Paulo se negava a falar de mais uma, a do Recife.

Não falava porque a história não era tão simples.

Ovos de pata são ótimos para fazer doces à base de gemas, porque suas gemas — muito vermelhas e grandes — são duras, dão ponto de doce rapidamente. Não é necessário usar muitas gemas para cada receita. Em Barra do Piraí morava um ex-administrador do sítio. Esse cara tinha uma indústria caseira e, suspeitávamos, clandestina, de cachaça de cana. Sua mulher fazia doces para vender. E comprava nossos ovos de pata. Fazíamos esse comércio rindo de nós mesmos e, na volta da entrega dos ovos, púnhamos em cima da mesa o dinheiro amassado, rasgado, que recebíamos. E ríamos juntos, tomando um bom vinho sob a luz fraca e falha da única lâmpada pendurada nas traves do teto sem forro.

O sítio já existia, como local de fim de semana, antes de Paulo largar o emprego na multinacional. Achamos que morar lá, com ele dando aula em Vassouras, podia ser uma vida. Não era. E já ficávamos no telefone, falando com um e outro, armando nossa volta ao Rio. Mas, enquanto isso, vendíamos os ovos, queijos e doces, gastando com a gasolina e com o passeio quase tanto quanto recebíamos.

Paulo e eu costumávamos ir juntos a Barra do Piraí. Nunca parávamos em Mendes, que, além de ser bem perto do sítio, era uma cidade muito pequena, sem atrativo algum. Passávamos direto.

Não lembro de ele ir sozinho a Barra do Piraí. Mas foi.

E parou em Mendes, num bar de beira de estrada.

A moça estava na mesa ao lado e puxou conversa. Ele falou que ia para Barra do Piraí, ela pediu para ir junto. Antes precisava dar um pulo em casa. Paulo ficou de pé, na sala de uma casa simples, onde morava um casal de velhos que lhe ofereceu um café com muito açúcar, que ele tomou mesmo assim. De lá, Paulo e a moça seguiram para Barra do Piraí, treparam num motel muito sujo, e ele foi entregar os ovos de pata. Ficou de dar a carona de volta, o que fez, na hora marcada, bem depois de terminar seu compromisso da venda de ovos. Matou o tempo andando pelas ruas centrais da cidade, cheias de gente e com seu barulho de aparelhos eletrodomésticos nas portas das lojas. O barulho das televisões e dos aparelhos de som ligados no volume máximo, em exposição no meio da rua, e que eu conhecia tão bem. Quando deu a hora marcada, Paulo pegou a moça no ponto combinado e a deixou em Mendes, já escurecendo. Ela disse que estava atrasada.

Era garota de programa na melhor boate da cidade, a única de nível internacional — na sua definição. Não disse garota de programa. Disse dançarina. Garota de programa sou eu a dizer, no meu preconceito e veneno, decerto. Paulo jamais descobriu onde ficava essa boate, embora, ao passar por lá de carro, eu no banco de carona sem nada saber, ele espichasse um olho pelas ruas, tentando pôr detalhes específicos num ambiente que já lhe vinha pronto: a pouca luz em tom avermelhado, a fumaça, o cheiro acre de bebida velha, a música, os bêbados, o segurança da porta.

A moça disse a ele que estava querendo aprender inglês. Estava feliz, no carro, na volta. Falante. Disse que adorava passear em cidade grande. A cidade grande era Barra do Piraí. Quando ela saltou, Paulo ofereceu dinheiro. Ela recusou. Falou que não tinha dançado para ele e que, de todo modo, de tarde ela não trabalhava. Só de noite.

Bateu a porta do carro e deu um adeusinho, com um sorriso largo, pela janela aberta.

Paulo não lembrava o nome dela. Não lembrava se tinha chegado a saber o nome dela. Só lembrava que ela queria aprender inglês e que gostava de ver o

movimento em Barra do Pirai.

E era ela a única fonte possível dos nossos chatos nem um pouco nordestinos.

Era isso que ele não tinha conseguido, por trinta anos, me dizer.

Não sentia, comigo, intimidade suficiente para falar sobre uma moça que, trinta anos antes, ria no carro, feliz, batendo palmas para si mesma ao dizer uma palavra em inglês. Paulo tinha razão. Minhas opiniões, atitudes e posições ideológicas não tinham as brechas necessárias por onde pudesse fluir o que não fosse sólido. E a moça, seu riso e suas palmas não eram sólidos.

E isso foi uma das coisas que mudaram.

Nessa noite que durou dois dias, em que Paulo me contou do seu caso com N. e, de sobremesa, da origem do chato nordestino, eu desmoronei, eu inteira — e não só minhas opiniões, atitudes e posições.

Desmoronei. Eu não mais existia.

Eu não esperava que isso fosse possível. Que eu pudesse não existir, que minha existência pudesse não ser contabilizada pela pessoa que mais me conhecia no mundo. Que Paulo pudesse ter entrado no motel Sândalo com N. sem lembrar que eu existia. Que ele pudesse ter combinado o e-mail falso, sem senha, com ela, sem levar em conta que eu talvez pretendesse ser mais que um lixo a ser chutado para um canto, com pontapés-mentiras. Que eu, num dia havia trinta anos, estava num sítio precário, tomando conta de crianças, enquanto ele ia misturar seus pentelhos com outros pentelhos, cheios de chatos. E que fazia tudo isso só porque podia.

Depois pensei em todo mundo cuja existência eu também não levei e não levo em conta. Os muito distantes, muito negros ou muito amarelos, os tão pobres na calçada que nem se separaram mais da calçada. Foi, desde a descoberta do e-mail com senha em 7 de dezembro, minha primeira experiência de me ver como outra pessoa. Outras se seguiriam, eu adotando personagens para ver como era eu não ser eu.

E Paulo tinha razão: eu não abria, por distração, hábito ou comodismo, uma brecha para que ele pudesse se aproximar e me dizer — fosse lá o que fosse. Mas eu continuava sem entender como ele podia meter o pau dele em qualquer buraco, só porque podia. Não exatamente porque queria. Mas porque podia. Porque era esse o ponto não dito, e não dito não porque não pudesse ser dito, não por eu deixar de oferecer acolhida para que fosse dito. Não era dito porque ele, Paulo, não dizia isso nem para si mesmo.

Ele fazia porque podia.

Assim simples. Assim capitalista. Assim quanto-mais-melhor. Assim burro.

Eu não existir para Paulo foi só um preâmbulo rápido antes de eu não existir para mim mesma. Passei a não estar mais em mim. É a me encontrar em cada episódio de *CSI*, *Criminal Minds*, *SVU*, *Cold Case* e todos os outros, sempre pródigos em relatar adultérios, calhordices e mentiras, antes de um final apaziguador, já que cheio de sangue. Eu, saída de mim, virei a mulher traída de todas as histórias existentes e ainda por existir.

Não existente, me multiplicava por mil, milhões. Em cada uma dessas histórias em que eu estava, estava também um pedaço da minha dor — e da minha acusação. Eu colava em mim, ou melhor, na minha casca vazia, essas dores e essas acusações que escutava, em eco, da cultura, dos veículos de massa. Aliás, era o contrário: eu, ao colar meu eu em cada uma dessas dores e acusações, buscava, em pequenos detalhes que apareciam na tela, um eu que escapasse, que renascesse desse nada genérico em que eu morria. Podia ser no meio de uma imagem, tal e qual, de um encontro escuso em hotel escondido de grande cidade. Lá meus olhos buscavam, ávidos, algo que pudesse ser uma mensagem direta para mim. Algo que fosse meu. Ou podia ser em meio a palavras — impressionantemente iguais, embora em inglês — ditas por um calhorda de segunda linha à sua mulher ingênua. Lá eu buscava, e encontrava, um termo específico que fizesse com que aquele diálogo fosse proferido diretamente para mim. Ou na risada de uma mulher num carro, cujo som se perdia na noite, eu tentava confirmar, com Paulo a meu lado, que N. também ria assim, com igual movimento de cabeça.

Como se, ao encontrar nesse outro o que eu havia perdido de mim, eu pudesse, magicamente, transportá-lo de volta a mim. E me ter, contraditoriamente, no instante em que mais me perdia, no instante em que eu mais me via como aquela, a da tela, a do seriado, a da revista da sala de espera do dentista, a do caso narrado pelos jornais.

Aquela do estereótipo: a esposa traída, a mulher de meia-idade, traída. Eganada, a quem mentiam, cuja existência não era sequer percebida.

O personagem merda, banal, medíocre, imbecil, de uma história merda, banal, medíocre, imbecil.

Entre os filmes de baixa qualidade que eu via obsessivamente, me procurando, havia os que eu mesma fabricava. Perguntava e perguntava outra vez a um exausto, cabisbaixo, relutante Paulo, sobre detalhes do tipo Mas onde estava sua mão? Ou De que cor era a toalha? Para que pudesse formar um filme.

Para que eu pudesse ver o que eu não entendia. Ver não é entender. É só parecido. Mas era o que dava para ser feito.

Eu seguia um curso de história da arte, e o professor, numa das aulas, falou que vivíamos numa época de amores vagabundos. Falava do barroco, e da complexidade emocional que acompanhava e legitimava as expressões de cada anjinho. Dizia que tínhamos, no presente, a ver tais expressões como uma coisa só. Que nosso acervo de sentimentos tinha diminuído.

Mas eu o escutava como a um promotor que bradava a juízes, todos dentro de mim, como eram vagabundos os amores. Os dos outros. O de Paulo e N. E, eu assentia com a cabeça, sim, sim, vagabundo um, vagabunda outra — e seus amores. Eu, a vítima a quem esses juízes — a começar pelos internos — deviam justiça. Vestida em uniformes de tons que podiam até variar mas sempre no mesmo cinza, eu empunhava estandartes, insígnias e me via defendendo a família, a tradição e a propriedade.

A sentença com que eu condenava o mundo e me tornava vítima só me piorava. Pois, vítima, eu existia menos ainda, e mais longe ficava de poder me olhar num espelho. Espelho que, naquele momento, eu sabia, refletiria um nada, aquela que era mera consequência, continuidade optativa, da ação de outros. A vítima.

Foi um ponto, esse, de grande discussão com Paulo. Ele custou a entender o que eu dizia. Que era o seguinte: direito ele tinha, de trepar com quem quisesse. Não tinha o direito de me subtrair igual direito. Se ele podia trepar com quem quisesse ou pudesse, porque a vida era dele e cabia a ele decidir sobre a vida que era dele, a minha vida também era minha. E era eu quem devia decidir se queria ou não conviver com ele — e com os óbvios riscos emocionais, e os físicos (o de alguma doença sexualmente transmissível) de ele trepar com quem quisesse. Ao me mentir para encobrir, primeiro, o caso que estava tendo com N. e, depois, para encobrir ter tido um caso já terminado com N., ele me sonegava abusivamente esse meu direito. Me retirava o agenciamento de minha vida, que era só meu.

Ele não achava que tinha me humilhado ao me pôr num papel merda, banal, medíocre, imbecil, de uma história merda, banal, medíocre, imbecil. Não via que ele tinha me transformado em personagem coadjuvante de uma história

de outrem. Que ele havia me retirado de mim.

Paulo tinha deixado de me ver muito mais completamente do que parecia num primeiro momento. Ele nem sequer entendia que tinha deixado de me ver.

E teve mais.

Trepou com N. sem camisinha. Ao trepar com a moça de Mendes também sem camisinha, havia trinta anos, seguia o hábito da época, pré-aids. Com N. ele não tinha essa desculpa.

Precisei contar uma parábola.

Paulo está na rua e decide atravessar por entre os carros, com o sinal aberto. Paulo percebe que, seguindo seus passos, há um cachorro de rua, sarnento, que o acompanha vá lá saber por quê. Antes de atravessar a rua por entre os carros, Paulo tenta enxotar o cachorro. Afastá-lo, para que não o siga em seu risco calculado de atravessar a rua com o sinal aberto.

Eu, expliquei, didática, sou menos do que esse cachorro para você. Fosse eu esse cachorro, e você faria alguma coisa para que eu, ao segui-lo sem consciência do perigo, não compartilhasse um risco que você, e só você, decidiu correr. Valho menos do que um cachorro sarnento de rua para você. Porque, ao meter teu pau numa boceta sobre a qual, na melhor das hipóteses, você nada sabe (e na pior das hipóteses, sim, sabe, ou infere, ser promíscua — o que, para mim pelo menos, é óbvio), você não pensou que, na nossa próxima trepada, eu estaria no meio de uma rua com você, dividindo com você um risco que não é o meu.

Paulo fez o teste de HIV.

Depois mostrou, condescendente. Li em seu rosto que ele achava que me fazia bem eu considerar N. uma mulher promíscua. Que eu, a esposa traída de meia-idade, me sentiria melhor se ele não refutasse a hipótese de ser sua amante uma puta. Eu afundava, mais e mais, em estereótipos, e Paulo continuava a me ajudar para que assim fosse. Agora, eu era a mulher merda, banal, medíocre, imbecil que tinha sido traída. E era também a mulher merda, banal, medíocre, imbecil que tinha a reação típica de todas as mulheres merdas, banais, medíocres, imbecis ao serem traídas: pedir teste de HIV. Porque os maridos dessas mulheres nunca trepam com camisinha, elas não merecem a preocupação.

Nos seriados americanos, os filhos da puta sempre morrem ou são presos. Preso, Paulo já havia sido, em seus tempos de luta política. Eu queria mais. Passei a imaginá-lo morto.

Em abril, tive um acidente doméstico.

A árvore em frente à nossa casa, eu descobrira, vivia cheia de periquitos verdes que muito me encantavam. Não esperava encontrar, no centro de São Paulo, tal quantidade dos simpáticos bichinhos, que, aliás, vinham acompanhados de sabiás, sanhaços e pardais. Foi uma surpresa. Pus, logo após a mudança, uma prateleirinha na varanda, onde oferecia sementes de girassol e bananas para que

eles viessem. E vinham. Era uma varanda alegre. Mas faziam muita sujeira, e eu não podia esperar que a limpeza fosse feita apenas uma vez por semana, no dia da faxineira. As cascas das sementes ameaçavam entupir o ralo, caso chovesse. Então, todo dia de manhã, eu me abaixava com um pedaço de jornal e para ele empurrava, mais mal do que bem, um pouco das cascas. Numa manhã esqueci da prateleirinha e bati a cabeça em sua quina com bastante força.

Jorrava sangue.

Em poucos segundos todo o chão da varanda estava tinto de vermelho. E eu, *à la* menino holandês, apertava com o dedo o buraco na minha cabeça enquanto corria para o tanque, enquanto berrava pelo socorro de Paulo. Lá eu não aumentaria a sujeira na casa, na minha roupa e em tudo o que já estava sujo — e que era tudo o que estava perto de mim, Paulo incluído. Conseguimos estancar o sangue e ir a um hospital para os pontos.

Comentei o incidente com minha filha, dizendo que parecia que eu havia assassinado três pessoas, tanto era o sangue.

Ela respondeu, maliciosa:

“Você devia aproveitar.”

Depois, no meu site, escrevi isso e acrescentei:

“Mas só lembrei de duas.”

Tanto minha filha como Paulo me perguntaram quem seria essa segunda pessoa.

A primeira, eles não tinham dúvida, seria N.

A segunda, inventei, era o vizinho do andar de cima, que se negava a consertar o vazamento que vinha de seu apartamento. Era mentira. A segunda pessoa era Paulo.

Eu lia todos os dias o blog que N. mantinha na internet. Antes eu lia esporadicamente. Agora não. Minha obsessão inicial, inaugurada depois da descoberta do e-mail com senha em 7 de dezembro, quando buscava a todo momento e-mails de N. no computador de Paulo, havia sofrido um deslizamento. Agora a obsessão era pelo blog de N. Até porque não havia mais e-mails a serem xeretados, segredos dos dois a serem desvendados. O que eu buscava saber, desde o dia 8 de março, eram informações sobre essa mulher para quem Paulo havia dito Eu te amo.

Olhava o blog de N. várias vezes ao dia.

E seus textos eram versões de um mesmo enredo: ela era uma mulher briosa, de valor, independência e coragem, capaz de tudo arriscar por amor. E havia homens covardes, desprezíveis, que preferiam abdicar de uma grande paixão para não perder situações confortáveis. Homens que prezavam seu chinelo velho. Esse era Paulo. O chinelo velho era eu. Eu entrava, nos textos, no grupo de mulheres igualmente desprezíveis, que se contentam com um amor de meia bomba para não perder o conforto de sua situação de esposa. Era mais uma

estereotipada no meio da testa que eu recebia.

Entremeados com esses textos, outros textos, em que, sem explicitar nomes e datas, ela contava coisas que eu reconhecia como tendo sido vividas com Paulo. Coisas que ele, relutante a princípio, e depois só triste, me confirmava, atendendo a minhas perguntas. Por exemplo, num dos textos do blog de N. estava descrita a cena em que um homem derruba bebida em cima da mulher que levará para a cama momentos depois, num ato sublime de paixão.

Não agüentei por muito tempo — me obriguei a parar. De vez em quando, no decorrer dos meses, ainda abri esse blog de N. algumas vezes. Depois parei de vez. No ataque por escrito, como em todos os outros, quem perdia era eu.

Eu feria a cabeça em quinas de prateleiras. Caía do alto da escada — onde tornava a subir, ainda trêmula e tonta, para acabar de arrumar, afinal, os livros. Que punha, em ordem por língua de origem e nome do autor, nas prateleiras úmidas de Vieux Chêne, um colorante de madeira que ninguém mais conhecia, e que Paulo comprava em velhas marcenarias decadentes. Eu tropeçava no meio da rua e me estabacava qual panqueca no chão, abrindo o queixo, quebrando os óculos. Eu podia desejar, por momentos, Paulo morto. Mas quem morria era eu. Magra por não comer, com os cabelos caindo por conta do estresse, olheiras de não dormir, olhos inchados de tanto chorar, eu também não trabalhava. O meu projeto pessoal do livro, recusado logo após o Carnaval, continuava na gaveta ou era mandado a outros eventuais pretendentes, sem empenho, sem carta de apresentação, sem ânimo.

Sem ânimo, eu escutava Paulo dizer que me amava. Eu retrucava que, com a abundância de Eu te amos que haviam saído nos últimos tempos da boca dele, nem todos dirigidos a mim, eu não sabia como devia escutar a frase.

Ele então dizia que, ao dizer Eu te amo para N., se via dizendo Eu te amo como se estivesse num teatro. Que parecia desempenhar um papel, o papel do amante, pois amantes dizem Eu te amo. Ele então respondia ao Eu te amo dela com outro Eu te amo.

Que era isso.

E ficava em silêncio, sem mais nada para dizer.

Eu teria o que dizer.

N., ao propor o caso a Paulo, se referira à possibilidade de eles formarem uma bolha. O termo não é meu, é dela. Uma bolha de felicidade a que ambos teriam direito, e que em nada prejudicaria a mim ou a Antônio Carlos, já que não ficaríamos sabendo de nada e nada em nossas vidas mudaria.

Nem sei como começar a dizer.

Como alguém pode achar que uma experiência forte, como a de um relacionamento sexual-amoroso, não modifica seus participantes diretos e não afasta deles os que dele são excluídos. O meu relacionamento com Paulo sempre foi exclusivo. Mesmo com os tropeços que, sim, houve, se propunha a ser

monogâmico. Mas ainda que não fosse. Como achar que, se eu trepo com fulano, o beltrano, com quem eu também trepo, não terá sua presença modificada na minha vida pelo simples fato de eu ter vivido uma experiência forte que o excluiu. Como alguém pode achar que esconder uma coisa importante de alguém que lhe é importante não fará com que essa pessoa importante fique menos importante.

Como alguém pode achar que mentir cotidianamente a seu companheiro ou companheira, tratar seu companheiro ou companheira como imbecil, não modifica a imagem que se tem desse para quem se está mentindo. Como achar que isso não o torna, necessariamente, imbecil aos olhos de quem o trata como imbecil, isto é, o autor da mentira.

Como alguém pode achar que bolhas possam ter uma temporalidade viva, renovável, já que bolha, por definição, gira em volta de si mesma, fechada, claustrofóbica, até se autoextinguir.

A peça de teatro da qual Paulo se dispunha a participar, em seu papel de amante que dizia Eu te amo, era uma peça sem fim, portanto morta.

Seria.

Como depois a própria N. diria a Paulo num telefonema, meses depois, era mentira a promessa de que ela tudo faria para que o caso deles se mantivesse numa bolha, era mentira que, tanto quanto ele, ela também não tinha interesse em sair do casamento. Segundo N., ela fez essa proposta para que Paulo se visse tentado a uma aventura supostamente sem consequências, enquanto os planos dela eram, desde o começo, o de substituir Antônio Carlos. Ela disse isso, mas também não acredito nisso, como não acredito no contrário disso. Acho que, nos cinco anos que durou o cerco de N. a Paulo, houve alguma mudança em relação a Antônio Carlos. Mudança, talvez, influenciada até mesmo pelo próprio cerco. Acho que, no começo, Paulo era um cara bonito que N. queria comer. Bolha, pois. Acho que, depois, Antônio Carlos começou a se mostrar passível de ir embora. E N. queria tudo, menos mudanças. E passou a considerar Paulo um substituto adequado para entrar nas roupas de Antônio Carlos, balançar o uísque de Antônio Carlos, falar Parabéns para cada medalha ganha pelos filhos que ela teve com Antônio Carlos. Um recheio a entrar na estrutura já montada, e que ela queria que continuasse montada, igual. Um novo boneco. Ainda bolha. Mas maior um pouco.

N., ao se despedir de Paulo naquela cada vez mais longínqua primeira viagem dele ao Rio, a viagem em que se tornaram amantes, disse:

“Eu vou ser, de agora em diante, o seu pouso no Rio de Janeiro, vou ser o seu Rio de Janeiro.”

O Rio de Janeiro proposto tinha o tamanho exíguo de um quarto de motel. Na estrutura mental de N., sempre haveria essa territorialidade estreita e atemporal em que se davam seus relacionamentos. Ao contrário de Paulo, que frequentava várias turmas sem se considerar de nenhuma, N. era parte integrante

de patotas. Tinha vínculos fortes, que se formavam a partir de suas diferenças em relação a um Outro que ela elegia. Que era sempre mutável mas sempre presente.

Por exemplo, quando tudo acabou e ela saiu do Brasil para passar dez meses no exterior, escolheu uma das várias cidades imutáveis da Europa, cujo brilho estava em seu passado e não no presente. Foi em busca de outra bolha — a da luz perene, porque morta, de uma cultura embalsamada em edifícios preservados de séculos passados.

Sou diferente. Mas menos do que gostaria. Muito, muito depois de tudo isso, vi que meu professor de história da arte tinha mais razão do que primeiro percebi.

Vi que os amores vagabundos também me incluíam. Que eram também o amor descuidado, empurrado, o amor do amanhã se resolve. Um tipo de amor que às vezes dura trinta anos ou mais.

Paulo tem uma temporalidade de gato. Ele começa devagar e só muito aos poucos vai apertando, segurando. Sempre trepei muito bem com ele. Tentávamos. Só que, agora, a cada vez que eu estendia minha mão para segurar o pau dele, outra mão já lá estava, gorda, os anéis, a aliança de casamento, as unhas pintadas, buliçosa. A cada vez que, desesperada, beijava-o — para que, o rosto grudado no dele, eu nada mais visse, nem mesmo o que vinha dançar dentro das minhas pálpebras fechadas com força —, era uma saliva fria, de gosto estrangeiro, a saliva de N., que eu lá encontrava. E, qualquer coisa que ele propusesse no meio da trepada, eu enrijecia, ele poderia estar tentando reviver, comigo, algo que não era comigo. E isso mesmo que o proposto fosse, não uma revivência de N., mesmo que se tratasse dos gestos e posições que faziam parte de nosso acervo particular. Eu enrijecia mesmo em meio aos ecos traduzidos em ações, mesmo em meio ao pouco que se tornava visível, das cenas e histórias que sempre me tomavam a cabeça e o sexo — e que se desenvolviam, vermelhas, com cheiros e sons, no terreno acolhedor do silêncio e da lentidão de Paulo.

Mas tentávamos.

Fora da cama (e do sofá e do chão), eu me dedicava a outra tentativa.

Eu procurava descobrir como pessoas merdas vivem.

O mundo está cheio delas, pensava. Logo, deve haver uma vida perfeitamente viável para que merdas, lixos, mulheres que são menos que lixo, vivam. Os seriados americanos, com aquela repetição de cabelos femininos pintados de louro e as inevitáveis fortunas masculinas cobiçadas pelas donas de tais cabelos, começavam a não mais me satisfazer como modelo, como depositário adequado para um eu de aerossol.

Eu continuava estereotipada. Mas mudava o acervo de meus modelos pré-fabricados.

Vi nessa ocasião um filme muito deprimente, *A casa de Alice*, de Chico

Teixeira.

Trata-se de uma manicure que tem uma vida de merda e conhece um escroto depois do outro. No meu empenho em descobrir como eu poderia viver, sendo uma merda, que vida seria a minha, nessa minha nova vida de lixo, passei a ser uma manicure.

Andava na rua como uma manicure andaria, olhando as coisas com olhos de manicure e sentando em ônibus com as costas curvadas de uma manicure. E até a trepada ficava mais fácil, porque, como manicure, a trepada era a trepada de uma manicure, e aquele lá, o dono do pau, era mesmo um escroto, só podia mesmo ser escroto. E era uma trepada, essa. Não boa. Nem ruim. Uma trepada de um escroto com uma manicure.

Eu fazia sem vontade o trabalho que pintava. Meus projetos pessoais totalmente esquecidos, pois a manicure do filme de Chico Teixeira — e do meu filme particular — não tinha projetos pessoais. E achei que a vida podia seguir. Até mesmo com eventuais risadas, alguma brincadeira que alguém fizesse, ou algo na televisão que agora eu deixava ligada mesmo sem ver, e com som. O som da televisão, longe, no quarto, a suprir a densidade viscosa de que eu necessitava para ser esse ser sem limites, sem forma, sem bordas, esborrachado e misturado com o viscoso de tudo.

Eu não tinha dúvida de que isso era uma melhora.

Eu podia levantar de manhã, e eu teria uma cara com a qual me dirigir ao banheiro, pôr uma roupa. Eu era uma manicure. Era muito, muito melhor do que não ser nada.

Depois mudei de filme.

A mudança se deu através de um som, uma música.

Consegui algo identificável, cantarolável, uma trilha sonora que eu podia guardar na memória e usar, mesmo que esse som me fizesse ser, agora, um porto-riquenho das montanhas. Era bom, eu era um porto-riquenho das montanhas. Era muito bom.

Eu já era duas coisas, a escolher — manicure e porto-riquenho das montanhas.

O porto-riquenho apareceu assim:

Meses antes de nossa mudança para São Paulo, encontrei Paulo e N. num restaurante. Eles almoçavam juntos com frequência, saíam para tomar café em meios de tarde. Nesse dia, Paulo me avisara que estaria almoçando com N. num restaurante do Flamengo. Depois que ele saiu, decidi ir à cidade e, como sempre fazia, fui a pé. Passaria em frente ao restaurante. Entrei. Os dois estavam numa mesa de canto, o almoço já terminado, tomavam café. Pus-me em frente à mesa, mãos na cintura, e falei:

“Aí, hein! Que flagra!”

E caí na gargalhada no restaurante quase vazio. Paulo falou:

“Ué, que surpresa!”

E os garçons também sorriram, discretos.

N. revirou os olhos, botou a mão no coração, e me disse, rindo:

“Ai, não me dá esses sustos que eu tenho trauma!”

E contou um caso, um dos muitos que contava, engraçados.

O caso era o seguinte: uma vez, N. estava com um de seus amigos homens e alguém avisou a mulher desse amigo que ele estava com uma morena boazuda num restaurante. A mulher chegou no meio do jantar, pronta para um flagrante, e, ao se aproximar da mesa, falou, entre aliviada e decepcionada:

“Ah, mas é a N.”

Nessa hora, no restaurante, N. fez uma cara engraçada, de indignação, e eu ri, porque N. realmente era uma pessoa engraçada.

N. continuou a contar:

“Como assim — ah, mas é a N.?! Porra, quer dizer o quê — mas é a N.?! Será que ninguém me leva a sério?!”

E, com as duas mãos, levantou os peitos, que já estavam de qualquer maneira quase fora da blusa decotada.

Ri mais.

O subtexto era que ela estava indignada porque ninguém achava que ela era capaz de ser amante de alguém.

E ninguém acharia que ela seria amante de um homem porque ela era do tipo que fica amiga. E, outro subtexto, esse mais sutil do que o anterior: em vista disso, eu não tinha nada a temer.

Dessas coisas que mal se instalam na cabeça.

Achei engraçada a referência indireta ao eu não ter nada a temer, porque, até onde eu sabia, eu não tinha nada a temer. Na época não me ocorria a possibilidade de eles se tornarem amantes. Não passava pela minha cabeça. Aliás, não passava pela minha cabeça que Paulo se tornasse amante de qualquer pessoa. E, N. tinha razão, muito menos dela. Mas o caso que ela contou era engraçado. Eu ri. Eu gostaria de estar naquela mesa, rindo e conversando. Eu não estava com muitos amigos na época. Mas N. dizia que só gostava de amigos homens, que detestava a companhia de mulheres.

Me despedi e fui embora. Os dois continuaram lá. Fui embora feliz, rindo pelo caminho, porque, mesmo sem ser uma amiga direta, sem ter sido convidada para aquela mesa, era bom parar na rua, encontrar conhecidos e rir. Eu achava legal que Paulo tivesse uma amiga que, desse modo, era quase uma amiga minha.

Em maio, portanto quase um ano depois desse episódio do encontro no restaurante, Paulo punha a música “Lamento borincano” no som do nosso carro. E o episódio inteiro, com o que tinha sido falado, voltava à minha cabeça. Eu me via saindo naquele dia do restaurante ainda com um resto de riso na cara,

andando no sol. Mas agora eu sabia que eles tinham sido amantes, e isso mudava a cena inteiramente. Eu continuava me vendo, andando feliz pelo caminho, mas o som que ficava era o que eu deixava para trás, as risadas que os dois teriam dado às minhas costas, assim que saí de lá. N. poria a mão sobre a boca antes de explodir numa gargalhada, e Paulo a acompanharia, com algum comentário do tipo *cool* que os dois trocavam, no inglês que compartilhavam:

“Weird, that was weird.”

Eu, a palhaça, a imbecil, a que não sabia de nada. Eu, que não existia, me transportava às Caraíbas para poder ouvir alguém, o baiano-porto-riquenho Caetano, agora perto de mim, descrever minha figura andando pelo caminho, seguindo, do jeito que dava:

Salte loco de contento con su cargamento para la ciudad.

E, na mesma música, apenas umas estrofes adiante:

Triste va pensando así, diciendo así, llorando así por el camino.

Eu, em maio, continuava me apoiando em imagens prontas, frases escritas pelos outros, continuava dependendo dos ecos produzidos em série e despejados por atacado no ar do mundo, para poder ter, em momentos, alguma coisa que eu pudesse achar que era eu. Mesmo assim, longe de mim, numa tela, num papel ou alto-falante, mesmo sendo qualquer coisa que desse, mal que fosse, mas que por um instante fosse eu, eu uma manicure ou um porto-riquenho das montanhas. Era bom me ver, me ser. Era boa a dor que, então, nesses momentos, dava para sentir.

E também ria comigo mesma ao pensar que, pelo menos, não eram mais seriados como *LAPD* e outros. Era o Caetano Veloso. Ou um diretor do cinema nacional. Chique eu nunca tinha sido, nem estava em minhas considerações tal hipótese como opção de invólucro. Mas eu saíra, pelo menos, das séries de tv.

Isso, contudo, embora promissor, não parecia ser o suficiente para que eu me encontrasse. E, em maio, comecei a procurar um apartamento.

Não iria de fato morar com minha mãe. Ficaria em São Paulo, não iria longe. Talvez na esquina mais próxima ou na outra. Apenas estabelecendo uma distância para que, sem encontrar Paulo a cada minuto, eu pudesse conseguir esbarrar por acaso em mim mesma.

Tentei mais uma coisa. Eu ia ser N.

Manicure, porto-riquenho das montanhas, sim, mas surgia mais uma avenida larga para eu trilhar: N.

Tinha vindo para São Paulo com minhas poucas roupas, nenhuma delas para o frio da cidade. O inverno chegava. Entrei em lojas e escolhi roupas. Meu critério era que fossem de cores vivas, que as blusas fossem bem decotadas e as saias, curtas. Minhas roupas anteriores, notava agora, se diferenciavam por terem uma um acabamento em renda nas mangas, outra uma textura mole com caimento solto, confortável, a terceira um aplique que costurei num bolso traseiro. Ou por ter sido a última que foi comprada, e que, de tanto ser lavada, estava ficando transparente, mas de cujo azul Paulo tinha dito que gostava.

Eu sabia de tais diferenças. Mas, para qualquer outra pessoa que me visse, tratava-se de camisetas de malha e calças jeans. E só. Todas iguais. Duas calças jeans, a mais velha e a mais nova. E dois cabides de camisetas, as mais velhas e as mais novas. As mais novas eu usava quando a ocasião pedia, um cinema, encontrar alguém. A isso se somavam as saias floridas, três, bem parecidas, que eu tinha havia muito tempo e que eram únicas, inconfundíveis. Saias floridas não estavam na moda fazia algumas décadas. Então, eu não as poderia substituir por outras. Não havia para vender. Depois, com a disseminação dos evangélicos pelas ruas do Rio, saias compridas tornaram-se comuns. Não eram floridas, essas. Mas deixei de usar as minhas. Só muito de raro em raro, sempre na dúvida, quando as tirava do armário, se ainda fechariam na cintura.

Fui radical nas minhas compras.

Blusas vermelhas com um decote que me exigia o uso de um determinado sutiã, o único que não aparecia, não foram suficientes. Eu continuava um borrão indistinto dentro de uma blusa vermelha decotada.

Pensei em pintar o cabelo de preto graúna.

Em me tornar fumante compulsiva — sendo que começaria pelo compulsiva, que me parecia mais fácil.

Pensei num batom. Nunca havia comprado um batom antes na vida. Tartamudeei alguma coisa sobre lábios secos por causa do frio paulistano. Ninguém prestou muita atenção. Tanto melhor. Entrei numa loja de cuja porta eu via um mostruário cheio de batons. Fiquei olhando. Estavam abertos, eu não tinha a menor ideia se devia experimentá-los. Não me parecia muito higiênico. Olhei um, outro. Havia mais, de outras marcas, nas prateleiras. Saí.

Pedi à minha filha que comprasse um batom para mim.

E recomendei:

“Quero vermelho puta.”

Ela disse Ahn, ahn, e comprou um quase incolor. Passei a usar, a ter perenemente a sensação de melado na boca, como se a gosma geral, na qual eu me inseria, eu sem fim nem começo, a gosma tivesse inadvertidamente encostado na minha boca. Eu, pela boca, me ligava ao resto todo do mundo. Pela boca com certeza, mas não só.

Haveria algo mais a me ligar, mas não estava funcionando. Quer dizer, não estava funcionando como confirmação da minha não existência, do meu desmanche — cujas únicas ilhas seguras continuavam sendo a manicure e o porto-riquenho das montanhas. É que os decotes deixavam exposta minha pele, e o vento frio da cidade batia na minha pele, exposta, e eu me apoiava mais no braço de Paulo. E ficava com tesão. E trepávamos. Agora eu mais treinada em não dar importância à presença da outra mão no pau dele, da outra boca na boca dele. Trepávamos e, porque trepávamos, tornávamos a trepar, numa continuação, o resto da vida apenas os intervalos, necessários e levemente inoportunos, de uma única, grande e infinita trepada. O vento frio, numa temperatura diferente da minha pele, dava a ela um limite, um ponto em que ela acabava e começava outra coisa. Eu não estava conseguindo ser N. E eu ainda não era eu. Mas havia uma vontade de entrega que era diferente da entrega sinônimo de continuidade da gosma geral. Havia um ato. O da entrega. Era um se entregar, e um afastar mão e boca alheias. Gozava como uma louca.

Na minha casa, por uns poucos dias, chegava uma antiga amiga, professora da UFF em Niterói, PhD em linguística. Ela é autora de um estudo comparativo famoso, sobre a incidência de formas de teor machista na gênese da sintaxe do português e do inglês. Recebi essa amiga com meu novo visual de N. porque, radical como sempre fui, fiz todas as minhas compras de roupa em estilo N. Minha aparência era de N., porque eu não tinha outra roupa para pôr. Ela não reparou.

Havia muito ela não adotava mais o modelito guerrilheira que nos caracterizou por tantos anos. No caso dela, a mudança começara com uma argola de ouro, presença e homenagem à cultura baiana, que era a dela por lado

materno. Depois casou com homem rico, se separou. Usava roupas em tons sóbrios mas de texturas luxuriantes, tenras ou transparentes, e me apresentava, sempre que nos víamos, a seus jovens amantes de terno e gravata. Garotos de futuro, advogados de talento, a nova geração de empresários, esses a trabalhar, quase sempre, nas empresas paternas. E os pais, eles sim, velhos, antigos e talvez secretos namorados dela, e que olhavam o novo casal com olhos irônicos e afáveis.

Essa minha amiga vinha a São Paulo para duas palestras, e havia trazido seu pen drive com anotações. Pedi para usar meu computador, abandonado junto com meus trabalhos, na mesa do escritório. Nesse mesmo período Paulo me passava, também por um pen drive, algumas fotos que havíamos tirado no Ibirapuera, e que estavam no computador dele.

Essa minha amiga sofreu, alguns anos antes disso, uma doença neurológica que, como secura, a privava de parte de sua memória. Era uma perda localizada, e a recuperação estava sendo considerada rara e boa pelos médicos. Mas alguns períodos da sua vida tinham sumido para sempre.

Depois que ela foi embora — limpando educadamente os arquivos temporários que havia criado em minha máquina —, abri a pasta que ofereci para servir de pouso a suas anotações. Lá, havia um arquivo que não era meu e que achei que só podia ser dela. Algo que ela tivesse esquecido de limpar. Era um arquivo de imagem, um jpg. Era a fotografia de um bloquinho de anotações, desses de papel, de espiral. Nele estava copiada a letra da música “Eu te amo”, do Chico Buarque. Por mais argolas de ouro, tecidos transparentes e jovens amantes, eu não via a minha amiga, qual adolescente, copiando letra de uma música chamada “Eu te amo” em caderninho amarelo pautado, de espiral. E o fotografando a seguir.

Perguntei a ela por e-mail. Não. Não era dela.

O jpg só podia ter vindo do pen drive de Paulo.

Ainda hoje pergunto sobre o jpg.

A resposta é sempre igual.

Paulo diz que nunca viu, que jamais soube o que poderia ser aquilo. Nunca tinha visto antes o jpg até que eu o mostrei, já na minha máquina. E minha amiga, recuperada e tal, bem poderia ter simplesmente esquecido que a imagem era de sua propriedade. Nunca acreditei totalmente. Até hoje. Acho que, da mesma maneira que só soube da história do chato nordestino trinta anos depois de ocorrida, escuto, também nesse caso, uma negativa mentirosa. E, como no episódio do chato, aqui também não entendo a razão da negativa.

Numa das minhas já raras entradas no blog de N., li que ela viera a São Paulo e que, inclusive, tinha aproveitado a viagem para conhecer o Museu da Língua Portuguesa, na praça da Luz.

Eu não conhecia o museu.

Retornei ao meu período de cineasta, quando fazia filmes dos encontros de N. com Paulo. A época em que procurava ver o que não dava para entender.

Fiz outro filme.

Nesse primeiro semestre, eu havia frequentado, com minha filha, uma sala de desenho no SESC Pompeia. Paulo ou o marido da minha filha nos levava de manhã, ficávamos as duas por lá, e um dos dois nos pegava à tarde, em geral o marido dela, com meu neto, que assim dava uma volta. Paulo tinha o sábado inteiro para se encontrar com N. todas as vezes que ela quisesse vir a São Paulo. Meu filme era o seguinte: eles haviam se encontrado para bater um papo pessoalmente, o que não tiveram oportunidade de fazer desde o dia 7 de dezembro do ano anterior. O fim do caso e do relacionamento se dando em alguns telefonemas, e-mails e mensagens por Skype, teria ficado faltando um encontro. Não treparam dessa vez.

(Sim, eu sei, esse roteiro eu já havia feito em outro filme, e o roteiro se provou cheio de furos. Mas eu persistia.)

A foto do bloquinho amarelo era uma prova de que eles tinham se encontrado. Num sábado, se telefonaram, se encontraram, e foram juntos ao Museu da Língua Portuguesa, onde há originais de músicas e de livros de autores célebres da nossa língua. N. tirou a foto do bloquinho com a letra, em seu celular, e depois enviou, atachada a um e-mail para Paulo, como lembrança de seu último encontro.

Música de violino. Pôr do sol. Adeus. Adeus.

E Paulo, ao gravar no pen drive as imagens do Parque do Ibirapuera, havia incluído sem querer essa também.

Bem, era esse o filme.

Sem trepada.

Não sei.

Paulo também emagrecia, abatido, e repetia duzentas vezes por dia que ter um caso com N. tinha sido a maior das besteiras da vida dele, uma vida cheia de besteiras. Que ele se arrependia muitíssimo, que ele só podia explicar sua decisão de se levantar de um restaurante e entrar num táxi, dizendo Motel Sândalo, por favor, a uma colossal falta de discernimento.

Eu, mais uma vez, não acreditava que ele pudesse, que ele fosse capaz, que como, mas como. Eu, mais uma vez, olhava para ele e me dizia Não, não trepou com N. enquanto eu estava no SESC Pompeia e depois me disse Oi, querida, foi tudo bem na sua sala de desenho? Não era possível. E no minuto seguinte achava que sim. N. tinha vindo a São Paulo, eles, sim, se encontraram, treparam, e o jpg com a foto era um recuerdo de ipacarái lá deles.

O jpg nunca foi explicado, até hoje.

Essa falta de explicação é uma das coisas que não seriam possíveis no meu antigo eu e que, no novo, no que afinal consegui constituir, sim, é possível. Frágil,

no sentido de admitir a falha, a incompreensão, o não controlável, é um eu que inclui a presença de um Paulo também falho, muitas vezes incompreensível e certamente não controlável.

Um dia em que eu estava me sentindo bastante merda, mandei um e-mail para um amigo. Não era bem um amigo. Tinha sido meu professor num curso de roteiro que eu havia feito alguns anos antes. Nós nos dávamos bem, esse professor e eu, gostávamos de bater papo um com o outro, e ele costumava me dar carona na saída da aula.

Mandei um e-mail dizendo que estava com saudade. Ele respondeu na mesma hora, pedindo meu telefone de São Paulo. Pretendia ir à cidade dali a quinze dias e gostaria de passar um tempo junto comigo. Falou assim: passarmos um tempo juntos. Respondi que adoraria o café e o papo, já delimitando, com a palavra *café*, que tempo seria esse: curto. Fiz isso sem nem pensar, porque não me ocorria sair trepando, como ocorre a todas as outras pessoas normais do mundo. Só depois de ter mandado essa resposta é que atentei para a expressão “tempo juntos”.

O cara nunca veio a São Paulo.

Já disse, eu e Paulo nunca tivemos data de casamento, aliás, inexistente. Nem sequer de junção. Mas festejávamos, em substituição, o Dia dos Namorados.

Nesse 12 de junho abrimos um champanhe. Tomamos em nossos copos de vidro. Paulo havia comprado chocolates da Ofner. Comemos em frente à televisão.

Não consegui virar N.

Não consegui que sua presença no mundo encolhesse até coincidir exatamente com meu parco corpo, quando então ocupariamos o mesmo espaço, eu seria ela e ela seria eu. E ela sumiria.

Ou seria eu que sumiria.

Mas eu nem notaria que seria eu que sumiria, e não ela, porque eu já seria ela.

Não consegui.

E também não iria conseguir o contrário disso. Que a presença de N., a sua presença — a que ficava na parte do mundo exterior ao meu corpo — desaparecesse graças a golpes desferidos por mim em seus ainda existentes vestígios. Como nas lembranças de Paulo que, eu inferia, a incluíam. Ou como nos objetos que eu sabia que a incluíam.

Mas tentei.

Comecei pelo iPod. Iria fazer com ele, que era um N. pequenininho, o que eu tentara fazer com a N. grande, a N. pessoa. Integrá-lo. Enfiá-lo em minha casca de pessoa, para que fizesse parte de mim, se tornasse eu — e eu ele, cantante, sabedora de todas as músicas, afinada mesmo. Enfiá-lo ouvido adentro, se não inteiro pelo menos a metade dele, um dos seus dois fones.

Paulo gravava as palestras e cursos que ocuparam quase todos os nossos inícios de noite desse nosso primeiro semestre em São Paulo (o meio e o fim das noites eram ocupados com choros, berros e, com sorte, conversas e trepadas). Eu havia perdido uma palestra que, segundo ele, tinha sido interessante. Não gosto de escutar palestras gravadas, não consigo manter a atenção nas palavras que vêm e somem, ao sabor do movimento de cabeça do conferencista, se aproximando ou se afastando do microfone.

Mas visualizei uma imagem que me atraiu. Eu e Paulo, sentados lado a

lado no sofá, cada um de nós com um dos fones do iPod no ouvido, comungando as delícias do saber através de um aparelhinho preto e brilhoso que tinha sido presente de N. Achei que estaria roubando, e roubando lindamente, a porra do aparelhinho — destinado a iés iés do chiclete americano de todos os dias e, principalmente, destinado apenas às orelhinhas cor-de-rosa de Paulo. Nunca às minhas.

Comvidei-o ao sofá. Ele disse que, assim que chegasse a um determinado parágrafo de sua tradução, iria. Demorou. Tornei a chamar.

Ele foi. Sentou distraído, pôs um fone no ouvido e ficou lá sem prestar atenção na palestra, que, aliás, já conhecia. E também sem prestar atenção na importância simbólica da linda cena que eu havia armado. Desisti. Reclamei que ele tinha a sensibilidade de uma anta. Ele falou que o iPod era apenas um iPod, que não pensava nele como presente de N. Mais uma briga de dia inteiro.

No fim de semana seguinte ele levou o iPod para nosso passeio habitual no Ibirapuera, onde adorávamos tomar um café da manhã caprichado, seguido de uma andada por entre as árvores. Eu não tinha visto o iPod no bolso dele. Tirou e, me oferecendo um dos fones, perguntou se eu não queria escutar um pouco de música. Ele tinha gravado, de surpresa, uma seleção de músicas com as minhas preferidas. Foi a primeira de uma longa série de caminhadas, nós dois ligados pelos fios que não se destinavam a nos ligar.

De mãos dadas ou de braço dado, na recuperação de um hábito que sempre tinha sido nosso e que agora retornava, ajudado pela circunstância de que havia fios que poderiam ser puxados caso nossos passos e corpos não fossem concatenados, caminhávamos. E eu fazia mais uma de minhas cenas de filmes. Agora, eu, logo eu, que sempre, distraída, andava sem prestar atenção em quem vinha ou em quem deixava de vir, eu olhava na cara os passantes que caminhavam, como nós, pelas aleias sombreadas do parque.

Olhava-os e punha neles o diálogo que eu tentava arduamente firmar como viável:

“Repare só naquele casal, que lindo, de mãos dadas, dividindo a mesma música.”

E desejava muito encontrar o não encontrável — numa cidade que mal conhecíamos e onde não conhecíamos praticamente ninguém. Desejava encontrar um conhecido, e o diálogo e a cena então se completariam à perfeição:

“Oooi, que surpresa!”

“Pois é, estamos em São Paulo, agora.”

“Legal. E, puxa, gostei de ver, mãos dadas, dividindo a mesma música... que romântico!”

E eu então completaria:

“Muito. Aliás, você não imagina o quanto! O iPod foi presente da amante dele.”

E eu então riria, Paulo riria, e o amigo ou amigos também ririam, e ficaríamos todos lá, rindo, em frente uns dos outros, até que o dia acabasse, o movimento em volta rareasse. Continuaríamos lá mais um pouco, parados, rindo, em frente uns dos outros, no meio do caminho, rá, rá, rá. Mas aí, porque esfriava, iríamos embora. Tchau, Tchau, Rá, Rá.

Por mais que eu olhasse nos olhos de quem por nós passava, por mais que eu repetisse o diálogo na minha cabeça, orgulhosa de mim — vejam, estou com o iPod da amante dele enfiado no ouvido, rá, rá —, por mais que tentasse, eu não era esse macho todo, e precisei pedir.

“Escuta, não acho razoável eu ter que conviver com uma coisa que N. deu para você.”

E Paulo então, no dia seguinte bem cedo, pegava o iPod e o levava a uma espantada secretária da academia onde ele fazia sua ginástica de recuperação cardíaca.

Depois comprou outro aparelhinho. Ele gostava muitíssimo de iPod.

Eu só soube que o iPod tinha sido presente de N. por um acaso. Perguntei a Paulo, uma das centenas de perguntas que então eu fazia sobre tudo e qualquer detalhe de seu caso com N., se eles haviam trocado presentes. Relutou em contar sobre o iPod, que ele havia apresentado como sendo apenas mais um dos *gadgets* eletrônicos que ele dava a si mesmo, periodicamente. Disse, na ocasião, que não queria me contar que o iPod tinha sido presente de N. por medo de que eu o obrigasse a se desfazer dele, e ele adorava o iPod. Respondi, falsa como um quiabo:

“Imagine! Só queria saber mesmo.”

Paulo deu o iPod à secretária e comprou outro aparelho similar. Comentou uma vez que não era tão bom, mas nunca se queixou da troca. E continuamos a caminhar compartilhando músicas que ele gravava especialmente para mim.

Mas, assim como acontecia com o resto da minha vida, a caminhada deixava de ser pretexto para cenas, histórias ou glorificações. Mesmo as que não eram tão forçadas quanto contar a terceiros, rindo às gargalhadas, que o iPod era presente de N. Inventar situações de glorificações a meu respeito era uma coisa que estava prestes a sumir.

Havia outro “iPod”, esse sem a concretude elegante do primeiro: o supermercado Extra, onde fazíamos as compras semanais. Não gostávamos de lá, mas íamos na espera de descobrir algum esquema mais perto de casa. Algo mais corriqueiro do que sair de carro, ir a um enorme supermercado lotado de famílias inteiras empurrando, lerdas, carrinhos lotados, e com filas de caixa que poderiam consumir quase uma hora. Detestávamos. Mas ainda não havia o substituto mais adequado a nossos gostos: descer e ir até ali comprar uma coisa ou outra que faltasse, numa prática que eludia a imagem que não gostávamos de ter de nós mesmos: uma enorme família comprando quilos de comida.

No caminho para esse supermercado estava o hotel em que Paulo e N. haviam trepado no dia 7 de dezembro, quando da vinda dela a São Paulo.

Passávamos por lá todo fim de semana, às vezes em companhia de um ou outro filho que, sem carro, pegava uma carona para suas compras.

Toda vez, eu olhava para aquela fachada disfarçada, recuada, escusa, com a mesma dor. E esperava que Paulo fizesse alguma coisa que denotasse um estar comigo, mesmo se a presença de filhos o impedisse de explicitações maiores. Um aperto rápido na minha mão, uma troca de olhares. Algo que fizesse com que aquele hotel — dele e de N. — passasse a ser meu e dele. Uma troca. A lembrança de um prazer pela presença de uma dor. Um prazer que me excluía por uma dor que excluía N.

Também aqui não consegui. Paulo passava reto, sem mexer um músculo.

E eu precisei pedir:

“Vem cá, não dá para arranjar outro caminho para o supermercado, não? Para eu não ser obrigada a ver aquela porra daquele hotel toda semana?”

E ele então passou a desviar para o quarteirão de baixo, no cruzamento logo antes do hotel. Uma volta tão sem sentido que a própria volta continha, nela, a holografia do hotel.

E acabamos mudando de supermercado.

Julho eram férias para meu neto, que agora vivia lá em casa.

Um dia levei-o para conhecer o Museu da Língua Portuguesa.

Não havia, lá, nada que fosse sequer parecido com o bloquinho amarelo em que vi escrita a letra da música “Eu te amo”, do Chico. A foto que N. teria enviado a Paulo não tinha sido tirada lá.

Nessa época já chamávamos o caso dele com N. — e toda a dor e perdas envolvidas — de “evento N.”. Tínhamos chegado a essa denominação depois de constatar a pouca elegância e eficácia de nossas gagueiras mútuas, e que se estendiam em reticências infundáveis.

A coisa toda que aconteceu...

Esse lance todo...

O... a...

Evento N. era N. e tudo em volta. Havia um sinônimo que empregávamos menos, pois N. e tudo em volta dela constituíam o que chamávamos, às vezes, de Nosso passado recente. Era uma referência a nosso outro passado, o remoto, quase tão traumático quanto. Pois, sobreviventes em estado terminal de outros relacionamentos e estilos de vida desastrosos, tínhamos a oferecer um ao outro quando nos conhecemos neuroses, necessidades abissais, maus hábitos e raios presos com as lembranças muito vivas de pessoas que nos abandonaram ou a quem abandonamos.

Evento, pois.

Eu gostava do termo, não queria dizer nada. Eu gostava desse jogo que

então fazíamos com a linguagem. Falávamos sem parar, dia e noite. Em geral de noite e aos berros. Madrugada adentro — ao que, aliás, devemos os olhares tortos que recebemos até hoje no elevador. Falávamos e falávamos outra vez, num bordado que repegava o que já havia sido dito e redito muitas vezes, para que fosse dito outra vez. Na esperança de que o desvio de uma vírgula, de uma nova palavra, nos levasse além da linguagem. A linguagem sendo o espaço construído em meio a um vazio, construído para que tentássemos entender, quadricular, estruturar esse vazio que estava, contudo, sempre do lado de fora dessa construção. Tentávamos apreender o que a linguagem não apreende, e o fazíamos através da linguagem, nosso único quarto, tão exíguo quanto o de um motel.

Evento, pois.

O evento N. chegava a um impasse. Era julho, nossos vários cursos — um dos motivos, pelo menos o único dizível, de termos vindo morar em São Paulo — haviam terminado. Tínhamos as noites inteiras para nós mesmos e, quando isso ficava insuportável, para a televisão, cujas séries policiais não mais suscitavam a resposta imediata, viva, de um eu momentânea e falsamente recuperado.

Fomos juntos ao Rio, Paulo e eu.

Inventei essa viagem. Inventei uma entrevista que poderia ser feita, perfeitamente, por e-mail ou telefone. Eu tinha um novo plano. Sem ter conseguido virar N. e, assim, anulá-la dentro da geografia do meu corpo, eu também não havia conseguido anular os vestígios de sua presença na minha vida.

Restava outra possibilidade. Anulá-la no mundo.

Nas ruas de São Paulo, nos shoppings, eu esperava a qualquer momento ver N. vindo em minha direção. Achava que, a cada esquina, fossem elas formadas pelas luzes das lojas internas de um shopping ou pelas luzes externas dos faróis dos carros, N. a qualquer momento se materializaria, com seus saltos altos, as pernas gordas, as saias curtas, os decotes, o batom, a bolsa, as joias, o cabelo comprido e crespo. Ela continuava muito grande, enorme mesmo. Ela continuava ocupando o vácuo do meu eu ausente.

Na dúvida, acelere.

Gosto muito dessa frase.

Se N. estava presente em cada esquina e shopping de São Paulo (mas não nos centros culturais, engraçado, acho que é a primeira vez que noto isso, nos centros culturais, nas salas de palestras e cursos, lá eu não a esperava a cada momento, a cada abertura da porta), mais presente ainda ela estaria no Rio de Janeiro.

Pois, então, era lá que eu iria tentar, mais uma vez, me achar e perdê-la. Ia para onde ela mais estaria. Não só em cada esquina, loja e carro que passasse. Mas também nos lugares específicos que havia marcado, tatuagem. Nas paredes, mesas e calçadas em que sua presença se dera em presença de Paulo. O café do Leblon, o restaurante do Posto Seis, o shopping de Botafogo. E mesmo o motel Sândalo. Mas esse eu não sabia se conseguiria incluir no meu périplo, esse eu achava que não iria aguentar.

Minha ideia era ir, e ir com Paulo, refazer, cobrir, os passos que ele havia feito com N. Os mesmos percursos, pedir o mesmo frango à passarinho, a mesma cerveja. O mesmo café e, até, eu me imaginava, o cigarro entre os dedos, a fumaça saindo de duas narinas, primeiramente em jatos paralelos para logo depois se embolarem, autoeróticas, numa mesma névoa. Eu não era mais uma tentativa fracassada de N. Pelo contrário. Eu ia cobrir N. Passar uma tinta, meus passos sendo o pincel, sobre os passos dela.

Sim, não deu certo.

N., cada vez mais gorda e total, durante essa nossa viagem nem mais dependia da lei da gravidade, flutuava a pouca altura, qual balão, por todo o Rio de Janeiro, numa presença sem som e por isso mesmo mais apta a estar sempre lá, sabida e insuspeitada ao mesmo tempo.

No avião de ida contei a Paulo que a viagem tinha essa finalidade, e não a da entrevista com a qual eu o havia atraído: o entrevistado era uma pessoa interessante, que ele também gostaria de conhecer.

Não falou nada. Li o que às vezes lia em seu rosto. Um medo e uma aceitação, um Eu mereço, do que eu viesse a fazer. E que era, na imaginação dele, em geral pior do que eu estava de fato pensando em fazer. Acho que nessa viagem, quando eu disse que iria cobrir todos os ícones geográficos de suas lembranças com N., ele achou que eu pretendia não só ir ao motel Sândalo com ele para ridicularizar seu pau em meio a lençóis escorregadios e luzes de pouca voltagem, como também confrontar a própria N. na presença dele. Telefonar para ela, marcar um encontro, uma armadilha.

Nos dias que se seguiram, ele ia comigo pelas ruas — eu já sabendo, no primeiro passo, do meu fracasso — com uma solicitude e ternura, um olhar doído, que recuperava, ele como um espelho, o meu eu em tamanho real, mais para o pequeno. Nós dois, pequenos, os ombros um pouco curvados, a cabeça baixa, o olhar no chão. Ele me dava a mão, e íamos, no calçadão. Qual foi o qiosque? Aquele. Qual mesa? Aquele. E, na hora de parar a caminhada para lá sentarmos, meu pé seguia em frente, sem vontade de parar. Nós dois tão pequenos, tão doídos.

Indo para o restaurante do Posto Seis, a manhã tão bonita, a cidade, sempre, tão bonita, o cheiro bom do mar, as pessoas que lá andam tão devagar, eu ainda segui esse meu traçado prévio. Ia para o restaurante, onde sentaria na mesa em que Paulo e N. sentaram. Ia para comer um frango à passarinho, que, aliás, detesto.

Mas saí da minha rota pré-traçada, embora continuasse nela. Não ia mais para o restaurante. Só andei pelo caminho que seria o do restaurante mas que passava a ser apenas um caminho de pedras portuguesas, embaixo de um sol que batia e não batia, a depender de árvores e edifícios.

Só andei.

Ao lado de um homem que eu amava, numa cidade de que gostava, em uma manhã bonita.

E, nessa hora, não era mais só N. a ocupar o céu. Eu também subia numa levitação, não de balão porque meu físico não dá para tanto, mas de alminha. Me vi, eu lá em cima, me vendo, eu lá embaixo, andando por aquelas calçadas, ao lado de Paulo, como se tudo aquilo pertencesse a um passado muito distante. E que eu, lá de cima, nos acompanhasse lá embaixo, sozinhos e coitados, e eu nos visse com muita ternura, como vendo uma cena acontecida havia muito tempo, aquela eu já morta, aquele Paulo já morto, um dia na nossa vida, da época em que vivíamos aquela vida.

Segui até o restaurante. Comemos o frango à passarinho em silêncio.

Antes de voltar para São Paulo, depois de três dias de mais andadas, e de uma distância cada vez maior entre meus pés e o chão específico que eu pretendia que meus pés pisassem, falei com Paulo da minha ingenuidade, do meu projeto destinado ao fracasso. Pois eu jamais saberia de suas lembranças. Só poderia saber dos anzóis pelos quais essas lembranças se vinculavam a um visível, era isso a única coisa ao meu alcance. Ele concordou, e vi que se esforçava para me entender, para trazer para sua cabeça as tais lembranças, que seriam um tesouro dele e só dele, já que eu assim dizia.

E vi que ele estava muito cansado.

Esse encontro com N., que nunca se deu e se deu todos os dias, todas as horas, ainda por muito tempo, estivesse eu no Rio ou em São Paulo, vinha em dois modelos. Um era a própria N. a surgir nos céus e na terra, a qualquer momento. O outro era N. a surgir nos olhos, na expressão das pessoas que nos conheciam, e que me olhariam ou com muita pena ou com muita ironia. Ou disfarçando um Ah, coitada. Ou disfarçando uma risada. Rá, cornuda. Enganada, traída, largada para trás, igual a qualquer outra. Rá, rá. No olhar dos outros, inscrito o que minha mãe chamaria de destino de mulher. Nasceu com boceta? Vai ser enganada. Traída, humilhada.

E o melhor é não ligar, minha filha. Levante o nariz e siga em frente.

Eu tinha dois problemas que eram um só — e que não eram, ou não era, encontrar N. ou encontrar as pessoas que conheciam N. Era saber que cara usar para a ocasião. Sem um eu, eu também não tinha, é claro, uma cara para vestir nesse eu ausente.

Da mesma forma que eu não tinha dúvida de que N. estava em todos os lugares, qual dirigível da Goodyear, eu também não tinha dúvida de que todos sabiam que ela havia tido um caso com Paulo. Ela presente também neles, nessas pessoas. Eu, na falta de cara, precisava construir uma parede maciça para brear esse olhar do outro.

Precisava construir uma parede contra o olhar do outro. E, principalmente, precisava derrubar outra parede, para poder integrar o eu que foi perdido no

evento N. ao eu que aparecia, em fiapos, aqui e ali. Porque eu temia essa integração. Temia que o resultado final, a soma, significasse uma diminuição de tamanho, se reconhecesse como muito frágil e machucado. Inviável. Mas me integrar era ainda mais difícil do que breçar o olhar do outro.

Comecei, portanto, pelo olhar do outro. E um outro de roupa de verão e mão estendida, o outro concreto, com nome. E riso na cara.

De todos os candidatos a personificar esse outro, o pior deles era um velho amigo meu, que conheci ainda no tempo em que estava com o pai da minha filha.

Quando minha filha era ainda um bebê, esse meu amigo foi para o exterior, onde viveu por todo esse tempo. Retornara ao Brasil havia pouco mais de um ano, se instalando no Rio com sua nova mulher, filha de diplomatas, de quem eu gostava muito. Sem pintar seus cabelos que ficavam grisalhos, sem usar maquiagem, inteligente, culta, com uma risada aberta e franca que me encantava, eu me sentia muito bem na presença dela. Nesse ínterim, o meu amigo, que antes trabalhara como eu em editoras, tinha se tornado tradutor. E ele também se dava muito bem com Paulo, e saíam só os dois para almoços e papos. Esse casal frequentou por um tempo, depois de sua chegada ao Brasil, as reuniões do Caça-Palavras. Eu não tinha dúvida de que eles sabiam do caso de Paulo e N. Para mim, eles eram minha prova mais difícil. Já haviam estado em São Paulo, pouco depois do dia 8 de março, haviam sentado na minha sala, eu pronta para sair para um almoço mas dizendo que não ia poder ir. Dei uma desculpa de que não me sentia bem. Na verdade, eu não ia aguentar. Ainda não tinha parede para contrapor ao olhar do outro, ao deles. No sofá, eu falando minha desculpa, meu amigo na poltrona em frente, eu lia no rosto dele a pena que ele sentia de mim, eu, uma mulher que tinha uma vida que ele admirava, e que de repente tinha virado um lixo.

No Rio, procuramos por eles.

Antes, no telefone para marcar o encontro, disse, de supetão, ao informar que estávamos no Rio, que se tratava de uma viagem de dedetização: grilos a serem afastados, escorpiões (o signo de Paulo) enfrentados. E uma barata a ser deixada para trás, para sempre com as pernas abertas sob a luz de um abajur. A barata, claro, era N. E falei isso, no telefone, olhando para Paulo, para que ele inculcasse, *silly me*, na sua lembrança da boceta de N., essa outra imagem, a de uma barata morta, de pernas abertas. Mas meu amigo, do outro lado da linha, não tinha a menor ideia do que eu estava falando. Ele não sabia que Paulo e N. tinham tido um caso.

Então, meu pior problema fui eu mesma que provoquei. Pois agora ele sabia.

(Esse meu amigo e minha filha foram as duas únicas pessoas que souberam do caso de Paulo e N. Os dois únicos, e cujo afeto e lealdade eu não podia pôr em dúvida. Eles não fariam com mais ninguém. Como N., numa

comunicação com Paulo, havia dito não ter contado para ninguém — no que acreditei, qual seria seu interesse, não? —, eu só tinha um caminho: admitir que esse olhar de um outro, que eu temia tanto, era um olhar que eu dava para mim mesma. Não existia esse outro. Eu ia ter de enfrentar, sem metáforas facilitadoras, um problema que datava desde antes do evento N., desde antes de eu conhecer Paulo, desde minha infância. Eu ia ter de me ver, eu a mim mesma, sem as histórias que eu fazia a meu respeito, sem meus filmes, nuinha.)

Depois, em pessoa e muito constrangido, diante de um Paulo ainda mais constrangido, esse meu amigo disse que estava a par, como todos, de que N. dava em cima de Paulo sem parar, mas achava que Paulo jamais iria cair nessa conversa.

Só pude concordar com ele.

Eu também achava que não.

Procurei brincar:

“Porra, logo eu, com uma biografia impoluta, virei a esposa traída dessa novela de quinta categoria!”

E repetia e repetia, reforçando o “esposa”, para que ríssemos. Ele ficou um longo tempo sem nos procurar. Era uma das minhas perdas. Longe de ser a única.

Eu perdia hábitos, brincadeiras particulares entre mim e Paulo, palavras e músicas.

Fiz, nessa época, uma espécie de inventário das perdas, como se pôr nomes e definir itens fragmentasse minha desvalia, a fizesse mais fácil. A frase implícita era:

Não, as perdas foram essas e essas outras, somam tanto, agora é calcular o valor do seguro.

Cálculos matemáticos sempre são mais confortáveis do que o que não dá para contar (nos dois sentidos). A lista que fiz é inesquecível, o valor do seguro eu nunca soube. Paulo e eu envelhecemos vários anos nesse um ano, nossos rostos se tornaram mais enrugados, mais graves.

E contraí uma dúvida que foi o real motivo de eu ter ido, saco de dormir e uma vassoura, para um apartamentinho não muito longe da minha casa. Eu tinha lutado minha vida inteira para obter o que sempre me pareceu sumamente desejável: a intimidade sem necessidade de defesas com outra pessoa. Achei, minha vida inteira, que seriam os relacionamentos longos e monogâmicos os que poderiam oferecer esse enorme prazer — o da ausência de agenda oculta, de jogos, de cuidados.

E aqui minhas referências cinematográficas dão um novo salto de qualidade.

Os *Bones* e *CSI* ficavam definitivamente para trás, o cinema nacional também.

O novo filme que entrava em meu imaginário era o *Hiroshima mon amour*.

Você está com uma pessoa completamente desconhecida num quarto de hotel, e você conta para ela o que nunca contou para ninguém. Você e essa pessoa, em coisa de cinco minutos, têm a intimidade, a proximidade, que eu busquei num esforço de mais de trinta anos, numa espécie de quarto ao lado. O dos apartamentos montados e com crianças na sala.

Eu ia embora porque reconhecia meu engano.

Tinha procurado o que eu queria no lugar errado. Tinha buscado a intimidade que eu queria onde ela não estava. Com mais de sessenta anos, não me via cooptando surfistas para motéis baratos. Mas, pelo menos, ao ir embora, me poupava de constatar, todos os dias, ao dizer bom-dia a Paulo, o tamanho do meu engano de toda uma vida.

O apartamentinho, uma espécie de estúdio, era de dois andares. Se estava difícil encontrar um eu viável, eu mais uma vez radicalizava: iria precisar de dois. Um para o andar de baixo, onde ficava uma pequena sala e uma semicozinha. E outro para o andar de cima, onde eu montaria meu escritório. No de baixo eu seria uma doce velhinha, que convidaria vizinhos para uma xícara de café e me sentaria, mãos cruzadas no colo, para ouvir os últimos achaques da dona fulana, ou as gracinhas da peste do fulaninho, bisneto do sicrano. E no de cima, que tinha uma minivaranda que dava para a parede lisa do edifício ao lado, eu tomaria banhos de sol nua, como sempre tomei, e como gosto.

Aluguei o apartamentinho. Meu primeiro motivo, então, foi que eu me achava ridícula cumprindo minhas funções de parte integrante de um casal, quando não sabia mais para que mesmo havia casais no mundo.

O segundo motivo foi que quis me vingar de Paulo. A vingança não era ele ficar sem mim. Imagine. Paulo estava exausto, deprimido. Acho mesmo que teve um momento em que ele achava que tanto fazia. Se ficássemos juntos, mas bem um com o outro, se conseguíssemos ser felizes, seria ótimo. Se nos separássemos, também seria bom. Ele arranjaría seu pequeno apartamento em algum lugar, teria seu trabalho, sua comida na geladeira, os amigos, e as mulheres que pintassem. Acho que teve um momento, durante o evento N., em que ele precisava muito ser feliz, que procurava risadas e alegrias como eu procurava chocolates na geladeira. Eu sabia que iria comê-los, que eu precisava comê-los, que eu poderia ficar me aguentando mais um pouco, mas que esse pouco seria pouco. E que eu iria aonde chocolates houvesse, porque eu precisava deles. Acho que era igual.

Paulo, nesse *Hiroshima, meu amor* feito por mim, o da minha vingança, buscará em outros motéis, alguns com mais, outros com menos mosquitos e cheiro de mofo, a vertigem deliciosa de se sentir novo em folha, começando a cada vez uma nova história com todas as possibilidades em aberto, dono do mundo. Fará isso muitas vezes.

Nas primeiras, chegará a dizer para a mulher ao lado, na intimidade espontânea que — hoje eu sei tão bem — se pode ter com estranhos ou quase estranhos, alguma coisa muito importante de sua vida. Um caso de infância que nunca terá contado a ninguém. Depois, com a repetição de mulheres e mais mulheres, haverá um momento em que se lembrará de contar os mesmos casos já contados antes. Mas não contará. Só lembrará, sem fazer gesto algum, sem dizer nada, da época em que, tendo uma mulher que acabara de conhecer a seu

lado, tinha contado a ela algo de muito importante. Depois de mais tempo e mais repetição de mulheres, voltará a contar. Não porque o caso, agora já contado e recontado, ainda tenha algum valor. Mas para que não dure tanto, o silêncio. Ou para que cale a boca, a mulher. Que terá peitos caídos, boceta enorme entre as pernas abertas sem pudor. Que fumará cigarros cada vez mais vagabundos. E que será muito alegre, que rirá muito, de tudo, gargalhadas com a boca cheia de batom — borrado.

Ou não.

Paulo se casará com N. Ficarà a seu lado, balançando um uísque em copos cada vez maiores e com menos gelo. Será ele, ao lado daqueles inacreditáveis e justos vestidos estampados que a fazem ficar parecendo uma arara tropical. Será ele a tentar decorar, sem conseguir, todos os nomes do equipamento esportivo dos filhos dela, agora já campeões nacionais. Internacionais. Terá de decorar, também, os nomes dos irmãos e cunhados e cunhadas. E das amigas. E o uísque, lá, balançando embaixo do sorriso que ele aprenderá a manter para compensar os olhos baços. Ninguém falará nada sobre a morte de Antônio Carlos, todos verão N. como uma viúva tentando ir em frente com sua vida, sem lembrar de quem ela era viúva. Mas Paulo não notará nada disso. Não notará nada, nem sobre o status de viúva de N. — expresso em algum movimento de corpo, talvez um peito mais estufado ainda, para a frente, como quem respira fundo para enfrentar as adversidades de que essa vida é cheia. Nem notará nenhuma outra coisa. Ele só balança o uísque, os olhos baços.

Aliás, citando um pensamento que parece ter sido o dele durante esse afinal curto período de sua vida que aqui relato: para que escolher quando se pode ter tudo? Paulo se casará com N. e terá, como ele diz, seus escapes, que lhe darão, a cada vez por menos minutos, a impressão deliciosa de que é outro.

Seria essa a minha vingança.

Contei esse meu plano para Paulo. Ele sorriu, cansado, e repetiu, cada vez mais cansado, que me amava, e que gostaria muito de ficar comigo.

Em setembro, depois de apenas três meses de aluguel, devolvi o apartamentinho de dois andares e dois eus. Além da vassoura e do saco de dormir, levava para lá alguns livros. Não que gostasse particularmente desses livros. Ou que pretendesse relê-los. Não. Tinham sido livros que eu havia lido, só isso. E, não tendo eu mais fios com meu passado, aqueles livros, por um momento, me pareceram uma garantia de que eu havia existido antes. Estavam ali não pelo que havia deles em mim, mas pelo que havia de mim neles.

Ao devolver o apartamentinho, tive um desses gestos súbitos dos quais nunca me arrependo. Deixei os livros ao lado da lixeira. Não os trouxe de volta. Deixava lá também minha tentativa de viver em dois andares e dois eus. No apartamento com Paulo, voltei a lutar com um eu só, que às vezes aparecia, e em outras desaparecia, afundado num cotidiano que absolvía Paulo a cada dia mais um

pouco. O que me emputecia. Paulo sorria, comia, me comia. E eu me descobria, além de tudo o que era e não era, uma banana. Gostava imenso de estar com ele — na rua ou na cama, vendo televisão ou conversando. E nossas conversas, que haviam se reiniciado tão difíceis, com palavras proibidas, referências que se interrompiam pelo meio, agora corriam mais suaves. Eu não tinha como disfarçar. Eu o amava.

Quanto à lista das perdas e danos, ela diminuía. Não porque houvesse menos coisas nela, mas porque essas coisas se tornavam, a cada dia, mais icônicas de um passado que nem eu nem Paulo fazíamos tanta questão assim de recuperar.

É esta a lista:

Chamá-lo de amorável vem em primeiro lugar. Eu gostava dessa palavra, e a usava. Não sei se a usei alguma vez na frente de N. Pode ter sido apenas uma coincidência. Mas, numa noite de conversa, disse a Paulo que ele era, apesar de tudo, amorável. Paulo baixou os olhos, e eu perguntei o que havia. E ele, a voz sumida, disse que N. tinha usado, e mais de uma vez, a mesma palavra. *Amorável* passou a ser, portanto, uma palavra perdida para minha boca. Mas chamar Paulo de amorável não me parecia mais essencial. Até porque as oportunidades de chamá-lo de amorável decididamente tinham se tornado menores. Eu olhava Paulo e não tinha como não ver que o amorável poderia também ser descrito como calhorda. Eu dizia isso para Paulo, que baixava mais uma vez os olhos. E nessa baixada de olhos eu tornava, então, a ver o amorável. E também dizia isso a ele. Não com a mesma palavra. Algum sinônimo. Que bom que havia sinônimos.

Outro exemplo:

Contar a história que eu repetira tantas vezes em minha vida, sobre como eu e Paulo tínhamos nos conhecido, também não era coisa que eu ainda tivesse vontade de fazer.

Eu gostava muito de contar essa história, quando estávamos em grupos de amigos, e que era o que eu anunciava como sendo a história da nossa vida. Dizia que eu e Paulo tínhamos começado pelo fim. Dificuldades de relacionamento, brochadas, brigas, um inferno, aqueles nossos primeiros anos. E que, mais de trinta anos depois, tínhamos chegado ao que, para as outras pessoas, costumava ser o começo: namoro, passeios de mãos dadas, trepadas ótimas.

Era um pouco verdade. De fato, quando nos conhecemos, eu e Paulo estávamos muito mal pelo fim de nossos relacionamentos anteriores. Éramos muito diferentes na maneira de ser, um e outro, e formávamos o que nossos amigos da época chamavam de um casal improvável.

Eu, sem saber se queria ser desenhista de moda ou agrônoma, tentando ambas as coisas mas na verdade com um emprego de secretária executiva em empresa da indústria alimentícia, era uma pessoa emotiva, para não dizer desequilibrada.

Paulo, iniciando sua carreira de técnico de computação, depois de um curto e dramático período de atividade política contra a ditadura, descendente de portugueses obtusos contra os quais se rebelava, não podia ser mais racional.

Ele analisava. Eu sintetizava, em geral de forma dramática. Era briga em cima de briga. Depois, com o tempo, mais filhos, esses em comum, e alguns períodos de psicanálise, tínhamos conseguido chegar a uma espécie de entendimento. Continuava sendo uma relação tumultuada, mas, quando Paulo iniciou seu caso com N., na minha visão nunca tínhamos estado tão bem. A história de como começamos mal e estávamos bem era a história que eu contava para grupos de amigos. Foi essa a história que eu contei, uma noite, num bar, para a turma de tradutores, N. presente.

E, sim, eis uma história que nunca mais poderia ser contada.

Outra perda:

Perdida também estava a música “Here comes the sun”, dos Beatles. Ao conhecer Paulo, eu cantarolava essa música para ele. Alegre, calmo, seguro, quente, ele era mesmo um sol. Mas a música, por coincidência ou não, tinha estado no blog de N.

Então, Beatles não mais.

E, além disso, não havia mais filhos na casa para que pudéssemos repetir a brincadeira de Rodolfo e Shirley. Essa era uma brincadeira particular entre nós, e que vinha desde a época em que nossas crianças eram pequenas. Nós tínhamos inventado dois personagens fictícios, um para cada um de nós. Era uma brincadeira que depois, os filhos crescendo, foi compartilhada com eles. Os personagens fictícios eram o Rodolfo e a Shirley. Rodolfo era meu amante inventado, e Shirley era a amante inventada de Paulo. Tinha a ver com os nomes. Shirley, a nosso ver, era um nome cafajeste, Rodolfo também. Tínhamos amantes cafajestes, e isso aumentava a brincadeira.

Por exemplo, quando um dos nossos filhos perguntava onde estava o pai, eu poderia responder:

Ah, sei lá, vai ver saiu com a Shirley.

E todos riam, rá, rá.

Ou, quando alguém dizia que alguém telefonara mas que a ligação fora cortada no primeiro alô, um deles sempre falava:

Era voz de homem? Ó, mãe, o Rodolfo te telefonou, desce lá no orelhão e vê o que ele quer.

Ou ainda, quando eu me arrumava (o que era muito raro), eles diziam:

Ih, vai se encontrar com o Rodolfo, é?

E essa brincadeira também sumira, junto com as outras coisas, porque a graça era justamente sua total impossibilidade. Ter um amante, para Paulo ou para mim, sempre foi algo inimaginável. E, portanto, engraçado de imaginar. Depois de N., comecei a ver outra vertente da brincadeira. Descobri que também

achava ter amante uma coisa brega. Uma coisa da década de 50, que combinava com chão encerado e sobranceiras em arco. E que o nome de Shirley poderia ter várias corruptelas, todas igualmente ridículas e que incluíam o nome de N.

Mas a lista das perdas era também uma lista de compras. Não eram as histórias e as palavras e as músicas o que eu havia perdido. Eu havia perdido essa minha identidade que formulava, sem cessar, histórias, palavras e músicas a seu próprio respeito. Eu tinha ficado menor, menos interessante. E precisava comprar um olhar com que eu pudesse olhar o mundo, uma voz com que eu pudesse, frágil e firme, falar de mim. Não contar histórias, menos do que isso. Só falar.

Paulo também.

Depois de uma fase inicial em que ele negava qualquer malfeito proposital, me incitando a levar em conta contextos e complexidades, Paulo assumira o que ele chamava de erro — e eu não. Erro, para mim, teria sido a trepada única que eu supunha ter acontecido entre ele e N. Erro era sentar na cama, olhar o pau melado, e dizer Puta que o pariu, que cagada! Erro é comprar um cigarro avulso na banca de jornal. Ter um caso não é um erro, é uma decisão, é comprar um maço inteiro, é fazer algo que se quer. Se eu tive um longo caminho para integrar em mim a experiência de ter sido imbecil, menos que lixo e, depois, banana, Paulo teve um longo caminho para integrar o que ele chamava de erro mas que, erro ou não erro, o deixara numa posição que ele considerava, nas palavras dele, insustentável.

Era um caminho longo para nós dois. Ou, em inglês, *it's a long, long way, baby*.

Quase um ano depois de tudo.

Paulo tinha mais uma festa de amigos do Rio. Dessa vez, era a sua turma do Colégio Aplicação, as pessoas que o haviam acompanhado em sua atividade política, primeiro na própria escola e depois fora dela, contra a ditadura. Falei que ele devia ir. E sozinho.

De tudo o que tínhamos perdido — em palavras, histórias e estatura —, achei que não era o caso de incluir toda uma cidade na lista. O Rio de Janeiro não iria ser um lugar onde Paulo sentisse que não podia ir sozinho porque eu iria pirar. Eu não ia pirar. Eu não ia dar uma cidade inteira para N.

“Vai, vai, sim.”

Paulo iria numa sexta-feira e passaria lá o fim de semana.

E antes da sexta-feira veio a quarta-feira.

Na quarta-feira anterior à sua viagem, às onze e quinze da manhã, ele recebeu um telefonema em seu celular normal. O celular do Rio havia muito estava desativado, numa gaveta. Eu estava em casa, nessa hora. Estava no quarto, com meu notebook, pegando dados para um trabalho através do telefone fixo da casa. Como as conversas sobre esse meu trabalho costumavam demorar muito, eu tinha ido para o quarto para não atrapalhar Paulo e nossos filhos, que estavam no escritório. Logo depois, eu e Paulo iríamos sair para almoçar no restaurante a quilo da esquina. Fazemos isso sempre. Uma pausa bem-vinda no trabalho.

Assim que saímos, ainda no elevador, Paulo disse:

“Recebi um telefonema dos mais esquisitos.”

Eu não sabia do que ele estava falando, e fiz cara interrogativa.

Eu havia, sim, percebido vagamente que ele atendera um telefonema que não parecia ser de trabalho.

Paulo respondeu à minha pergunta muda: o telefonema “esquisito” tinha sido da N.

Fiquei pasma.

N. estava ficando cada vez mais para trás na minha vida. Nem mesmo usávamos mais a expressão “evento N.”. Não estávamos mais gagos.

N., continuou Paulo, só desejava saber como ele estava, e contar uma novidade boa que ela não chegou a dizer qual era. Acho que a novidade que N. queria contar não foi contada porque, comigo no quarto trabalhando, e nossos filhos no escritório, também trabalhando, Paulo tratou de encurtar rapidamente o telefonema.

E, isso ele não falou, eu que achei, Paulo só estava tocando no assunto naquele momento comigo porque não podia saber com certeza se eu havia percebido ou não que ele acabara de receber um telefonema de N. Para mim, Paulo disse que tinha cortado o telefonema porque nada mais tinha a falar com aquela mulher.

Toda quarta-feira, Paulo saía de sua academia de ginástica às exatas onze horas. E voltava a pé para casa, aonde chegava às onze e meia. Como ia viajar dali a dois dias, matou a ginástica para adiantar um pouco as pendências de trabalho, para que sua ausência não sobrecarregasse os filhos. Mas, jurou ele, tudo seria apenas um acúmulo de coincidências.

N. ligar dois dias antes de Paulo ir pela primeira vez sozinho ao Rio; e N. ligar numa hora em que Paulo normalmente não estaria em casa, mas sozinho na rua. Tudo só coincidências.

Eu e ele nos entreolhamos.

Não era fácil.

No restaurante a quilo, nós dois na mesinha apertada, falei o que já havia falado várias vezes antes. Que um caso só termina quando acaba. E que, enquanto Paulo não falasse a N. tudo o que ele dizia para mim, ou seja, enquanto Paulo não dissesse para N. que, para ele, o caso estava havia muito terminado, N. continuaria presente, ou como fantasma, ou como bem mais que um fantasma, como era o caso naquele dia. Eu gostaria que Paulo dissesse com todas as letras o que ele, agora, não se cansava de me repetir: que ele me amava e que ela não tinha sido nada para ele.

(Seria só uma pequena satisfação pessoal, não que fosse mudar alguma coisa, não que fosse realmente importante.)

Que eles se falassem, eu disse. Que houvesse uma clareza sobre como ele, Paulo, se sentia. Eu achava que Paulo precisava saber, ele mais do que N., como ele se sentia. E ele só saberia como iria se sentir falando à vontade e com privacidade com N. se falasse à vontade e com privacidade com N. Sentada no restaurante com ele ao lado, comi meu prato depressa e disse:

“Vou para casa. Liga para ela, fala o que há para falar, sinta o que há para sentir, seja lá o que for.”

Mais de uma hora depois, Paulo chegou em casa.

O telefonema, disse ele, nem tinha sido tão longo. Longo foi ele se decidir a ligar, e longo foi o período, depois do telefonema, em que sentou numa beirada de muro, no sol, sem um pensamento único na cabeça, mas trinta mil.

A boa notícia que N. não havia dado no primeiro telefonema ela também não havia dado no segundo. Ao se despedir, quando Paulo perguntara sobre a boa notícia, N. tinha dito que iria contar por e-mail.

O e-mail foi enviado para a conta de Gmail dele. Paulo me ofereceu para ler. Resisti bravamente. Contou por alto o que dizia. A boa notícia era que N. ia para a Europa por dez meses, estudar o espanhol clássico que tanta falta fazia para suas traduções. Iria ficar morando numa dessas cidades imutáveis, preservadas, e que acabam se parecendo um pouco com os parques temáticos da Disney, onde tudo sempre está no lugar certo, inclusive as flores nas sacadinhas. Onde você espera a qualquer momento cruzar com uma figura a caráter balançando antiguidades medievais pelas ruazinhas estreitas cheias de turistas. E às vezes cruza. Achei que era mais uma de nossas competições. Eu falava espanhol perfeitamente bem.

Perguntei como Paulo havia se sentido, falando com N. pelo telefone tanto tempo depois de terem tido o último contato.

Respondeu:

“Normal.”

Ou seja, não quis me contar.

É mais um dos meus aprendizados. Acho que hoje, sim, tenho com ele o que busquei tanto tempo. Acho que hoje, por muitos momentos, nos olhamos e nesse olhar sinto que estou mais próxima de outro ser humano do que jamais conseguiria estar. E meu aprendizado é saber que há momentos em que nos recolhemos, eu ou ele, dentro de nós, desse novo nós que com tanta dificuldade pudemos construir.

Na sexta-feira daquela semana do telefonema de N. dado às onze e quinze, Paulo embarcou para o Rio, de avião dessa vez. E voltou no domingo, também de avião, eu levando e pegando no aeroporto.

Na volta trocou mais e-mails com N., sempre oferecendo para que eu os lesse. Li o último que ela mandou. Tinha um tom irritado, de despeito.

Foi assim que eu soube que Paulo afinal dissera, para ela e para si mesmo, que o caso deles, acabado havia muito, no que lhe concernia, não era nem para ter começado.

Não celebro aniversário do que é ruim. Não choro datas de morte. Mas nesse novembro desse primeiro ano pós evento N. não tive como afastar o dia 16 de mim. Aliás, essas decisões duras que costumavam ser as minhas, também isso ficava para trás. Não vivi o dia 16 como um soldado, marchando para a frente, sem olhar para trás. Não. Trocamos aflições, eu e Paulo, nos permitimos reeditar um pouco de nossas longas e dolorosas conversas de noite inteira, que já estavam distantes. Ficamos, juntos, algumas vezes durante o dia, com os olhos cheios de lágrimas — o que seria impensável antes, na nossa vida de antes.

De N. nunca mais soube. Foi para a Europa, onde acredito ter encontrado o lixo que os europeus reservam a seus visitantes. Deve ter conhecido um romeno ou um tcheco, ou mesmo dois, três. Deve ter visto o cinza gelado de suas ruas. A mesquinhez de seus apartamentos minúsculos. Deve ter aprendido espanhol o suficiente para receber o sorriso de desdém que os da terra reservam aos estrangeiros que aprendem sua língua. Acho que continuará a buscar o companheirismo, a intimidade com homens através de um mimetismo de atitudes masculinas. E acho que continuará a não dar certo.

Na época em que dividíamos, ainda, mesas de bares, falei uma vez para ela do livro *Thérèse Desqueyroux*, de François Mauriac.

(Sim, esse é mais um salto de qualidade que dou em minhas referências.)

O livro conta a história de uma mulher que envenena seu marido por nenhum motivo concreto, nenhum motivo que pudesse ser dado a outra pessoa, e que essa pessoa pudesse dizer Ah, sim! Entendi!

Ela começa a envenená-lo por acaso, num dia que o vê tomando, distraído, uma dose suplementar de um remédio perigoso.

Ele não morre do envenenamento progressivo. Ela é descoberta, julgada. E é absolvida graças ao testemunho favorável do próprio marido, que a inocenta e a quem ela abandona.

A última cena é ela, feliz, seguindo sem rumo pelas ruas de Paris.

Soube da morte de Antônio Carlos muito tempo depois de ocorrida. Ele morreu antes de N. seguir para a Espanha. Sofreu um pequeno acidente durante uma prática esportiva. Foi internado na clínica ortopédica da família de N. E lá teve uma embolia e morreu.

Não pensei nisso num primeiro momento, só depois. Não me lembrei num primeiro momento do que N. falava sobre a facilidade de matar alguém internado numa clínica. Não ressaltei, na minha cabeça, que a clínica em questão era da família dela.

Antônio Carlos deveria, na época de sua morte, estar bem adiantado no seu esforço de quebrar a muralha com que N. o cercava. A muralha dos amigos para sempre, irmãos de sangue. Acredito que sim, acho mesmo inevitável. Outras mulheres, a vida seguindo, a vontade de sair de algo sufocante. Não há como ter sido diferente. Na época de sua morte, Antônio Carlos já não devia se prestar de bom grado ao papel a que o obrigava N.

No livro de Mauriac, a verdadeira razão de o personagem Thérèse Desqueyroux tentar matar o marido foi a necessidade, a dela, de liberdade. O personagem do marido, chamado Bernard, personifica a prisão dela numa classe social fechada.

Ao explicitar a hipótese de que Antônio Carlos tenha sido morto, e ao apontar N. como suspeita, não mudei de opinião. Não acho que N. jamais tenha buscado algo de fato aberto, ou arriscado, em sua vida.

Mas poderia ser que, do livro citado, que ela inclusive comprou sob minha recomendação — e leu —, N. tivesse pegado só a ideia mais superficial. A ideia de que é possível matar um marido. Aliás, pegado não, repegado. Pois isso foi algo explicitado antes a título de brincadeira, de que matar alguém internado num hospital é relativamente fácil. Ao contrário do personagem de Mauriac, N. teria então matado Antônio Carlos não por um anseio dela de liberdade, mas porque ele teve um anseio de liberdade.

Não seria mesmo difícil, com algum conhecimento médico e a entrada livre que N. teria em qualquer local da clínica de sua família.

Agora era a hora de, aqui, neste relato que faço principalmente para mim mesma, assumir um papel de detetive. Entregar meus pensamentos para algum modelo masculino, desses entojados, cheios de cacoetes, mas que dominam tudo, tomam a palavra. Um homem, e aqui eu engrossaria minha voz para personificá-lo, sozinha que estou no quarto de hóspedes da minha casa. E que é o lugar que escolhi, esse quarto de hóspedes, para ficar, nessa hora em que, para me olhar melhor, precisei me afastar dos ruídos cotidianos da casa. Aqui, no sofá-cama — que foi, coincidentemente ou não, a primeira coisa nova que compramos, num impulso, na loja ao lado da rodoviária aonde chegávamos para uma visita ao apartamento novo ainda em obras —, aqui, no sofá-cama fechado e pessoal,

descubro mais uma coincidência ou não: o quarto de hóspedes é, além de silencioso, temporário por definição. Ao olhar em torno, afinal me vejo. É isso que sou. Uma hóspede.

E descubro quem eu não sou.

No quarto de hóspedes não engrosso a voz que não emito. Vejo, irônica, muito de longe, esse alguém que arredondaria ficções a serem feitas, como já as fiz tantas. Alguém com lógica, acuidade, racionalidades.

Alguém que dissesse claramente quem matou, como matou, quando. Que mentisse. Que não dissesse, não claramente pelo menos, que quem mata sempre sou eu.

(Aqui, neste caso específico, poderia dizer, essa voz, que inclusive eu estive várias vezes na clínica da família de N. Pois, por gentileza dela, peguei, logo quando nos conhecemos, um trabalhinho de redação para o site que eles mantêm no ar. Eu poderia ter voltado. Conhecia os corredores. E é fácil inserir ar num êmbolo.)

Eu, que mato mesmo quando descrevo a morte como natural, acidental. E mato porque quem conta sempre mata aquilo que originou o conto.

Aqui, então, nestas últimas linhas do meu relato, entraria essa voz a levar, a mim e a todos em volta — as pessoas e seus duplos —, até um fim perfeitamente tranquilizador. Seria a voz — que não mais tenho — das soluções dos problemas. Dos problemas reais. E dos inventados — para que fiquem mais fáceis os reais.

Não vai acontecer. Não é mais possível.

Não tenho a menor ideia de como Antônio Carlos morreu. Deixo essa morte assim mesmo, pela metade.

Sem histórias pela primeira vez na vida, estou bem assim.

Copyright © 2010 by Elvira Vigna

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Elisa v. Randow

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Marise Leal

Veridiana Maenaka

ISBN 978-85-8086-387-1

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhidasletras.com.br

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

